



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO “PROF^a. MARIA ELISA DE A. MAIA” (CAMEAM)
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS (DLE)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Curso de Mestrado Acadêmico em Letras
Área de concentração: Estudos do discurso e do texto

Linha de pesquisa: **Texto, ensino e construção de sentidos.**

**A UERN EM TESE(S): ARGUMENTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM
DEPOIMENTOS DE PROFESSORES DO *CAMPUS* DE PAU DOS FERROS**

Elvis Alves da Costa

Pau dos Ferros
2014

ELVIS ALVES DA COSTA

**A UERN EM TESE(S): ARGUMENTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM
DEPOIMENTOS DE PROFESSORES DO *CAMPUS* DE PAU DOS FERROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração: *Estudos do discurso e do texto*, e na Linha de Pesquisa: *Texto, ensino e construção de sentidos*.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.

Pau dos Ferros
2014

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Costa, Elvis Alves da.

A UERN em tese(s): argumentação e transformação em depoimentos de professores do campus de Pau dos Ferros / Elvis Alves da Costa. – Pau dos Ferros, RN, 2014.
130 f.

Orientador (a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. UERN – Pau dos Ferros (RN) – Dissertação. 2. Argumentação-Dissertação. 3. UERN – Teses – Dissertação. 4. Ethos – Dissertação. 5. Efeitos de sentidos – Dissertação. I. Souza, Gilton Sampaio de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/SIB

CDD 401.41

A dissertação “**A UERN em tese(s): argumentação e transformação em depoimentos de professores do Campus de Pau dos Ferros**” de autoria de **Elvis Alves da Costa** foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PPGL/UERN, como requisito necessário para à obtenção do grau de Mestre em Letras, tendo sido APROVADA em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza - UERN
(Presidente)

Prof. Dr. Alexandro Teixeira Gomes - UFRN
Examinador externo

Prof^a. Dr^a. Maria Eliete de Queiroz - UERN
Examinadora interna

Prof^a. Dr^a. Rosângela Maria Bessa Vidal - UERN
Suplente interna

DEDICATÓRIA

À minha querida e eterna mãe **Rita Alves da Costa (in memoriam)**
e ao meu amado e adorado filho **Kerdson Vandrey**.

Aos dois, por me fazer acreditar em um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa um tanto difícil se considerarmos que podemos esquecer de alguém que nos ajudou de forma indireta e seu nome não foi registrado nesse pequeno espaço desta dissertação. No entanto, quero deixar registrado aqui a importância de todos os meus amigos que acreditaram na minha capacidade, no meu empenho e dedicação, que juntos se decepcionaram e se levantaram comigo, que sofriam com minhas angústias, que não foram poucas se somadas com as da graduação, que estiveram presentes em todos os momentos, desde os momentos felizes até os que me fizeram sofrer. Enfim, quero agradecer a todos os meus amigos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para realização desse sonho.

De uma forma muito especial, agradeço a **DEUS** pela oportunidade concedida e pelas bênçãos derramadas em minha vida, uma vez que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, desde o período da graduação, sabia que podia contar com o poder maravilhoso de **DEUS**, uma vez que já dizia o provérbio bíblico “Tudo posso naquele que me fortalece”. Amparado por esse provérbio, sempre tive fé e acreditei que através dos meus estudos poderia chegar a um patamar mais alto e, se não fosse o poder misericordioso e a bondade divina jamais poderia ter realizado esse sonho. Por esses e outros motivos agradeço em primeiro lugar a Ele por mais uma conquista.

A minha querida mãe **Rita Alves da Costa (in memoriam)** pelo exemplo de luta, força e determinação, pelos ensinamentos, pelas reclamações que me fizeram crescer e me tornaram um cidadão de bem, pelo incentivo e apoio incondicional a mim dado desde o momento que iniciei a graduação. A ela o meu eterno agradecimento.

A **Kerdson Vandrey**, meu filho, razão maior do meu viver, por me fazer acreditar num futuro melhor, por me dar forças para lutar por dias melhores, de acreditar que posso conseguir abrir novos horizontes em minha vida e conquistar novos sonhos.

À minha esposa **Jaqueline**, pela compreensão, apoio e incentivo dado quando necessitei, pela paciência e carinho que teve comigo nos momentos de angústia, pelas inúmeras vezes que me ajudou financeiramente, pela confiança depositada em mim, pela força dada nos momentos difíceis, por estar sempre comigo compartilhando das dificuldades e das felicidades. A ela agradeço pelo amor e carinho, enfim, agradeço por fazer parte da minha vida.

Ao meu orientador, que admiro muito, **Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza**, exemplo de vida, pela confiança depositada em mim, pelo apoio e incentivo sempre que precisei, pelos ensinamentos que me fizeram crescer como aluno e como pesquisador, pelo profissionalismo, pela amizade e, sobretudo, pelas várias vezes que me ajudou nos momentos difíceis, o que fez com que eu refletisse sobre a possibilidade de sonhar mais alto, pois sabia que tinha alguém que acreditava no meu empenho, na minha força de vontade de buscar novas conquistas.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, em especial aos professores que se tornaram conhecedores da minha luta desde a graduação até chegar ao mestrado, bem como aqueles que acreditaram no meu empenho e dedicação. **Socorro Maia** pela amizade e pelos ensinamentos tanto como professora da disciplina “*Linguagem e Discurso*”, bem como no projeto de pesquisa “*O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos: a inserção do laptop na escola pública brasileira*” a qual na época em que participei como bolsista CAPES era coordenadora; a **Rosângela Vidal** também pela amizade e pelo incentivo que sempre me deu; a **Luciano Pontes** pelas brincadeiras e pelo aprendizado que adquiri em suas disciplinas; a **Ivanaldo Santos** pelas orientações, por ter dado a oportunidade de publicar um capítulo de livro na disciplina “*Teorias Linguísticas*”, a **Edileuza Costa** pelos seus ensinamentos, ao coordenador e à secretária do PPGL pelas informações a mim concedidas sempre que necessitei, representado respectivamente pelas pessoas de **Manoel Freire** e **Marília Cavalcante**. A eles o meu sincero agradecimento.

Agradeço a **CAPES** pelo apoio financeiro durante esses dois anos de Mestrado.

Aos **informantes** e **colaboradores** dessa pesquisa, pela valiosa contribuição dos seus depoimentos acerca das experiências, momentos e fatos vivenciados na UERN de Pau dos Ferros.

Aos meus novos amigos com os quais compartilhei os ensinamentos e os aprendizados adquiridos ao longo das disciplinas: **Josefa, Andreza, Iane, Francione Brito, Jocenilton** e aos colegas de turma, **Aedson, Marília Costa, Sebastião e Flávia** pelos momentos alegres que me proporcionaram e pela aprendizagem adquirida durante esse curto espaço de tempo em que tivemos a oportunidade de compartilhar os nossos conhecimentos.

À professora **Maria Eliete de Queiroz** pelo aprendizado e pela oportunidade que me deu de viver experiências no ensino superior durante o período do estágio de docência. A ela minha sincera gratidão.

A meu amigo **Zerimar**, pelo incentivo e pela torcida que sempre me deu, tanto na Graduação quanto no Mestrado.

A **Valdir Fernandes** e sua esposa **Nilda**, agradeço pelas várias vezes que almocei e jantei em sua casa, pela disposição que tiveram em me ajudar sempre que precisei, por torcerem pelo meu crescimento e, sobretudo, pela preocupação que demonstraram ter por mim e por minha família.

Não basta falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido, ser lido. Não é pouco ter a atenção de alguém, ter uma larga audiência, ser admitido a tomar a palavra em certas circunstâncias, em certas assembleias, em certos meios. Não esqueçamos que ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista.

(PERELMAN, TYTECA, 2005)

Resumo

Nesta pesquisa analisamos argumentos e teses sobre a UERN, *Campus* de Pau dos Ferros, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos em depoimentos de professores que fizeram parte da história desse *Campus*. Para tanto, utilizamos como *corpus* dez depoimentos de professores de diferentes cursos dessa instituição de ensino. Como aporte teórico, recorremos aos estudos de Perelman e Tyteca (2005), Abreu (2006), Souza (2003, 2008), Reboul (2004), entre outros estudiosos da área. Os resultados revelam que os professores constroem diferentes teses, visto que a maioria deles defende a tese de que o CAMEAM funcionava em condições precárias e não ofertava uma articulação entre ensino, pesquisa e extensão, mas passou por avanços significativos. Outros defendem a tese de que apesar de todas as dificuldades que o CAMEAM enfrentava, havia um material humano diferenciado capaz de fazer acontecer; outros argumentam da relevância do *Campus* de Pau dos Ferros para a região do Alto Oeste Potiguar e estados circunvizinhos e para jovens de toda essa região que querem ascender intelectualmente e realizar o sonho de ir mais longe. Percebemos que os docentes ao falarem sobre a UERN revelam, nos discursos imagens de si, o *ethos*. Esses docentes constroem diferentes *ethos*, a saber: (i) o *ethos* de profissional responsável, dedicado e preocupado com o fazer acadêmico; (ii) o professor que revela o *ethos* de profissional comprometido, preocupado com a formação acadêmica; (iii) o *ethos* de profissional acadêmico; (iv) o docente que revela a imagem de profissional grato ao CAMEAM, bem como para com o curso que se formou e seus professores; (v) o *ethos* de profissional engajado nas lutas e, por fim, (vi) o professor que apresenta a imagem de profissional que superou todas as dificuldades para chegar no patamar desejado. Ao defenderem as teses sobre o CAMEAM produzem vários efeitos de sentidos, instituição em péssimas condições, sem efervescência acadêmica, ambiente acolhedor e de boa relação humana, um lugar especial, diferenciado, um espaço de luta e de oportunidade.

Palavras-chave: UERN Pau dos Ferros, Argumentação, teses, *ethos* e efeitos de sentidos.

Resumen

En esta investigación analizamos argumentos y tesis sobre la UERN, *Campus* de Pau dos Ferros, considerando el *ethos* y los efectos de sentidos construidos en testimonio de profesores que hicieron parte de la historia de ese *Campus*. Para tanto, utilizamos como *corpus* diez testimonios de profesores de distintos cursos de esa institución de enseñanza. Como aporte teórico, recurrimos a los estudios de Perelman y Tyteca (2005), Abreu (2006), Souza (2003, 2008), Reboul (2004), entre otros estudiosos del área. Los resultados revelan que los profesores construyen distintas tesis, visto que la mayoría de ellos defiende la tesis de que el CAMEAM funcionaba en condiciones precarias y no ofertaba una articulación entre enseñanza, investigación y extensión, pero pasó por avances significativos. Otros defienden la tesis de que a pesar de todas las dificultades que el CAMEAM enfrentaba, había un material humano diferenciado capaz de hacer acontecer; otros argumentan de la relevancia del *Campus* de Pau dos Ferros para la región del Alto Oeste Potiguar y provincias circunvecinas y para jóvenes de toda esa región que quieren ascender intelectualmente y realizar el sueño de ir más lejos. Percibimos que los docentes al hablar sobre la UERN revelan, en los discursos imágenes de sí, el *ethos*. Eses docentes construyen distintos *ethos*, a saber: (i) el *ethos* de profesional responsable, dedicado y preocupado con el hacer académico; (ii) el profesor que revela el *ethos* de profesional comprometido, preocupado con la formación académica; (iii) el *ethos* de profesional académico; (iv) el docente que revela la imagen de profesional grato al CAMEAM, bien como para el curso que se ha formado y sus profesores; (v) el *ethos* de profesional engajado en las luchas e, por fin, (vi) el profesor que presenta la imagen de profesional que superó todas las dificultades para llegar al patamar deseado. Al defender las tesis sobre el CAMEAM producen varios efectos de sentidos, institución en pésimas condiciones, sin efervescencia académica, ambiente acogedor y de buena relación humana, un lugar especial, diferenciado, un espacio de lucha y de oportunidad.

Palabras-clave: UERN Pau dos Ferros, Argumentación, tesis, *ethos* y efectos de sentidos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADUERN – Associação dos docentes da UERN

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAMEAM – *Campus* Avançado “Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia”

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DISSE – Discursos e sentidos

D – Depoimentos

GPET – Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

SINTAUERN – Sindicato dos Técnicos Administrativos da UERN

TAD – Teoria da Argumentação no Discurso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Curso de vinculação do professor.....	56
QUADRO 02 – Título dos depoimentos dos professores (sujeitos informantes e colaboradores da pesquisa).....	58
QUADRO 03 – Síntese dos depoimentos dos professores.....	59
QUADRO 04 – Teses sobre o <i>Campus</i> da UERN em Pau dos Ferros.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Quantitativo dos depoimentos dos informantes/colaboradores da pesquisa “vozes”	54
GRÁFICO 02 – Quantitativo dos depoimentos da pesquisa “Vozes”, por segmento acadêmico.....	55
GRÁFICO 03 – Situação funcional dos docentes-informantes junto à UERN.....	57
GRÁFICO 04 – Diferentes <i>ethos</i> em discursos dos professores.....	80
GRÁFICO 05 – Representação dos diferentes sentidos para o CAMEAM	84

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	18
2 NOVA RETÓRICA: DA ANTIGA RETÓRICA À TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO.....	24
2.1 Retórica.....	24
2.2 Argumentação no discurso: questões introdutórias.....	30
2.3 Elementos da argumentação: <i>ethos</i> , <i>pathos</i> e <i>logos</i>	35
2.4 Tipos de argumentos.....	41
2.5 Argumento pelo exemplo e os recursos de presença.....	43
3 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: DA METODOLOGIA DA PESQUISA À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ALGUNS DADOS ANALÍTICOS.....	47
3.1 Como tudo começou: a pesquisa “Vozes”.....	48
3.2 Caracterização da pesquisa.....	50
3.3 O universo de estudo: a constituição do <i>corpus</i>	53
4 ANÁLISE DAS TESES ARGUMENTATIVAS EM DEPOIMENTOS DE PROFESSORES.....	67
4.1 As teses construídas sobre a UERN de Pau dos Ferros.....	68
4.2 O <i>ethos</i> dos professores da UERN nos depoimentos.....	74
4.3 Argumentação e efeitos de sentido sobre a UERN de Pau dos Ferros.....	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
ANEXOS.....	95
Anexo A - Ofício da coordenação da pesquisa.....	97
Anexo B – Modelo de TCLE a ser assinado pelos informantes.....	99
Anexo C – Depoimentos dos informantes na pesquisa.....	101

CAPÍTULO I:
CONSIDERAÇÕES INICIAIS

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nossos sonhos são povoados de palavras; os outros se definem por palavras; todas as nossas emoções e sentimentos se revestem de palavras. (FARACO & TEZZA, 2002, p. 19).

Os estudos em torno da argumentação tem se expandido bastante nessas últimas épocas, após o lançamento da obra Nova Retórica: Tratado da Argumentação de Perelman e Tyteca (2005), abrindo espaço para novas pesquisas interessadas em estudar os processos argumentativos nos mais variados tipos de gêneros. Além disso, evidenciamos, também, o surgimento de novos pesquisadores no assunto, como, por exemplo, Abreu (2006) e Souza (2008a) cujos trabalhos se preocupam em traçar um panorama geral das teorias da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação.

O foco da nossa pesquisa está concentrado nos estudos argumentativos. Baseados nos estudos da Nova Retórica, objetivamos analisar depoimentos de professores que contribuíram para a história da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em Pau dos Ferros, as teses defendidas por esses professores, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos. Sendo assim, o nosso *corpus* está constituído por dez depoimentos de professores de diferentes cursos do *Campus* de Pau dos Ferros. Com os resultados desse estudo pretendemos trazer contribuições para a área da argumentação, bem como poderemos ter a oportunidade de apresentar não só à comunidade acadêmica, mas a toda região do Alto Oeste Potiguar, as teses, o *ethos* dos professores e os efeitos de sentidos construídos em torno da UERN em Pau dos Ferros.

Nesse estudo, abordamos a argumentação no discurso considerando os pressupostos teóricos de Perelman e Tyteca (2005) bem como de outros estudiosos cujas pesquisas estão direcionadas para a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD). Nesse caso, ao considerar essa perspectiva teórica, estamos focalizando a argumentação como arte de convencer e persuadir pelo discurso. Dessa forma, fazemos a seguinte indagação: O que é convencer e o que é persuadir? Mosca (2004, p. 22) define discurso persuasivo como “aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), envolve a

disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)”.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Abreu (2006) aponta que convencer está no campo das ideias, dos pensamentos, de forma que, quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós, enquanto que persuadir está no campo das emoções, isto é, quando persuadimos alguém, conseguimos que esse sujeito faça algo que queiramos não para o nosso próprio benefício, mas para benefício de quem está sendo persuadido.

Consoante a isso, Citelli (1985, p. 21) enfatiza que “Persuadir é gênero e compreende três espécies, três modos de persuadir, a saber, convencer, comover, agradar”. Quando queremos obter resultado sobre certas teses defendidas, a persuasão se sobrepõe em relação ao convencer, tendo em vista que “a persuasão acrescentaria à convicção a força necessária que é a única que conduzirá à ação” (PERELMAN, 2004, p. 59).

Sendo assim, posso muito bem convencer os idosos e a sociedade em geral de que praticar atividades físicas é importante para manter o nosso corpo saudável e em total forma, no entanto, eles, mesmo assim, continuam negligenciando a prática de atividades desportivas. Dessa forma, vê-se a importância de saber argumentar, sobretudo, porque saber utilizar a palavra de modo convincente e persuasiva é adquirir um espaço na sociedade, visto que é por meio da linguagem, seja ela oral ou escrita, que os sujeitos se constituem como seres sociais, e, conseqüentemente, é através do poder da palavra que conseguem alcançar seus propósitos comunicativos.

Como já mencionamos anteriormente, o presente trabalho, de caráter argumentativo, têm como objeto de estudo depoimentos de professores que fizeram parte da história do *Campus* da UERN em Pau dos Ferros. Para tanto, ao considerar os estudos da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação de Perelman e Tyteca (2005), nos aproximamos dos objetivos do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) ao qual esse projeto está vinculado, e nos assemelhamos ainda mais com a linha de pesquisa desenvolvida dentro desse grupo, a saber: “Estudo de processos argumentativos”. Ressaltamos ainda que o projeto em foco se assemelha com algumas pesquisas desenvolvidas pelo GPET por focar os processos argumentativos e a construção de sentidos, seja no espaço acadêmico, na

sociedade, qual seja: (SOUZA, 2008b, 2009, 2010, 2011). É importante salientar que todos esses estudos apresentam em comum o fato de compartilharem categorias da teoria da argumentação, embora que em uns seja enfocados as imagens do orador (*ethos*), em outros, o auditório (*pathos*), e, em outros casos, procuram estudar as teses dos oradores ao defenderem a pertinência e a aplicabilidade de suas pesquisas (*logos*).

Ressaltamos, ainda, que, em nossa pesquisa, a preocupação se volta para a análise de depoimentos de professores, mais precisamente daqueles que fizeram parte dos processos de lutas e conquistas seja por novos cursos, seja por melhores instalações. Para tanto, solicitamos aos sujeitos informantes, através de ofício circular, depoimentos sobre histórias, momentos, experiências, narrativas e fatos que mereçam ser registrados na história desse *campus*.

Como exemplos de estudos que abordam os processos argumentativos, podemos citar algumas pesquisas institucionais desenvolvidas dentro da própria UERN de Pau dos Ferros, a saber, (SOUZA, 2009, 2010, 2011) que traçam um panorama geral dos processos argumentativos na sociedade, no espaço acadêmico e fora deles. Diante disso, vemos a necessidade de uma investigação sobre “A UERN em tese(s): argumentação e transformação em depoimentos de professores do *Campus* de Pau dos Ferros” e, consoante com isso, surge o seguinte questionamento: Como os professores constroem argumentativamente suas teses sobre o *Campus* de Pau dos Ferros? Qual a imagem que os professores da UERN de Pau dos Ferros revelam de si nesses depoimentos? Que efeitos de sentido são construídos nos depoimentos dos professores em torno do *Campus* de Pau dos Ferros?

Para responder a essas perguntas utilizamos como método de coleta de dados a entrevista por meio da mídia eletrônica, o e-mail, bem como material impresso, seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos sujeitos informantes para divulgação pública. Além disso, adotamos como método de análise o dedutivo, definido por Oliveira (2005, p. 54) “como um procedimento de estudo que vai do geral para o particular, isto é, parte de princípios conhecidos para se chegar a certas conclusões”, isto é, adotamos as categorias de análise pressupostas pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) e aplicamos ao nosso objeto de estudo com o objetivo de analisar as

teses, o *ethos* dos professores e os efeitos de sentidos construídos nesse *corpus*.

Consoante a isso, o interesse pelo estudo da argumentação em depoimentos de professores se justifica por motivos pessoais e profissionais. Na condição de aluno do Curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, dessa instituição, no período de novembro de 2007 a novembro de 2011, participei de algumas manifestações ocorridas nesse espaço acadêmico, bem como tive a oportunidade de ver de perto a luta de professores por salários dignos, melhores instalações, mais investimentos para pesquisa e extensão. Desse modo, conhecer as teses, o *ethos* dos professores e os efeitos de sentidos construídos nos depoimentos de professores em torno do *Campus* de Pau dos Ferros é tentar conhecer a si próprio, a UERN e os sentidos para uma educação superior de qualidade em nossa região.

Além disso, o presente estudo se justifica devido a experiências vividas anteriormente como bolsista de Iniciação Científica em pesquisas cujo foco está direcionado para o ensino da leitura e produção de texto no Ensino Superior, mais especificamente no Curso de Letras do *Campus* de Pau dos Ferros (SOUZA, 2008b; SOUZA, 2009; SOUZA, 2010), e especialmente em SOUZA (2008b) que enfoca a construção de sentidos em justificativas de monografias.

Consoante a isso, o objetivo geral de nossa pesquisa é analisar em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros as teses, de modo a considerar o *ethos* dos professores e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos. E, baseado nisso, desenvolvemos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Identificar as teses em depoimentos de professores sobre o *Campus* de Pau dos Ferros;
- ✓ Analisar nos depoimentos de professores do *Campus* de Pau dos Ferros a imagem de si (*ethos*) revelada por eles em seus próprios discursos/depoimentos;

- ✓ Interpretar efeitos de sentido construídos nos depoimentos de professores em torno do *Campus* de Pau dos Ferros.

Em termos de organização, o trabalho está dividido da seguinte forma: No primeiro capítulo, temos as Considerações Iniciais nas quais expomos os principais motivos que nos levaram a desenvolver este trabalho na área dos estudos argumentativos, bem como apresentamos os objetivos a serem alcançados e as possíveis contribuições que essa dissertação de mestrado pode trazer para os estudos argumentativos. No capítulo II, intitulado “Nova Retórica: da antiga retórica à teoria da argumentação no discurso” discutimos os principais conceitos dessa teoria, fazendo algumas reflexões teóricas pelos estudos da retórica, seguidas de uma discussão acerca da argumentação no discurso, em que enfocamos as contribuições de Perelman e Tyteca (2005), Reboul (2004), Souza (2008) dentre outros estudiosos da área. No capítulo III, denominado de “A construção do objeto de estudo: da metodologia da pesquisa à constituição do *corpus* e alguns dados analíticos” abordamos os passos que demos para a realização desse trabalho, isto é, focalizamos o tipo de pesquisa, a caracterização e constituição do *corpus*, os sujeitos informantes, o universo de estudo, o método de abordagem, a forma como coletamos os dados, entre outros aspectos metodológicos apontados nesse trabalho. No capítulo IV “Análise de depoimentos de professores sobre a UERN” discutimos a argumentação nesses depoimentos, focalizando as teses, o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos em torno da UERN de Pau dos Ferros, e, por fim, seguem comentários conclusivos e possíveis contribuições que este trabalho pode trazer para os estudos da argumentação, bem como para a própria história da UERN de Pau dos Ferros.

Acreditamos que, uma vez atingidos nossos objetivos, estamos contribuindo diretamente com os estudos da argumentação no discurso, possibilitando discussões e reflexões em torno dos depoimentos de professores que registraram sua história no *Campus* de Pau dos Ferros, assim como provocará discussões sobre a constituição dos sentidos e da memória desse *Campus*.

CAPÍTULO II:
NOVA RETÓRICA: DA ANTIGA RETÓRICA À
TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

CAPÍTULO II: **NOVA RETÓRICA: DA ANTIGA RETÓRICA À TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO**

A argumentação fundamenta-se em uma fusão de horizontes entre o orador e o auditório, transportando a opinião de um a outro. Sua eficiência, portanto, tomando-se esse quadro em consideração, pode ser verificada a partir do grau de adesão e pela fusão de horizontes entre orador e auditório. (DANTAS, 2012, p. 70).

2.1 Retórica

Há alguns anos, mais especificamente na Grécia, a força física utilizada pelos cidadãos gregos para obter êxito em suas batalhas, cedeu lugar ao poder da palavra, pois aquele que dominasse a palavra de forma eloquente, capaz de influir no pensamento alheio, de provocar convencimento e persuasão, ganhava espaço no seio social, sobretudo, pelo fato de que o domínio da palavra, isto é, sua utilização de maneira convincente e persuasiva, dava ao cidadão grego uma superioridade em relação àquele que buscava suas conquistas usufruindo somente de sua força física. A partir deste momento, o cenário que até então estava pautado nas lutas constantes pelos quais os gregos enfrentavam na busca de defender seus interesses, cedeu lugar a outra arma, qual seja: a palavra.

Diante dessas circunstâncias, Abreu (2006) aponta que era de grande valia para o cidadão grego utilizar a palavra de forma eloquente, de saber argumentar nas assembleias e nos tribunais, sobretudo, porque nesses âmbitos, ao defender seus interesses, deveriam usar a técnica da arte do bem falar. Dessa forma, acrescentamos que a partir do momento em que há uma nova forma de resolver os problemas sociais e políticos, sem a utilização de armas, sem guerras, surge a chamada retórica.

Conforme Maneli (2004) o surgimento da retórica é derivado das necessidades ocorridas no âmbito social e intelectual, em que os cidadãos deviam tomar suas decisões o mais rápido possível e, deveriam tomar de forma racional e não brutal. Com esse mesmo pensamento Reboul (2004), propõe que a retórica é derivada de questões políticas e sociais e seu surgimento data dos anos de 465 a. C., na Sicília, ocasião em que os cidadãos

com o propósito de conquistar seus objetivos enfrentavam grandes conflitos utilizando o poder das armas e da força física. Em consonância a isso, Costa (2010, p. 33) acrescenta que

Ao contrário do que muitos pensam, a retórica nasceu na Sicília, Itália, por volta de 465 a.C, quando os tiranos foram expulsos, e não em Atenas, na Grécia. Os cidadãos despojados pelos tiranos reclamaram seus bens e isso fez com que surgissem vários conflitos judiciais, o que também desautoriza a ideia de que a retórica tem origem literária. (COSTA, 2010, p. 33).

A arte do bem falar e escrever foram ganhando espaço no âmbito social, de forma que a força física e o poder das armas cederam lugar ao poder da palavra. Sendo assim, considerando esse cenário, passa-se a falar em democracia, ou seja, o direito e o desejo de manifestar suas ideias e pensamentos eram livres, não estavam restritos a um cidadão detentor de poder ou a uma classe social privilegiada.

De acordo com Mosca (2004) essa mudança na forma de como resolver os problemas sociais e políticos pôs a retórica no seio social, isto é, notamos a presença de uma nova maneira de lidar com os conflitos de interesses, que deixou de centrar-se na violência face a face e pautou-se no domínio dos signos linguísticos, em outras palavras, o cidadão que conseguisse dominar tal signo de forma convincente e persuasiva seria capaz de obter a adesão da coletividade, e, somente assim, conseguiria alcançar seus propósitos.

Sendo assim, acrescentamos que saber utilizar a palavra de maneira convincente e persuasiva tornou-se a arma mais importante do povo grego na luta pelos seus interesses e pelos seus objetivos, uma vez que a luta corporal já não conseguia obter tanto êxito quanto a utilização da palavra de modo eloquente. Mas é importante salientar que para defender seus objetivos era de fundamental importância para o orador apresentar um discurso consistente, capaz de convencer e persuadir o outro de seus propósitos comunicativos, tendo em vista que conforme Citelli (1985, p. 08), o problema da retórica “não era apenas o de falar, mas fazê-lo de modo convincente e elegante, unindo arte e espírito, bem ao gosto da cultura clássica”.

No entanto, para o orador conquistar um determinado auditório – aqueles que queremos convencer e persuadir pelo discurso - utilizando de palavras eloquentes, da arte do bem falar, torna-se um tanto complicado, sobretudo, porque o discurso retórico é constituído em sua essência enunciativa por um teor de contrariedade, isto é, a tese apresentada pelo orador é sempre incerta e duvidosa. Nesse caso, a incerteza e a dúvida são características marcantes da retórica, uma vez que como esse discurso tem o intuito de convencer e persuadir o outro “só é exercido em situações de incerteza e conflito, em que a verdade não é dada e talvez jamais seja alcançada senão sob a forma de verossimilhança”. (REBOUL, 2004, p. 39).

Sendo assim, consideramos que na retórica o orador deve proferir um discurso seja oral ou escrito de forma coerente, capaz de gerar nos ouvintes o convencimento, a adesão das teses defendidas, de forma que, de acordo com Perelman (2004) o uso de um argumento inadequado pode trazer resultados negativos, visto que

Dizer, por ignorância ou imperícia, a um auditório que é partidário de uma revolução, que tal medida, à qual o auditório estaria inclinado a aderir, diminui a probabilidade de uma revolução, pode ter um efeito exatamente contrário ao que se havia esperado. Por outro lado, enunciar um argumento que o auditório acha duvidoso pode prejudicar, como vimos, a pessoa do orador e, por isso mesmo, comprometer-lhe toda a argumentação. (PERELMAN, 2004, p. 80).

A retórica, definida como “a arte de persuadir pelo discurso” conforme o pensamento de Reboul (2004, XIV), está carregada de intenções, e, sendo assim, entendemos que o discurso retórico pretende alcançar o pensamento alheio através da arte de convencer e persuadir pelo discurso, isto é, o objetivo da retórica é fazer com que suas teses sejam aceitas por um determinado público. Então, apoiamo-nos no pensamento de Perelman (2004, p. 70) ao enfatizar que a meta do discurso retórico “é produzir ou aumentar a adesão de um determinado auditório a certas teses e seu ponto inicial será a adesão desse auditório a outras teses”. Mediante isso, diversos profissionais da linguagem com diversos propósitos comunicativos se utilizam da técnica da arte do bem falar para alcançar seus anseios e propósitos, quais sejam: juristas, filósofos, literatos, pregadores, entre outros. Além disso, Reboul (2004,

XIV) enfatiza que são inúmeros os tipos de textos que possuem caráter persuasivo, entre eles podemos destacar “pleito persuasivo, alocução política, sermão, folheto, cartaz de publicidade, panfleto, fábula, petição, ensaio, tratado de filosofia, de teologia ou de ciências humanas”.

A principal característica da retórica é conquistar o outro pelo discurso, de utilizar a arte do bem falar ao ponto de mudar conceitos já formados. Esse discurso bem falado, eloquente, é tido muitas vezes como falso, manipulador e enganoso. Sobre isso, Mosca (2004) acrescenta que esse conceito negativo empregado em muitas ocasiões à retórica é derivado dos sofistas, pois conforme o autor, esse conceito de negação está ganhando *status* de liberdade, de forma que algumas expressões como, por exemplo, “a hora não é de retórica”, “chega de retórica” foram bastante comuns nos meio jornalísticos, o que de fato prova uma visão bastante distorcida da concepção de retórica defendida por Aristóteles, vista como ciência e como meio para adquirir os conhecimentos humanos.

Maneli (2004) põe em evidência que a retórica não pode carregar em sua essência tal definição, de discurso falso e manipulador, uma vez que para ele o discurso retórico não serve para fins imorais, nem tão pouco para manipular os cidadãos com promessas falsas e enganadoras, usadas muitas vezes por pessoas relacionadas ao poder público.

Dessa forma, entendemos que o discurso retórico concentra-se na persuasão e tende a ganhar a adesão dos interlocutores utilizando um discurso “justo”, em que não há promessas, nem manipulação, de maneira que o mérito da adesão às teses que são apresentadas ao auditório é somente derivado do discurso do próprio orador. Com isso, apoiamo-nos no pensamento de Tringali (1988) e acrescentamos que a força da retórica está na persuasão, na eloquência, e conseqüentemente, na forma como o orador se apresenta perante seu público.

De outro modo, para Citelli (1985), a retórica não pressupõe ética, visto que seu propósito não é pôr em evidência o que é verdadeiro ou falso, mas sim, verificar o que de fato foi utilizado, quais passos foram dados para que uma determinada tese seja capaz de ganhar a dimensão de verdade. Assim sendo, o objetivo da arte retórica não está relacionado a aquilo que é proferido, mas sim, da forma como aquilo foi dito, de quais estratégias argumentativas o

orador se apoiou para que suas teses fossem aceitas pelo auditório. Diante disso, mencionamos Citelli (1985, p. 11) quando diz que “a Retórica não entra no mérito que está sendo dito, mas, sim, no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente”.

Nesses termos, ressaltamos que o objeto da retórica bem como enfatiza Perelman e Tyteca (2005) não pressupõe uma verdade absoluta, mas está relacionado à eloquência e às diversas estratégias utilizadas pelo orador ao proferir seu discurso, ou seja,

O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 02).

O campo da retórica, segundo Mosca (2004), está no âmbito dos conhecimentos prováveis, de sorte que seu lugar é o da incerteza, da controvérsia, formada principalmente pelo confronto das ideias postas no jogo discursivo, assim como pela habilidade do orador na defesa de sua tese.

Ainda sim, consideramos que a retórica relaciona-se ao verossímil presente em algumas esferas sociais, seja política e econômica, aliás, enfatizamos que a presença do discurso retórico está inserida em todos os aspectos relacionados à vida no seio social, em que a beleza e o encantamento das palavras possam predominar, servindo para conquista do auditório.

O discurso retórico, conforme propõe Reboul (2004), possui algumas funções discursivas, a saber: a função persuasiva, a função hermenêutica, a função heurística e a função pedagógica. Na função persuasiva, como o próprio nome pressupõe, têm-se discursivos persuasivos, capazes de influir no pensamento alheio, de mudar opiniões. Na função hermenêutica, o nosso olhar está direcionado para o auditório, uma vez que, procuramos conhecer e interpretar o nosso interlocutor; a função heurística, por sua vez, é caracterizada basicamente pela implicitude, de modo que na oratória não devemos nos deter ao valor da conquista ou à eloquência das palavras, mas

devemos nos preocupar em proferir um discurso capaz de fazer novas descobertas. Por fim, a função pedagógica se insere no campo da retórica pelo fato de os professores, mesmo de forma consciente ou inconsciente, apoiar-se na arte do bem falar para atingir seus propósitos comunicativos.

Semelhante a isso, e conforme Mosca (2004), é importante salientar que, além dessas funções discursivas, a retórica apresenta-se dividida em quatro partes, sendo estas de origem grega e criada por Aristóteles, qual seja: *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*, de modo que foi acrescentada mais uma de origem romana, a *memória*.

O *inventio* é o repertório de argumentos do qual dispomos para defender nossa tese acerca de um determinado tema, ou seja, “é o estoque do material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso”. (MOSCA, 2004, p. 28).

O *dispositivo* relaciona-se à ordem do discurso, desde o momento em que é proferido, isto é, a forma como o orador organiza suas ideias, “é a maneira de dispor as diferentes partes do discurso [...] Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano”. (MOSCA, 2004, p. 28).

Já o *elocutio* está relacionado às escolhas realizadas pelo orador, é o estilo usado para adequar a forma ao conteúdo, conforme Mosca (2004, p. 28) “é o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/contéudo”.

O *actio* se refere à forma como o orador se posiciona para defender suas teses, como ele se impõe no discurso, “é a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da retórica. Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade”. (MOSCA, 2004, p. 29).

E por fim, a *memória*, que está relacionada à quantidade de informações que o orador é capaz de adquirir mediante um discurso, principalmente quando se trata de um discurso oral, de acordo com Mosca (2004, p. 29), “é a retenção do material a ser transmitido, considerando-se, sobretudo o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório”.

2.2 Argumentação no discurso: questões introdutórias

São vários os estudiosos da argumentação, dentre eles podemos destacar Perelman e Tyteca (2005), Abreu (2006), Souza (2008a) que estão preocupados com o caráter argumentativo da linguagem, e dessa forma, direcionam seus estudos com o propósito de entender o discurso enquanto instância social, discursiva e ideológica. Mediante isso, propomos nesse tópico, discutir algumas concepções em torno do discurso persuasivo. Trataremos o discurso enquanto prática social, em que o orador na busca de dar credibilidade e pertinência aos seus propósitos comunicativos tenta estabelecer um contato positivo com seus interlocutores, a fim de influir no pensamento alheio e provocar a aceitação de suas teses.

Ressaltamos que desde a Grécia Antiga, a utilização da palavra de maneira eloquente e convincente tornou-se um dos principais recursos dos cidadãos gregos. Na sociedade atual, não é diferente, pois saber se posicionar de maneira precisa e persuasiva diante de um determinado público é bastante significativa no meio em que estamos inseridos. Com efeito, sabemos que a teoria argumentativa passou por modificações desde a retórica até chegar à teoria da argumentação de Perelman e Tyteca (2005), mas o propósito permanece o mesmo, qual seja: convencer e persuadir pelo discurso.

Sobre isso, Mosca (2004) enfatiza que ao realizarmos uma atividade discursiva estamos de forma consciente ou inconsciente utilizando da argumentatividade, pois no momento em que dialogamos, em que defendemos nossas ideias, passamos a considerar o outro como sujeito capaz de reagir e interagir com os nossos propósitos comunicativos.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio e conforme Gomes (2003) acrescentamos que o texto argumentativo tem uma relevância significativa para as atividades de comunicação, visto que, a argumentação se manifesta de diversas maneiras, a partir de contextos formais ou do próprio cotidiano. Assim sendo, essa forma de manifestação da linguagem é uma das mais presentes em nossas vidas, uma vez que constantemente estamos realizando conversas informais, bem como participando de atos formais, como por exemplo, palestras, seminários, debates, entre outros, isto é, em alguns momentos atuamos como locutores e, em outros, somos meros interlocutores.

Dessa forma, em todo e qualquer discurso, seja oral ou escrito, apoiamo-nos na argumentação para defender nossas teses. Contudo, em muitas ocasiões somos influenciados pelo senso comum, e conceituamos a argumentação como sinônimo de manipulação. Dessa forma, Abreu (2006, p. 10) aponta que:

Segundo o senso comum, argumentar é vencer alguém, forçá-lo a submeter-se à nossa vontade. Definição errada! [...] Seja em família, no trabalho, no esporte ou na política, saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa vontade dentro da verdade do outro.

A argumentação não pode ser vista a partir desse prisma, como sendo discurso enganador, manipulador, sobretudo, porque a palavra argumentar tem um sentido muito mais amplo e muito mais significativo, uma vez que não importa os motivos, nem tão pouco com quem argumentamos, o que interessa é a forma como utilizamos as palavras, os nossos argumentos, isto é, a maneira de como conquistamos nossos objetivos dentro dos objetivos do outro, de modo que se pode dizer que a Teoria da Argumentação, conforme Maneli (2004) é a arte de persuadir pelo discurso, de influir o pensamento das pessoas, sejam elas boas ou más.

Desse modo, ao considerar a argumentação como a arte de convencer e persuadir pelo discurso, colocamos em evidência a nossa intenção comunicativa, pois quando pretendemos convencer, devemos lançar ao nosso auditório um discurso bastante objetivo que consiga levar a certas evidências. Ao contrário de quando queremos persuadir, nesse caso, devemos utilizar bons argumentos, plausíveis e subjetivos, que sejam capazes de mudar o pensamento e a ideologia da mente alheia.

Na argumentação, o comportamento do orador é de fundamental importância para conquistar a adesão de seus ouvintes, de forma que a maneira como se posiciona perante o outro, o seu vestir, o seu modo de lidar com as palavras, seus gestos, a relação estabelecida com o outro são pontos relevantes para ter um bom discurso argumentativo.

Nesse caso, compreendemos que para o ato argumentativo se desenvolver de maneira eficaz é preciso que orador se preocupe com seu público alvo, de modo a interagir com seu semelhante, fazendo compartilhar dos seus propósitos comunicativos. Sobre isso, Perelman (2004) enfatiza que o desenvolvimento de uma boa argumentação se dá primeiramente através da preocupação, do valor que o orador dá à adesão alheia, visto que aquele que profere o discurso e aquele que ouve deve formar uma comunidade, já que os mesmos compartilham e/ou se interessam pelo mesmo problema.

A Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), representada especialmente pelas discussões de Perelman e Tyteca (2005), é uma prática da linguagem, uma interação social, cujo objetivo é estabelecer um contato positivo com seus interlocutores, com o propósito de convencer o outro da validade de suas teses. O ato de argumentar é visto como um processo que o orador usa para convencer ou persuadir um auditório, no intuito de defender um determinado argumento ou opinião, estabelecendo, assim, um contato social.

Pensando nisso e com o propósito de entender melhor os efeitos de sentido construídos a partir de toda e qualquer argumentação, apropriamo-nos dos objetivos da argumentação postulados por Perelman e Tyteca (2005), qual seja:

provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentamento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstração) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 50).

De acordo com o que propõem os autores, podemos dizer que a argumentação é uma ação humana carregada de intenções comunicativas, cujo intuito é inferir no pensamento do outro tentando convencer o seu interlocutor a compartilhar das mesmas ideias e opiniões, ou seja, o ato de argumentar é um contato social estabelecido entre orador e auditório em que

aquele que profere o discurso tenta persuadir o seu ouvinte, a defender a tese por ele apresentada.

No entanto, ressaltamos que essa adesão pode ser reforçada ou diminuída através dos diversos tipos de argumentos, de forma que na tentativa de inferir na mente do interlocutor o orador apresenta razões pró e contra, uma vez que é por meio do discurso que todo indivíduo pode praticar uma ação. De acordo com os pressupostos de Perelman (2004, p. 208), "Na argumentação, não se separa a razão da verdade, nem a teoria da prática".

Com esse mesmo enfoque, Abreu (2006) compreende que para argumentar não é necessário utilizar a força física, forçando o nosso interlocutor a realizar ações que nos interessa. É preciso convencer o outro no campo das ideias e persuadir no campo das emoções, visto que argumentar é saber se relacionar com o outro, é pensar no outro, é saber ouvir e entender o nosso auditório.

Em consonância com esse pensamento, Souza (2008, p. 62) enfatiza que a argumentação é uma prática de linguagem em que "o orador deve preocupar-se com o auditório, uma vez que objetiva convencer este da validade de suas teses (*logos*). Mas, para isso, também é preciso construir a sua imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo a do auditório, para persuadi-lo (*pathos*)".

Todo ato argumentativo necessita estabelecer um contato intelectual entre aquele que fala e aquele que ouve, de modo que, a aceitabilidade dos seus argumentos depende basicamente desse contato positivo com seu interlocutor. Então consideramos que a empatia e a confiança adquiridas durante esse processo argumentativo são de fundamental importância quando proferimos ou produzimos um determinado texto, quando defendemos teses almejando convencer o nosso auditório da veracidade ou plausibilidade de nossos argumentos, de nossas teses (*logos*).

Dessa forma, toda e qualquer argumentação tende a mudar o pensamento dos ouvintes, a modificar aquilo que já está posto na mente alheia, e isso se dá através da intensidade das teses que lhes são apresentadas e a consequente ação que elas podem produzir em nosso interlocutor. Sendo assim, consideramos que um discurso argumentativo possui na sua essência discursiva intenções comunicativas, que dependendo do seu nível de

intencionalidade provoca o convencimento e/ou a persuasão, pois como bem menciona Koch (2008, p. 15) é somente do texto argumentativo que a “linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade”.

Com base nisso, ressaltamos que em um processo argumentativo o êxito e a clareza do discurso dependem basicamente do orador, da força de seus argumentos, visto que de acordo com Abreu (2006) quando a argumentação não consegue alcançar seus objetivos, se há uma falha na comunicação, o único responsável por tal fato é o próprio orador.

Mediante isso, o orador – aquele que profere o discurso – está sempre preocupado com a adesão de seus ouvintes, e isso ocorre logo no início do processo argumentativo, de modo que, como bem enfoca Perelman (2004), a argumentação é antes de tudo uma ação em que um determinado indivíduo ao qual denominamos de orador, pratica uma ação sobre outro sujeito que denominamos de ouvinte, capaz de gerar outra ação.

No entanto, dependendo de como o orador se posiciona para defender seus propósitos, nem sempre ele consegue ganhar a aceitação por parte de seus interlocutores, o que não significa que os argumentos postos em evidência sejam insuficientes, infundados ou fracos. Contudo, de acordo com o pensamento de Maneli (2004) são várias as razões pelas quais os argumentos podem sofrer rejeição, nesse caso, destacamos para efeito de exemplo, as mentiras que podem ser postas na mesa antes mesmo que imaginemos.

Apesar de toda essa discussão, salientamos que vários estudiosos confundem muito a argumentação com a demonstração. Reboul (2004) procura fazer uma distinção entre elas, apontando que enquanto a demonstração se preocupa em concluir uma proposição por meio de verdades absolutas, a argumentação está preocupada com cinco características bastante significativas, quais sejam: 1) “dirige-se a um auditório; 2) expressa-se em língua natural; 3) suas premissas são verossímeis; 4) sua progressão depende do orador; 5) suas conclusões são sempre contestáveis”. (REBOUL, 2004, p. 92).

Além disso, acrescentamos que os questionamentos bem como a opinião dos nossos interlocutores estão sempre em jogo, tendo em vista que

apesar de o auditório ter aceitado as nossas teses, não podemos colocar um ponto final no processo argumentativo, de sorte que a opinião de nossos interlocutores acerca de uma determinada tese pode mudar, enfraquecer, e isso acontece naturalmente, de forma que em muitas ocasiões o orador não consegue perceber tal mudança e o desfecho final de sua argumentação acaba não obtendo êxito. Dessa forma, compartilhamos do mesmo pensamento de Perelman (2004, p. 372), ao dizer que, “[...] os efeitos de uma argumentação não são definitivos, que a adesão é modificável com o tempo, geralmente enfraquece, ainda que às vezes constatemos, ao contrário, um fortalecimento inesperado”.

Nesse sentido, acrescentamos que saber argumentar não é somente defender uma tese diante de um determinado público, é sim, saber adentrar no pensamento alheio, procurando conhecer seu público no que diz respeito às suas qualidades e falhas, visando à persuasão, e, sobretudo, cuidando para que o discurso argumentativo não seja visto como um discurso manipulador.

2.3 Elementos da argumentação: *ethos*, *pathos* e *logos*

O orador quando defende uma tese se posiciona de diversas formas com o propósito de convencer seu auditório, isto é, as pessoas que queremos convencer da pertinência e aceitabilidade das teses que lhe são apresentadas para seu assentamento e, desse modo, constroem a partir de seu discurso sua própria imagem, ou seja, seu *ethos*. No entanto, na construção dessa imagem, segundo Amossy (2005), não é necessário fazer nossa apresentação perante o público, nem tão pouco apresentar nossas características, de sorte que no momento em que construímos o nosso discurso, lançamos pistas acerca desta imagem, e assim, deixamos transparecer o estilo, a visão de mundo, o conhecimento que temos sobre determinada temática, enfim, a maneira como nos posicionamos permitirá aos ouvintes construir a nossa imagem.

Então, ressaltamos que nos estudos da argumentação, o *ethos* é entendido como a imagem que o orador constrói de si mesmo perante seu auditório, deixando-se marcar no próprio discurso dos interlocutores. Sobre isso Fiorin (2008) ainda acrescenta que o *ethos* não está no enunciado, mas na enunciação, uma vez que o fato de um determinado professor dizer que tem

experiência na área, que é competente, não constrói sua imagem, visto que a construção do *ethos*, neste caso, depende da maneira como o professor conduz sua aula, como encaminha suas atividades, como apresenta as discussões acerca da temática em questão. Sendo assim, podemos dizer que a partir do momento em que começa a discutir o conteúdo, sua imagem começa a ser construída, de forma que de acordo com Fiorin (2008, p. 139) “o *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito”.

Nessa perspectiva, consideramos que o *ethos* é construído a partir do momento em que o orador dá início ao seu discurso, tendo em vista que a construção de sua imagem tanto pode estar relacionada às informações que são transmitidas previamente, como também na forma em que o orador apresenta seu discurso, isto é, na ocasião em que procura convencer/persuadir seu auditório da pertinência e/ou aceitabilidade de sua tese.

De acordo com a acepção de Meyer (2007), o *ethos* está ligado às pessoas e não tem objeto próprio. Assim sendo, em um processo argumentativo, os autores/oradores, ao defenderem suas teses, estabelecem um contato com seus interlocutores e, conseqüentemente, apresentam suas marcas, criam seu *ethos*. É partindo desse pressuposto de que o autor/orador sempre mantém uma interação com seus interlocutores com o propósito de convencer um determinado auditório da validade de suas teses (*logos*), construindo a sua imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo, a imagem deste auditório (*pathos*), visando à persuasão.

Consoante a esse modo de pensar, Meyer (1994, p.43) enfatiza que “o orador é simbolizado pelo *ethos*: a sua credibilidade assenta no seu caráter, na sua honorabilidade, na sua virtude, em suma, na confiança que nele se deposita”.

Nesse sentido, acrescentamos que o *ethos* diz “respeito à afetividade [...] o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório”. (REBOUL, 2004, p. XVII). Isto significa que o *ethos* está intimamente relacionado com o caráter do orador, com suas virtudes e suas crenças, pois o caráter, a ética e a credibilidade são fatores de fundamental importância para a argumentação, uma vez que, quando o orador argumenta de forma ética, ganha a simpatia e a confiança de seu público,

construindo, assim, uma imagem positiva perante seu auditório, tendo em vista que o sucesso do discurso argumentativo depende e muito do *ethos* do autor/orador.

Levando em consideração o pensamento de Reboul (2004), o orador, em seu processo de conquista, deve apresentar algumas características que possam ganhar a credibilidade diante de seus interlocutores, a saber: a sensatez, a sinceridade e a simpatia. Para ele, a sensatez é importante porque permite ao orador uma aproximação com seus ouvintes, a partir da qual ganha a confiança para dar-lhes conselhos pertinentes; a sinceridade diz respeito ao discurso proferido de forma ética, em que não há omissão dos fatos, e a simpatia quando o orador se mostra capaz de ajudar o seu próximo e, sobretudo, quando passa a entender que seu auditório é o elemento mais importante em um processo argumentativo.

O orador - aquele que quer convencer, persuadir pelo discurso – atua como elemento central para, que de fato, a adesão às teses que lhes são apresentadas venha a ocorrer. Para tanto, necessário se faz estabelecer uma proximidade com o auditório, conquistá-lo não só pelo discurso, mas, sobretudo, compreender o discurso do outro, tendo em vista que, conforme Reboul (2004), para ser um bom orador é necessário saber com quem está falando bem como tentar entender o discurso do nosso interlocutor, procurando captar o não dito.

Ainda assim, ressaltamos que a pessoa do orador é de fundamental importância para a argumentação, pois quando se argumenta, quando se defende uma opinião, é preciso bastante empenho, muita seriedade e, sobretudo, personalidade, sendo que “a personalidade do orador garante a seriedade da argumentação, inversamente, uma argumentação fraca ou desastrada diminui a autoridade do orador”. (PERELMAN, 2004, p. 75).

Perelman e Tyteca (2005, p. 27) definem o orador como “aquele que tem ascendência sobre outrem, parece animado pelo próprio espírito de seu auditório”. No entanto, para ganhar essa ascendência sobre o auditório é necessário que ambos compartilhem do mesmo código linguístico, pois “se não há um código comum entre o orador e o auditório, a comunicação retórica se frustra: seja quando o orador fala na língua do auditório, mas não se faz

entender, seja quando o orador fala língua estrangeira” (TRINGALI, 1988, p. 161).

Nos estudos sobre a argumentação, Perelman e Tyteca (2005) fazem um resgate do conceito de auditório, e o apresentam dividido em universal e particular. A diferença é que o auditório universal representa um conjunto de pessoas sobre as quais não temos controle de variáveis, ou seja, um público mais abrangente, menos definido, enquanto que o auditório particular representa um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos, que se refere a interlocutores menos variados e em situações definidas.

Nessa perspectiva, é importante que o orador tenha conhecimento do contexto social e ideológico que envolve seus ouvintes. Assim sendo, nesse processo em que um tenta convencer o outro da aceitabilidade ou plausibilidade de uma tese, é relevante levar em consideração os fatores sociais que identificam os sujeitos na sociedade enquanto seres sociais, uma vez que, para que a argumentação possa ocorrer de forma satisfatória, de acordo com o pensamento de Tringali (1988) é necessário que o orador se adeque às condições de seu auditório, uma vez que a existência do orador está em função do auditório.

Nesse caso, observamos que bom orador é aquele que consegue se adequar às condições sociais e, principalmente, às condições linguísticas a que seu auditório se encontra, uma vez que o orador não pode utilizar uma linguagem de um advogado ou de outro profissional qualquer, diante de um auditório composto por agricultores, pois é preciso “[...] ter especial cuidado para não usar termos de informática, ou de engenharia, para quem não é de engenharia e assim por diante”. (ABREU, 2006, p. 38).

Contudo, o orador ao defender uma tese, pode dirigir seu discurso para diferentes auditórios (conjuntos daqueles que queremos convencer, persuadir), que se apresentam de diferentes formas, que pode ser um conjunto grande de pessoas, um grupo pequeno, uma nação ou uma pessoa.

O auditório, conforme Perelman (2004), apresenta uma diversidade enorme, podendo variar no tamanho, na idade, no sexo, no temperamento, na competência, na forma como admite e opina sobre determinada tese, entre outros fatores que influenciam diretamente a adesão às teses apresentadas. Sobre a variedade dos auditórios, Perelman (2004) aponta algumas

características que podem nos ajudar a identificar esses interlocutores no discurso, uma vez que

O auditório universal tem a característica de nunca ser real, atualmente existente, de não estar, portanto, submetido às condições sociais ou psicológicas do meio próximo, de ser, antes, ideal, um produto de imaginação do autor e, para obter a adesão de semelhante auditório, só se pode valer-se de premissas aceitas por todos ou, pelo menos, por essa assembleia hipercrítica, independente das contingências de tempo e de lugar, à qual se supõe dirigir-se o orador. O próprio autor deve, aliás, ser incluído nesse auditório que só será convencido por uma argumentação que se pretende objetivo, que se baseia em “fatos”, no que é considerado verdadeiro, em valores universalmente aceitos. (PERELMAN, 2004, p. 73).

Por outro lado, conforme Reboul (2004, p. 93), “um auditório é, por definição particular, diferente de outros auditórios. Primeiro pela competência, depois pelas crenças e finalmente pelas emoções”. Com efeito, nem tudo que é aceito por um determinado auditório, pode ser aceito por outro, uma vez que nossos ouvintes admitem valores, emoções, crenças, hierarquias, que se diferem dos outros, uma vez que o que é admitido por um auditório pode não ser por outro.

Nesse sentido, o auditório tem uma importância significativa na análise de discursos, tendo em vista que o orador, na constituição de seu discurso, procura estabelecer um acordo prévio com seus interlocutores. Isso se dá em virtude dos valores que o próprio orador julga que o auditório para o qual está dirigindo seu discurso precisa ter, com vistas a conseguir a adesão à tese defendida.

Para Souza (2008b), a noção de auditório tomando como base os estudos aristotélicos, permite-nos estabelecer uma aproximação entre a Nova retórica ou teoria da Argumentação com o interacionismo sociodiscursivo bakhtiniano, tendo em vista que Bakhtin (2005) também trabalha com o conceito de auditório, o *auditório social* que se assemelha ao *auditório particular* perelmaniano, e *auditório médio* que é correspondente ao *auditório universal* de Perelman (2005), de modo que ambos consideram a linguagem como dialógica.

O orador para conseguir a adesão de seus ouvintes precisa se apoiar em teses muito bem fundamentadas, muito bem propostas, que possam, de fato, justificar a pertinência do objeto que se propõe defender. De acordo com o pensamento de Souza (2008b, p. 67 – 68),

As teses constituem categorias de análise, tanto da Retórica quanto da Dialética, como algo provável (*logos*) também passível de ser demonstrada argumentativamente. [...] na análise de um texto, a tese deve ser buscada na idéia central, a mais verossímil, mais provável, naquela em que os argumentos utilizados colaboram, para a sua delimitação; ela é a que enuncia as nuances sócio-ideológicas do orador e os efeitos argumentativos e persuasivos do próprio texto. Por isso em algumas situações utilizamos tese e discurso como sinônimos.

Sempre que argumentamos, estamos defendendo teses (*logos*), construímos nossa imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo, pressupomos um auditório (*pathos*). Sendo assim, em um processo argumentativo considera-se que o autor apresente a ideia central/axial de seu estudo e que esta seja defendida/justificada quanto à sua relevância e pertinência, almejando convencer seu público da veracidade ou plausibilidade de seus argumentos, ou seja, buscando um efeito argumentativo, de forma que para uma argumentação ser eficaz é preciso apresentar boas teses.

Quando se defende um determinado ponto de vista, isto é, defende-se uma tese, o orador se utiliza de técnicas argumentativas – recursos utilizados pelo o orador para dá credibilidade e validade as teses apresentadas aos seus interlocutores - tendo em vista que uma funcionará como central ou axial ancorada por outras que podem aparecer para lhe dar sustentabilidade e o ajudarão a ganhar credibilidade e, conseqüentemente, a adesão do seu auditório. Essa tese central, conforme Perelman e Tyteca (2005, p. 51), funciona como “uma proposição (uma frase) que formula precisamente o que diz o texto (e, de maneira mais geral, o que diz a inteligência em face da realidade), tendo em vista enunciar o verdadeiro ou falso”. Podemos dizer, portanto, que a tese é a própria temática do texto, cuja defesa se dá por meio de vários tipos de argumentos.

Entendemos, ainda, que essa tese ou proposição proposta pelo orador se apresenta como uma síntese, cujo objetivo é enunciar o verdadeiro ou o

falso. No entanto, Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que há uma confusão entre tese e problemática, de modo que, para o autor, “quando digo: a vida existe em outros planetas, enuncio uma tese, mas essa tese deve ser provada. Portanto, tenho de me haver com uma questão, com um problema” (p. 58).

Diante desse problema de definição entre tese e problemática, Perelman e Tyteca (2005) identificam uma tese como uma única palavra, a ideia central do texto, a mais verossímil. Em consonância com isso, Abreu (2006) enfatiza que para efeito de exemplo um simples produto quando apresentado por um vendedor a um cliente, se torna a própria tese, tendo em vista que o vendedor passa a defender as qualidades daquele produto, dando-lhe credibilidade e, conseqüentemente, tentando convencer o consumidor da veracidade de seus argumentos, e, ao mesmo tempo, persuadindo-lhe a comprar aquele produto.

Partindo do pressuposto de que o orador sempre apresenta a ideia/tese central de seu discurso, almejando convencer o seu auditório da veracidade ou plausibilidade de seus argumentos, de sua tese (*logos*), as técnicas argumentativas atuam como fator relevante, pois bem como enfatiza Souza (2008b, p. 68), “As técnicas argumentativas são recursos discursivos utilizados pelo orador na construção de um texto, na defesa de uma tese”, isto é, desempenham um papel de fundamental importância na constituição dos sentidos, no intuito de comprovar a pertinência do trabalho. Nesse caso, Abreu (2006) resalta que o propósito de uma técnica argumentativa é estender uma ponte que mantenha relação entre as teses de adesão inicial e a tese principal.

2.4 Tipos de argumentos

Conforme Perelman e Tyteca (2005), as técnicas argumentativas se apresentam divididas em quatro grandes grupos de argumentos, sendo os três primeiros por associações de noções, e o último por dissociações de noções, quais sejam: 1) **os argumentos quase-lógicos**: a) de contradição, b) por identidade, definição, analiticidade e tautologia, c) a regra de justiça e a reciprocidade, d) argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão, e) argumentos de comparação; 2) **argumentos baseados na estrutura do real**: a) as ligações de sucessão; e b) as ligações de coexistência, e 3) **argumentos**

que fundam a estrutura do real: a) fundamento pelo caso particular (exemplo, ilustração e do modelo/antimodelo) e o raciocínio pela analogia; e 4) os **argumentos por dissociação das noções:** aparência/validade, meio/fim, letra/espírito, etc.

Os argumentos quase-lógicos, como o próprio nome sugere, se amparam em princípios lógicos, e, segundo Perelman e Tyteca (2005, p. 219), “pretendem certa convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos”.

Os argumentos baseados na estrutura do real são argumentos que se utilizam da realidade social, uma vez que, conforme Souza (2008b, p. 69), “se utilizam de “validades” que se apresentam na própria sociedade” com o intuito de estabelecer e promover juízos já admitidos pela sociedade.

Os argumentos que fundam a estrutura do real, de acordo com a acepção de Perelman e Tyteca (2005), são argumentos que se apresentam de forma empírica, mas que, no entanto, se baseiam na estrutura do real, isto é, são argumentos que estabelecem relações entre as coisas sem apresentar nenhum tipo de suspeita.

Já os argumentos por dissociação das noções dissociam as noções em pares hierarquizados, tais como: aparência/realidade; letra/espírito, entre outros. Perelman e Tyteca (2005, p. 469) afirmam que “A dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais [...] já não se trata, nesse caso, de cortar os fios que amarram elementos isolados, mas de modificar a própria estrutura destes”.

Nessa perspectiva, uma boa argumentação e, sobretudo, um bom orador, é aquele que sabe adequar seu discurso para as diferentes situações comunicativas, aquele que sabe utilizar as técnicas argumentativas de maneira correta, tentando conquistar pela palavra, pelo seu modo de se relacionar com o outro, pela simpatia e pela confiança que passa para seu auditório. Na argumentação, a credibilidade do orador fala mais alto, é a ética que deixa o discurso mais consistente, mais verossímil, é a imagem do orador (*ethos*) em comunhão com sua própria tese (*logos*) que estabelece um efeito convincente e persuasivo com seus interlocutores (*pathos*), que faz com que um processo argumentativo, seja, de fato, argumentativo, e não um mero discurso vazio, manipulador, sem sentido e sem lógica.

2.5 Argumento pelo exemplo e os recursos de presença

Na teoria da argumentação no discurso, é comum utilizarmos de estratégias argumentativas para defender nossas teses e ganhar a adesão alheia. Entre essas estratégias, com as quais o orador sustenta seus propósitos comunicativos está o argumento pelo exemplo. Inserido no grupo das ligações que fundamentam a estrutura do real, esse argumento, apesar de poder ser apresentado de várias maneiras, sua principal característica, mesmo que de forma temporária, é apresentar o estatuto de fato. Isso se justifica em virtude da credibilidade do argumento pelo exemplo, uma vez que se fora apresentado apenas como suposições, poderá ser negado pelo auditório, o que comprometerá toda argumentação.

Com base no que foi dito, entendemos que o orador ao utilizar o argumento pelo exemplo, com o intuito de ganhar a adesão do seu interlocutor por meio das teses que lhes são apresentadas, se utiliza de eventos ou acontecimentos para ter uma maior aceitabilidade. Sendo assim, quando o orador usa o argumento pelo exemplo, este tem que ser bem posto diante de seus ouvintes, pelo fato de que não pode ser rejeitado, pois o próprio exemplo servirá de conclusão para tese defendida e certamente para a adesão do seu auditório.

Baseado no exposto e considerando as orientações de Perelman e Tyteca (2005) consideramos que nem toda descrição de um objeto, ser ou coisa, pode ser caracterizado como exemplo a ser seguido, pois muitos dos fatos que relatam características de tais fenômenos são meras ilustrações das quais não podemos tirar lições.

Contudo, quando utilizamos um fenômeno particular para reforçar nossa argumentação, poderemos obter muito mais êxito, uma vez que o argumento pelo exemplo passa a ganhar o status de fato, de um relato concreto, de uma tese verdadeira, o que possibilitará maior aceitação e, conseqüentemente, a adesão do auditório as teses defendidas pelo orador. Desse modo, acrescentamos que na “argumentação pelo exemplo, o argumento escolhido não pode, de forma alguma, ser contestado, uma vez que é esse exemplo que vai servir de fundamentação à conclusão”. (SOUZA, 2008, p. 76).

Desse modo, quando o argumento pelo exemplo é lançado ao auditório, deve ser considerado pelo auditório como prova irrefutável, de sorte que, o orador pode ter complicações diante do seu público alvo, caso não consiga garantir através dos seus argumentos, a verdade dos fatos expostos e, assim, comprometer todo processo argumentativo.

Diante disso, compreendemos que o orador quando se apoia no argumento pelo exemplo para ganhar a adesão dos seus interlocutores, busca dar credibilidade aos seus argumentos utilizando-se de fatos reais, de forma que não possa ser contestado e consiga de uma vez por todas, o convencimento e a persuasão dos seus interlocutores.

Semelhantemente ao argumento pelo exemplo está o recurso de presença que de acordo com Abreu (2006, p. 68) “são, pois, procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. Nesse caso, os recursos de presença atuam como fator determinante para a adesão da tese defendida.

Conforme Papa (2006, p. 37)

Os recursos de presença são elementos selecionados para ilustrar a tese que queremos defender. Tais elementos, considerados como fator essencial da argumentação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), servem para garantir a visibilidade dos fatos e ser fator de sustentação no momento do debate, atuando diretamente nas nossas emoções.

Com efeito, salientamos a fundamental importância que os recursos de presença têm para a argumentação, visto que possibilita maior visibilidade aos fatos apresentado pelo orador, e, conseqüentemente, maior possibilidade de adesão à tese defendida. Desse modo, em um processo argumentativo, o orador, para dar credibilidade e visibilidade aos seus argumentos, cria situações, ilustra seu discurso, deixa-o mais sedutor, pois, conforme Abreu (2006) uma argumentação em que se utiliza do recurso de presença para ilustrar o seu discurso, tem um efeito dobrado em seu auditório. Assim sendo, compartilhamos do pensamento de Perelman e tyteca (2005, p. 132) ao enfatizar que

A presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma ação já no nível da percepção: por ocasião do confronto de dois elementos, por exemplo, um padrão fixo e grandezas variáveis com as quais ele é comparado, aquilo em que o olhar está centrado, o que é visto de um modo melhor ou com mais frequência é, apenas por isso, supervalorizado. Assim, o que está presente na consciência adquire uma importância que a prática e a teoria da argumentação devem levar em conta.

Ainda assim, ressaltamos que apresentar uma determinada história ou imagem não é suficiente para ser caracterizado como recurso de presença, pois, para realizarmos uma boa argumentação devemos utilizar os recursos de presença como técnica argumentativa, visto que apresentar uma história ou imagem sem nenhum valor argumentativo, servirá apenas como ilustração e não como técnica argumentativa.

Com efeito, após discorrer sobre a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) representada especialmente pelas discussões de Perelman e Tyteca (2005), enfocaremos, adiante, os principais motivos que nos levaram a estudar esse tema, bem como a escolha do nosso *corpus*, isto é, nos debruçaremos a partir de agora nos aspectos metodológicos que adotamos para a realização dessa dissertação de mestrado.

CAPÍTULO III:
A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:
DA METODOLOGIA DA PESQUISA À
CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E ALGUNS
DADOS ANALÍTICOS

CAPÍTULO III:

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: DA METODOLOGIA DA PESQUISA À CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ALGUNS DADOS ANALÍTICOS

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos. (LAKATOS & MARCONI, 2008, p.43).

Neste capítulo, apresentamos os caminhos pelos quais trilhamos nesse processo investigativo, isto é, os aspectos metodológicos que dão conta dos passos que demos para a realização desta dissertação de mestrado. Antes de adentrar nos principais caminhos que percorremos para chegar ao objetivo desse trabalho, necessário se faz apresentar algumas indagações, como, por exemplo, o que podemos entender por metodologia? Para responder a essa questão nos apropriamos das palavras de Andrade (2011) ao enfatizar que a metodologia está relacionada tanto aos tipos de métodos quanto as técnicas científicas utilizadas para o desenvolvimento de uma pesquisa, com o propósito de atingir com maior rapidez os objetivos do trabalho científico. Na mesma linha de raciocínio Lakatos e Marconi (2008) entendem que a metodologia de um trabalho pode responder de uma maneira muito rápida e num tempo muito curto a determinadas questões, quais sejam: como? Com quê? Onde? Quanto? Nesse caso, um capítulo intitulado de aspectos metodológicos é de fundamental importância para essa dissertação de mestrado, de forma que é a partir desse capítulo que se passa a conhecer o processo investigativo que ora adotamos, bem como a pesquisa “Vozes” com a qual essa investigação está vinculada, o método de análise, o tipo de pesquisa, a constituição e seleção do *corpus*, a caracterização e os sujeitos da pesquisa, e, por fim, as técnicas utilizadas para análise e interpretação dos dados.

3.1 Como tudo começou: A pesquisa “Vozes”

Considerando que essa dissertação de mestrado está vinculada a uma pesquisa mais ampla, intitulada “Os discursos que constituem o CAMEAM/UERN: das vozes dos gestores às vozes dos segmentos acadêmicos e comunidade” (VOZES), coordenada por Souza (2011), necessário se faz delinear o que seja a pesquisa “VOZES”, focalizando, em especial, seus objetivos e as etapas percorridas para a realização desse estudo.

O projeto de pesquisa “Vozes” está inserido nos estudos do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) e busca investigar os discursos que constituem o *Campus* avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a pesquisa em foco envolve pesquisadores e estudantes de graduação da própria UERN de Pau dos Ferros.

Nesse sentido, o foco da investigação recai sobre depoimentos de gestores universitários do CAMEAM e da UERN, e de representantes da sociedade do Alto-Oeste Potiguar e região, para qual foi utilizada para coleta, análise e interpretação dos dados, uma pesquisa de campo, com gravação de depoimentos semi-estruturadas. Consoante a isso, o projeto de pesquisa “Vozes” apresenta como questão central, a seguinte indagação: que discursos movem e identificam o CAMEAM? E, como desdobramento desta, que efeitos de sentidos emergem de discursos dos segmentos acadêmicos deste *Campus* e da sociedade, como argumentos definidores de identidades para o CAMEAM?

No entanto, para responder a essas perguntas foram desenvolvidos os seguintes objetivos, nos quais podemos dividir em geral e específicos, quais sejam:

Geral

Descrever e interpretar discursos que constituem o CAMEAM, no intuito de mapear esses discursos e os sentidos por eles produzidos, tendo em vista as teses defendidas, as identidades argumentativas subjacentes a esses discursos e os *ethos* dos sujeitos enunciadoreis.

Específicos

- i) Identificar efeitos de sentido em discursos do/sobre o CAMEAM, organizando-os por teses, categoria de informante e identidade argumentativa;

- (ii) Analisar e comparar as principais teses sobre o CAMEAM, os sentidos da UERN no Alto-Oeste e região, considerando as condições de produção do discurso, o *ethos* dos enunciadores, o auditório presumido e os argumentos utilizados;

- (iii) Discutir a produção de sentidos no/do CAMEAM, seus percursos e suas proposições enunciativas, considerando que é por meio dos discursos que os sujeitos e as instituições constituem sentidos para a sociedade e, ao mesmo tempo, constituem, também pelos discursos, sentidos para si, como pessoas e instituições;

- (iv) Constituir um banco de dados com discursos do/sobre o CAMEAM, no intuito de criar e organizar, em arquivo digital, o *Corpus* “Discursos e Sentidos” (DISSE), para que o mesmo possa ser consultado, quando necessário;

- (v) Contribuir para os estudos sobre discursos, histórias e identidades em torno dos sentidos da Educação Superior na região e para os estudos sobre a constituição de identidades e sobre memória coletiva do CAMEAM e dos que fazem essa região.

Para construção do banco de dados, o projeto desenvolveu uma pesquisa de campo semi-estruturada na qual foram ouvidos diversos sujeitos informantes, entre eles podemos apontar: todos os ex-diretores e ex-vice-diretores e atual vice-diretora do CAMEAM e representantes dos três segmentos acadêmicos, formados por ex-professores e atuais, ex-técnicos administrativos e atuais, e ex-alunos e atuais; reitor e vice-reitor, ex-reitores e ex-vice-reitores, os pró-reitores da UERN (atuais e/ou ex-pró-reitores); representantes da ADUERN, do SINTAUERN e do DCE; e por fim,

depoimentos de pessoas da comunidade do Alto-Oeste Potiguar e da região de fronteira (Ceará e Paraíba).

Contudo, para conseguir formar um banco de dados dessa natureza, os pesquisadores realizaram estudos teóricos sobre a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) e solicitaram uma relação com o nome dos servidores do CAMEAM/UERN, bem como de alunos, egressos e atuais, para realizar contatos com os sujeitos informantes da pesquisa, assim como para a gravação dos depoimentos.

Nessa perspectiva, ao desenvolver nossa dissertação de mestrado considerando os depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros, estamos dando continuidade a uma pesquisa anterior e ampliando as discussões que ora foram travadas em torno dessa instituição de ensino superior, tendo em vista que os objetivos contemplados nessa dissertação contribuíram para aprofundar os estudos desenvolvidos pela pesquisa “Vozes”, assim como, trouxeram contribuições para a teoria da argumentação nesse espaço acadêmico.

3.2 Caracterização da pesquisa

A investigação que ora propusemos está inserida nos estudos do discurso, pelo fato de que não interessa para essa investigação analisar o material linguístico presente nos depoimentos, mas sim, os discursos que ali se constituem e ganham sentidos. Essa inserção se justifica também em virtude das teorias que adotamos para subsidiar nossas análises, como os pressupostos teóricos de Perelman e Tyteca (2005), Reboul (2004) e de estudiosos de sua área Abreu (2006), Souza (2008) dentre outros. Sendo assim, a presente pesquisa “A UERN em tese(s): argumentação e transformação em depoimentos de professores do *Campus* de Pau dos Ferros” têm como objetivo analisar em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros as teses, de modo a considerar o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos.

Desse modo, caracterizamos a presente pesquisa como documental e de *corpus*. Entendemos por pesquisa documental, aquela que considera o material em primeira mão, ou seja, conforme Lakatos e Marconi (2008, p. 43)

Os documentos de fonte primária são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações. Englobam todos os materiais, ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica

Nesse caso, os documentos aqui estudados são os próprios depoimentos dos professores da UERN de Pau dos Ferros, tendo em vista que ainda não foram exploradas cientificamente. Ainda assim, caracterizamos como uma pesquisa de *corpus*, porque coletamos os dados, isto é, os depoimentos, foco de estudo dessa dissertação de mestrado. Dentro dessa classificação, a consideramos como uma pesquisa descritiva interpretativista de maneira que nos detemos num primeiro momento a identificar e a descrever as teses construídas nos depoimentos dos professores do *Campus* de Pau dos Ferros, para em seguida analisar e interpretar essas teses, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nos depoimentos dos professores dessa instituição de ensino superior.

Nessa perspectiva, apesar de apresentarmos dados quantitativos, adotamos a abordagem qualitativa de análise de dados, ou seja, trabalhamos o nosso *corpus* a partir de uma visão interpretativista, de forma que os dados não foram considerados um produto acabado. Diante disso, nos apoiamos no pensamento de Bauer (2002) ao enfatizar que a pesquisa qualitativa rejeita a presença de números, pois o que interessa para essa abordagem é interpretar a realidade social.

Paralelamente a isso, sabemos que em toda pesquisa é necessário adotar um método de análise para que de fato possamos chegar a conclusões dos objetivos propostos. Conforme Lakatos e Marconi (2008, p. 110) “o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade”. Sendo assim, para esse trabalho adotamos a abordagem dedutiva, definido por Oliveira (2005, p. 54) “como um procedimento de estudo que vai do geral para o particular, isto é, parte de princípios conhecidos para se chegar a certas conclusões”, em outras palavras, adotamos as categorias de análise pressupostas pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) e aplicamos ao nosso objeto de estudo com

o objetivo de analisar as teses, o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nos depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros.

Nessa pesquisa de mestrado, contudo, focalizamos depoimentos de professores coletados no ano de 2011, e a utilizamos com o intuito de analisar as teses, considerando o *ethos* e os efeitos de sentido construídos em torno do *Campus* de Pau dos Ferros. Ressaltamos ainda, que o *corpus* utilizado faz parte de uma pesquisa institucional mais ampla, qual seja: “Os discursos que constituem o CAMEAM/UERN: das vozes de antigos gestores às vozes dos segmentos acadêmicos” (SOUZA, 2011), da qual fiz parte em sua primeira fase, como voluntário da Iniciação Científica, cujo banco de dados está arquivado no Grupo de Pesquisa GPET/UERN que é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e certificado pela UERN. Dessa forma, é importante salientar que a escolha por esses dados se justifica pelo fato de tentarmos conhecer um pouco os professores que ali estiveram lutando por melhores condições de trabalho, infra-estrutura, pesquisa e extensão, no que diz respeito as teses construídas nesses depoimentos por esses profissionais, o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos em torno do *Campus* de Pau dos Ferros.

Com base nisso, e sendo ex-aluno da graduação nesse *Campus*, surgiram algumas indagações sobre o processo de luta e conquista dos docentes nesse ambiente, isto é, surgiu a curiosidade de investigar as teses construídas em depoimentos de professores, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos.

Na perspectiva de investigar os depoimentos de professores acerca do *Campus* de Pau dos Ferros utilizamos a técnica da entrevista e, como aporte teórico os estudos acerca da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) de Perelman e Tyteca (2005) bem como estudiosos que focalizam em seus trabalhos a argumentação e/ou discutem os conceitos dessa teoria, a saber: Abreu (2002), Amossy (2005), Maneli (2004), Mosca (2004), Perelman (2004), Reboul (2004), Souza (2008), Fiorin (2008), Meyer (2007) e Tringali (1988).

3.3 O universo de estudo: a constituição do *corpus*

Para o desenvolvimento de uma pesquisa é necessário conhecer os sujeitos que participaram como informantes e/ou colaboradores para a coleta de dados. Nesse caso, o *corpus* de nossa pesquisa é constituído por depoimentos de professores que fizeram parte da história do *Campus* de Pau dos Ferros, isto é, depoimentos de professores que relatam as dificuldades e os avanços da UERN de Pau dos Ferros, com o propósito de atender o nosso objetivo principal, qual seja: investigar as teses, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nos depoimentos desses professores.

No entanto, para compreender melhor os objetivos dessa dissertação de Mestrado, é importante apontar os caminhos que percorremos para chegar aos dados que ora trabalhamos. No ano de 2011, com o intuito de dá conta dos objetivos da pesquisa “Vozes” demos início a coleta dos dados.

Com efeito, os dados da pesquisa “Vozes” está constituído por discursos de diversos sujeitos informantes do CAMEAM/UERN, da UERN, de representantes da ADUERN, do SINTAUERN, do DCE e da comunidade do Alto Oeste Potiguar incluindo as regiões fronteiriças (Ceará e Paraíba) totalizando em média 50 depoimentos. Assim sendo, esses discursos foram coletados através de gravações realizadas (por meio de mídia eletrônica) ou recebidos (por e-mails e/ou impressos), com autorização legal, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos sujeitos informantes, para divulgação pública.

Para esclarecer melhor o que ora apresentamos, observemos abaixo o gráfico que representa o quantitativo dos depoimentos dos informantes e/ou colaboradores da pesquisa “Vozes”.

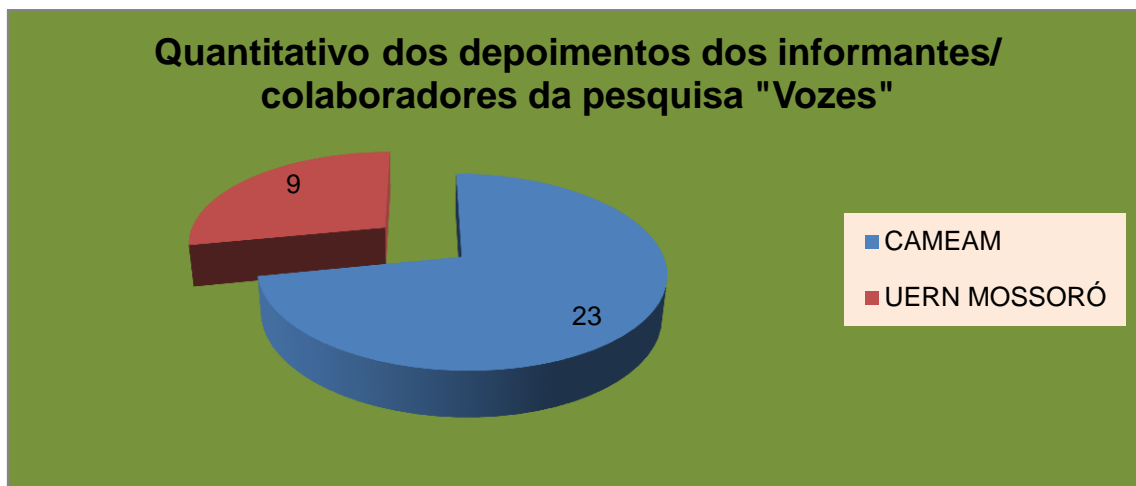


Gráfico 01: Quantitativo dos depoimentos dos informantes/colaboradores da pesquisa “Vozes”

Conforme gráfico, observamos que apesar de a pesquisa “Vozes” ter estabelecido um *corpus* a ser formado por 50 depoimentos dos mais variados segmentos acadêmicos da UERN, podemos notar, de acordo com os dados apresentados no gráfico, que nem todos os sujeitos consultados pela pesquisa deram retorno ao ofício que lhes foi enviado. Dos depoimentos, 23 foram coletados de profissionais do CAMEAM e apenas 9 depoimentos do *Campus* central em Mossoró, totalizando, assim, de um modo geral, 32 depoimentos.

Com base nisso, apresentamos esses dados, levando em consideração todos os sujeitos envolvidos, isto é, professores, alunos, técnicos, diretores, ex-diretores, reitores, ex-reitores, enfim, toda comunidade acadêmica que se dispôs a contribuir com seus depoimentos para a constituição do banco de dados da pesquisa “Vozes” e, conseqüentemente, para a realização da mesma. Desse modo, vejamos no gráfico a seguir todos os depoimentos que ora dispusemos, da pesquisa “Vozes”, no banco de dados do GPET, por segmento acadêmico:



Gráfico 02: Quantitativo dos depoimentos da pesquisa "Vozes", por segmento acadêmico.

Como podemos perceber são vários os profissionais da comunidade acadêmica que se dispuseram a contribuir com a pesquisa "Vozes". Dentre os 32 depoimentos dessa pesquisa, sete são de docentes que atuam diretamente no CAMEAM, cinco são de ex-professores dessa instituição de ensino, que deixaram suas experiências e ensinamentos nesse âmbito acadêmico e passaram a lecionar em outro *Campus* ou Universidade, dois são de profissionais já aposentados, um depoimento foi coletado de um dos técnicos de nível superior (TNS) atual da UERN, dois são de técnicos efetivo do CAMEAM, apenas um foi coletado de técnico aposentado, três foram coletados de professores da UERN *campus* central de Mossoró, dez foram coletados de ex-alunos do CAMEAM, um de ex-diretor e, por fim, um depoimento foi coletado do prefeito de Pau dos Ferros.

Diante disso, podemos dizer que a efetivação da nossa pesquisa se dá através de depoimentos arquivados no GPET e colhidos no ano de 2011. Sendo assim, acrescentamos que o nosso *corpus* está constituído de dez depoimentos de professores que atuam e/ou atuaram no *Campus* de Pau dos Ferros. Ainda assim, a pesquisa "Vozes" dispõe ao todo de 14 depoimentos de professores. No entanto, para nossa pesquisa selecionamos apenas 10, de modo que, consideramos como critério para seleção os depoimentos que relatam as dificuldades e os avanços que a UERN de Pau dos Ferros passou até chegar ao seu *status* atual.

Dessa forma, com o propósito de atender os nossos objetivos procuramos categorizar os depoimentos bem como os sujeitos informantes, de

modo que, para os depoimentos, temos a categoria D e, para os sujeitos informantes, adotamos como critério seguir a ordem alfabética de seus nomes. Sendo assim, passamos, a partir desse momento, a trabalhar o nosso *corpus* atendendo a essa seleção, ou seja, para cada depoimento temos a sequência D1, D2, D3 e, assim, sucessivamente.

Com efeito, para termos uma noção dos sujeitos envolvidos na nossa pesquisa, elaboramos um quadro em que apresentamos o curso de vinculação do professor ou função desempenhada pelo docente no momento da coleta dos dados.

Vejamos o quadro abaixo:

DEPOIMENTO	CURSO DE VINCULAÇÃO DO PROFESSOR
D1	Geografia
D2	Pedagogia
D3	Educação Física
D4	Letras
D5	Pedagogia
D6	Economia
D7	Letras
D8	Letras
D9	Educação
D10	Economia

Quadro 01: Curso de vinculação do professor

Conforme quadro 01, podemos observar que os sujeitos informantes de nossa pesquisa pertencem aos mais variados cursos do quadro docente da UERN de Pau dos Ferros, tendo em vista que o D1 foi coletado de um professor pertencente ao departamento de Geografia; já os D2, D5 e D9 são de professores que pertenciam no ano de 2011 ao departamento de Educação; o

D3 é de um professor do departamento de Educação Física, enquanto que o D6 e D10 são de docentes do curso de Economia, e, por fim, o D4, o D7 e o D8 foram coletados de professores pertencentes ao quadro docente do curso de Letras.

Após ter feito essa categorização, seguida do curso ao qual o docente estava vinculado no ano de 2011, bem como a função desempenhada pelos sujeitos informantes no *Campus* de Pau dos Ferros no período da coleta de dados, apresentamos a seguir a atual situação dos docentes envolvidos na nossa pesquisa, ou seja, a situação funcional dos docentes informantes junto à UERN de Pau dos Ferros.

Observemos o gráfico:

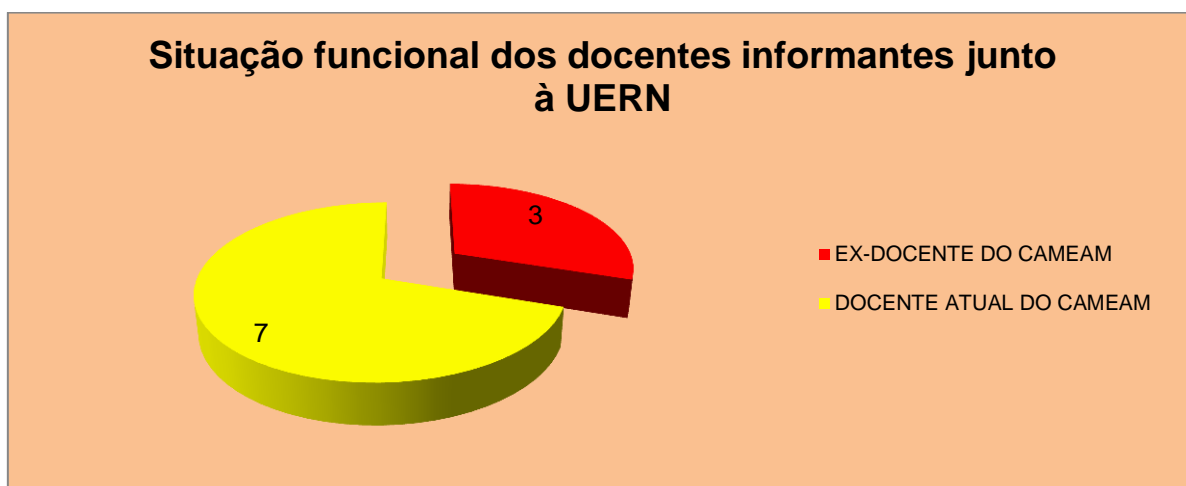


Gráfico 03: Situação funcional dos docentes informantes junto à UERN

De acordo com os dados apresentados, constatamos que a maioria dos docentes, no total de sete, que contribuíram com os depoimentos que fazem parte da constituição do nosso *corpus*, pertence ao quadro docente atual da UERN de Pau dos Ferros, enquanto que apenas três dos professores que se dispuseram a contribuir com a nossa pesquisa não fazem mais parte do quadro docente dessa instituição de ensino.

Depois de mostrar esses dados, acreditamos que conseguimos traçar o perfil acadêmico dos docentes da UERN de Pau dos Ferros que deram seus

depoimentos sobre histórias e experiências vividas nessa instituição de ensino superior. Em consonância com isso, apresentamos a seguir, a relação criada entre o docente e o *Campus Avançado* de Pau dos Ferros através dos títulos dados aos depoimentos de cada professor envolvido na nossa pesquisa de Mestrado.

Observemos o quadro abaixo:

DEPOIMENTO	TÍTULO DOS DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES (SUJEITOS INFORMANTES E COLABORADORES DA PESQUISA)
D1	Eu e o CAMEAM
D2	Depoimento a ser concedido a pesquisa
D3	Depoimento
D4	Depoimento sobre a história do CAMEAM
D5	O que é o CAMEAM para mim
D6	Depoimento
D7	No CAMEAM: Viveres e relatos
D8	Depoimento
D9	Lembrando um pouco o que e como era o <i>Campus Avançado</i> de Pau dos Ferros nos anos 80
D10	A relevância do CAMEAM para o Alto Oeste Potiguar: um relato de experiência

Quadro 02: Título dos depoimentos dos professores (sujeitos informantes e colaboradores da pesquisa)

De acordo com o quadro, observamos que dos dez depoimentos, apenas quatro informantes não deram um título específico ao seu texto, apresentando-o apenas como depoimento. Nos demais depoimentos percebemos que o título dado a eles mantém uma relação entre o *Campus* de Pau dos Ferros e a própria vida do sujeito informante, ou seja, o crescimento

profissional desses professores e o crescimento do CAMEAM acontecem de modo concomitante, visto que à medida que o profissional se qualifica o *Campus* de Pau dos Ferros se expande em sua estrutura física, em pesquisa e em extensão.

Mediante isso, conseguimos perceber que a relação estabelecida entre o *Campus* de Pau dos Ferros com cada docente informante é harmônica e de crescimento, tendo em vista que são muitos os adjetivos que tentam qualificar essa instituição de ensino, de forma que os professores que ali atuam e/ou atuaram têm um grande respeito por este *Campus*, sobretudo, porque foi nesse espaço acadêmico que esses docentes tiveram as primeiras experiências no Ensino Superior que levam consigo até hoje, de modo que, o conhecimento adquirido por esses profissionais no CAMEAM, oportunizou o crescimento profissional, visto que muitos saíram para qualificação seja em nível de Mestrado ou Doutorado. Com base nisso, e para melhor esclarecer o que ora fora dito, segue abaixo, o quadro em que sintetizamos todos os depoimentos comprovando, assim, as informações apresentadas.

Vejamos o quadro:

DEPOIMENTO	SÍNTESE DOS DEPOIMENTOS DOS PROFESSORES
D1	No D1 intitulado “Eu e o CAMEAM” o professor expõe suas dificuldades nas duas primeiras semanas no <i>Campus</i> de Pau dos Ferros, visto que tinha laços familiares em outra cidade que residia já há algum tempo. Em seguida apresenta o <i>Campus</i> de Pau dos Ferros mostrando a diferença que há entre este <i>Campus</i> e as demais instituições de ensino pelas quais já passou, mostra as dificuldades encontradas dentro deste âmbito acadêmico, assim como mostra a disposição e o otimismo dos professores para lidar com as atividades de pesquisas, que conforme ele descreve em muitas ocasiões os alunos não tinham em que se sentar.
D2	Nesse depoimento, a professora expõe o sonho de cursar Direito, mas, devido às condições financeiras dos seus pais

	<p>tornou-se quase impossível, visto que o curso que ora desejava só era ofertado na capital. Contudo, em 1980 prestou vestibular para o Curso de Pedagogia na UERN de Pau dos Ferros, sendo aprovada na seleção e optando pela habilitação EDAPE. Na sequência, cita a resolução 126/66 que formaliza o Curso de Pedagogia no CAMEAM, que segundo ela, apesar de ser pública, era pago uma taxa mensal e funcionava em três escolas de Pau dos Ferros em condições muito precárias.</p>
D3	<p>O D3 está exposto a partir de dois prismas, enquanto professor e enquanto ex-chefe do Departamento de Educação Física. Como professor, logo de início, não se animou com a estrutura do <i>Campus</i>, mas o tratamento que ora fora lhe dado tanto pela diretora, quanto pelo coordenador do Curso de Educação Física, retiraram todas as impressões negativas daquele espaço e cederam lugar ao desejo de contribuir com o crescimento daquela instituição. Como ex-coordenador do Curso de Educação Física enfoca que foi uma experiência única, tendo em vista que já havia lecionado em vários cursos de universidades privadas, mas somente em 2005 teve a oportunidade de retomar o Curso de Educação Física. Além disso, pensa em novas estratégias para melhorar, de um modo geral, o Curso de Educação Física naquela instituição de ensino, de forma que apresenta seus vícios e suas virtudes.</p>
D4	<p>No D4 o professor faz uma retrospectiva do CAMEAM nos últimos dez anos, afirmando que o <i>Campus</i> de Pau dos Ferros é um espaço de transformação e conquista. A princípio o <i>Campus</i> não tinha efervescência acadêmica, pois não oferecia atividades de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, a partir de 2001, sob nova direção, o <i>Campus</i> toma um rumo diferente, de modo que os cursos de graduação de três passaram para sete, cursos de especialização, aumento do quadro de funcionários, apoio as atividades de pesquisa e</p>

	<p>extensão. Em gestão posterior, a preocupação foi com a dinamização e com a autonomia departamental, com o envolvimento tanto de docentes quanto de discentes na pesquisa e na extensão, na ampliação da estrutura física do CAMEAM e a implementação do Mestrado em Letras.</p>
D5	<p>No D5 a professora relata as condições precárias do <i>Campus</i> de Pau dos Ferros, a existência de apenas três cursos: Pedagogia, Letras e Economia, a inexistência de grupos de pesquisa e extensão, os professores embora fossem dedicados não possuíam titulação de Mestre ou Doutor, a falta de eventos científicos, de modo que não se ouvia falar em publicação. Na continuação, aponta os avanços significativos do CAMEAM especialmente as lutas pela democratização lideradas pelo professor Gilton e pelas professoras Maura e Valdilene. Por fim, conclui que terminou a graduação em 1998, terminou especialização em 2001 e retorna ao CAMEAM em 2002 para lecionar no PROFORMAÇÃO e em 2006 já como professora efetiva do <i>Campus</i> de Pau dos Ferros percebeu as transformações e as conquistas desse espaço acadêmico, em estrutura, pesquisa e extensão.</p>
D6	<p>Como tantos outros, o D6 relata as condições precárias do CAMEAM e a oferta de apenas três cursos. Na sequência, expõe que concluiu graduação em Ciências Econômicas em 1997 e, nesse mesmo ano, participa de um processo seletivo para atuar como professora substituta do Departamento de Economia, passando a ser efetiva a partir de 2008 através de concurso público. Foi vice-diretora do <i>Campus</i> onde teve a oportunidade de participar de diversas lutas para a implantação de novos cursos, bem como para a implantação do Mestrado em Letras, a construção do edifício vertical, para a descentralização departamental e para o desenvolvimento das atividades de pesquisa e extensão.</p>
D7	<p>Esse depoimento expõe a importância do CAMEAM para o</p>

	<p>Alto Oeste Potiguar, bem como para os estados do Ceará e da Paraíba. Enfoca o ato de criação desse <i>campus</i>, sua gratidão e respeito para com a UERN de Pau dos Ferros, sua vida escolar e acadêmica e, especialmente, a relação de convivência criada entre professor e aluno naquele espaço acadêmico. Relata, ainda, as dificuldades que enfrentou na graduação e o incentivo daqueles que acreditavam no seu potencial. Fala de sua atuação enquanto professora da rede pública de ensino, assim como, do CAMEAM, dos concursos que prestou para atuar na Universidade e no ensino médio enfocando o incentivo das pessoas de Gilton Sampaio, Medianera, Edileuza e Maura Cavalcante. Comenta de sua participação em grupos de pesquisa, em eventos e congressos realizados no CAMEAM e sua especialização em Linguística Aplicada.</p>
D8	<p>Diferentemente dos anteriores, o D8 não relata uma experiência vivida do/no CAMEAM, mas sim, expõe seu ponto de vista enquanto docente do Curso de Letras. Sendo assim, comenta que em 2005 quando estava no 5º período foi solicitado para escrever um texto sobre memórias. Nesse texto, relata a confiança que depositou no Curso de Letras e prevê expectativas para o futuro, quais sejam: Mestrado e Doutorado, acrescentando que tudo que havia escrito está se cumprindo, de forma que já é Mestra e atualmente é doutoranda e professora do Departamento de Letras do CAMEAM/UERN.</p>
D9	<p>No D9, o professor relata que foi convidado pela coordenação para fazer parte do corpo docente do <i>Campus</i> de Pau dos Ferros e aponta que as aulas eram ministradas de forma expositiva e eram pagas por horas aulas em cada mês. Expõe, ainda, como a maioria dos entrevistados, a dificuldade do CAMEAM em termos de estrutura, enfatizando que embora fosse uma Universidade Pública era cobrada taxas mensais</p>

	dos discentes para manutenção.
D10	Nesse depoimento, a professora relata a importância do <i>Campus</i> de Pau dos Ferros para o Alto Oeste Potiguar, bem como para os estados circunvizinhos, as mudanças ocorridas que fortaleceram o CAMEAM, da gratidão que tem por este espaço acadêmico, tanto na condição de aluna como na condição de professora.

Quadro 03: Síntese dos depoimentos dos professores

Conforme quadro 03, podemos observar a importância que o *Campus* de Pau dos Ferros tem para esses professores, uma vez que podemos dizer que esse espaço acadêmico serviu de alicerce para o crescimento profissional de todos esses docentes, de forma que o respeito e a admiração atribuídos por parte daqueles que ali iniciaram sua formação como alunos e agora estão atuando na condição de professor é enorme.

Nessa perspectiva, esse respeito e admiração não foram adquiridos aleatoriamente, uma vez que, de acordo com os depoimentos, apesar de o *Campus* de Pau dos Ferros apresentar alguns problemas, devido a sua estrutura física que era precária, os profissionais que ali trabalhavam demonstravam em suas atitudes, especialmente, através da relação estabelecida com os profissionais que ali chegavam, que em meio às dificuldades, era possível chegar à vitória. E os que acreditaram nesse projeto e sentiram o desejo de contribuir com o crescimento desse espaço acadêmico conseguiram êxito profissional.

Muitos dos que ali atuam e/ou atuaram, em virtude das condições precárias do *Campus*, bem como do número reduzido de cursos que o CAMEAM ofertava na época, tinham o desejo de fazer um curso em outras áreas. No entanto, devido às condições financeiras dos pais era quase impossível realizar tal sonho, restava apenas cursar Letras, Pedagogia ou Economia no *Campus* de Pau dos Ferros.

Além disso, observamos, pelos discursos, que alguns desses docentes, no início de sua trajetória no CAMEAM, pensaram em desistir, se “assombraram” com a estrutura física, com a falta de recursos que o *Campus* apresentava. Mas compreenderam que uma Universidade não se faz apenas

com tijolos, massa e pintura, mas sim com pessoas competentes e desejosas em fazer crescer. E isso foi a força motriz que impulsionou muitos a lutarem por infraestrutura e melhores condições de trabalho.

Com esse pensamento, podemos afirmar que o crescimento do CAMEAM em termos de estrutura, pesquisa e extensão, bem como o crescimento profissional desses professores, ocorrem simultaneamente, de forma que o *Campus* de Pau dos Ferros e esses docentes possuem algo em comum, qual seja: o fato de querer crescer, pois, como diz no D4, o CAMEAM é um espaço de “transformação e conquista”.

Assim, muitos desses depoimentos não conseguem separar o CAMEAM de suas vidas, pois, apesar de suas condições precárias, ofertava em grande quantidade compromisso e competência dos que faziam parte desse espaço acadêmico e foi justamente por esse motivo que muitos profissionais que sentiam o desejo de lutar por infraestrutura, pesquisa e extensão se aliaram aos que já estavam ali e somaram forças em busca de um único objetivo, qual seja: trabalhar em prol da melhoria desse *Campus*.

Além disso, os depoimentos revelam que o papel desempenhado pelos professores e gestores, Maura Cavalcante e Gilton Sampaio, na direção do CAMEAM foi bastante significativa, visto que as lutas por melhores condições de trabalho, pela democratização, pela implementação de novos cursos de graduação e de pós-graduação, pela autonomia departamental, eram constantes. Contudo, podemos dizer que o CAMEAM sempre foi espaço de lutas e conquistas e seu crescimento não é senão o retrato da humildade e do compromisso dos profissionais que ali se formaram e, agora, estão formando.

Enfim, não resta dúvida que esse espaço ainda tem muito a desejar, mas conseguimos perceber através desses depoimentos que já houve um grande avanço em termos de estrutura, pesquisa e extensão, em eventos científicos, em publicação de artigos, entre outros. Com esse pensamento, acrescentamos que o CAMEAM é a casa e o refúgio da maioria que está ali, pois, assim como “eu”, muitos dos alunos conseguem ver no *Campus* de Pau dos Ferros, assim como aconteceu com alguns docentes entrevistados, a única maneira de mudar sua vida e crescer profissionalmente.

Com base no que foi dito, e considerando o que ora descrevemos acerca da constituição do nosso *corpus*, bem como do tipo de pesquisa e método utilizado nessa dissertação de Mestrado, passamos, agora, a análise mais detalhada do nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO IV:
ANÁLISE DAS TESES ARGUMENTATIVAS
EM DEPOIMENTOS DE PROFESSORES

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DAS TESES ARGUMENTATIVAS EM DEPOIMENTOS DE PROFESSORES

A língua reflete as relações sociais dos falantes em determinada época ou grupos sociais ou conforme o contexto tenha determinado objetivo, há nesse caso a dominância de uma ou outra forma ou variante de transmissão do discurso. (GUIMARÃES, 2005, p. 150).

Diante do que apresentamos até o presente momento acerca das discussões teóricas e metodológicas que adotamos para essa pesquisa, vimos que o trabalho que ora nos propusemos a realizar compreende a argumentação como uma prática de linguagem, de caráter social, que dependendo do seu nível de intencionalidade provoca o convencimento e/ou a persuasão de um determinado auditório, pois conforme Kock (2008) é somente a partir do texto argumentativo que a linguagem se torna uma ação intencional, veiculadora de ideologia, caracterizada pela sua argumentatividade.

Desse modo, ao encarar o estudo da argumentação como um fator de caráter social, bem como um processo de convencer e persuadir pelo discurso, estamos levando em consideração as teorias postuladas por Perelman e Tyteca (2005), assim como estudiosos cuja preocupação se volta para o estudo da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD). Com esse intento, nos debruçamos na teoria da argumentação no discurso para analisar, como já foi mencionado anteriormente, em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros, as teses defendidas por esses professores, considerando o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos.

Assim sendo, consideramos que os professores da UERN de Pau dos Ferros, ao relatarem em seus depoimentos histórias, momentos, experiências e fatos acerca do *Campus* de Pau dos Ferros, constroem teses e *ethos* que se assemelham e se distanciam, bem como constroem diferentes efeitos de sentidos sobre o CAMEAM, como assim é conhecido por toda comunidade acadêmica. Com efeito, salientamos que o nosso *corpus* está carregado por um alto teor de argumentatividade, visto que, nos depoimentos, conseguimos perceber, de forma direta e/ou indireta, certo grau de convencimento e persuasão.

Ao observar todas essas considerações, adentremos, neste momento, na análise da argumentação nos depoimentos dos professores da UERN de Pau dos Ferros. Nessa perspectiva, analisamos, nesse primeiro momento, de acordo com os objetivos que ora propusemos, as teses construídas pelos professores acerca do *Campus* de Pau dos Ferros.

4.1 As teses construídas sobre a UERN de Pau dos Ferros

Como foi visto anteriormente, os professores ao relatarem suas histórias e experiências vividas no CAMEAM constroem várias teses que se assemelham e se distanciam. Neste tópico, apresentamos as principais teses defendidas nos depoimentos dos professores sobre a UERN de Pau dos Ferros.

Vejamos a seguir, as principais teses:

D1:

E foi neste período que, com o olhar de um estranho, comecei a perceber algumas nuances que este *campus* tem de diferente em relação àqueles que já conheci, mais especificamente, aquele no qual me formei. Comecei a perceber que muitas das relações humanas se dão de forma diferenciada, não sei se influência do estilo de vida das pessoas da cidade, ou da posição que as pessoas assumem em seus locais de trabalho ao longo de muitos anos, mas no CAMEAM, o jardineiro era amigo do diretor, que tinha um quadro com a foto do “cuidador” por trás do seu birô de gabinete; os professores novos e antigos no meu departamento tinham um entrosamento que é incomum aos demais grupos docentes que conheci, os alunos tinham mais proximidade com seus mestres, às vezes até demais, o que quebrava aquela tradicional barreira do pedestal onde o docente está em cima e o discente em baixo.

Nos estudos da argumentação a tese é entendida como a ideia central do texto, a base em que todas as outras proposições estão centradas. No D1, o professor ao descrever um relato de sua própria experiência dentro do *Campus* de Pau dos Ferros defende a ideia de que esse é um espaço acadêmico diferente das demais instituições de ensino superior pelas quais ele já havia passado, e principalmente daquela que o formou. Além disso, percebemos que essas diferenças não estão concentradas apenas no espaço físico do CAMEAM, mas, sobretudo, nas relações pessoais estabelecidas nos departamentos entre professores e alunos, e até mesmo entre os próprios professores, que até então, para ele, era algo novo, nos corredores, e, sobretudo, no próprio gabinete do diretor, onde consegue perceber através de

um quadro exposto por trás do birô, um laço de afetividade entre o “cuidador” nas palavras do professor entrevistado e o diretor do *Campus*.

Nesse D1, conseguimos perceber também, que para garantir e dá sustentabilidade a consistência de sua tese central, de que o CAMEAM é um espaço acadêmico diferente, o professor constrói uma segunda tese, a de que apesar da falta de condições materiais e de infraestrutura, há uma enorme disponibilidade tanto dos professores como dos alunos no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Vejam os:

D1

A renovação dos espaços tem sido dinâmica, com a construção de novos blocos, a falta de utilização de alguns espaços antigos, pela falta de condições materiais e de infraestrutura, e inclusive vejo isso como um reflexo da carência de recursos que sofremos... aluno fazendo atividade de laboratório sentado no chão... bobagem, rotina, mas ainda assim, com um jeitinho que alguns professores daqui teimam em ter, essas dificuldades são superadas muitas vezes com bom humor, humildade e carisma, adjetivos raros em nossa academia tradicional.

Nesse caso, observamos que do ponto de vista argumentativo, o D1 está muito bem construído, visto que, em um primeiro momento, o professor expõe as diferenças de relações humanas que há no CAMEAM, mediante inúmeros problemas de infraestrutura, de condições precárias que enfrentava o *Campus* de Pau dos Ferros. Contudo, garante a defesa de sua tese central justificando o compromisso e a vontade dos profissionais daquela instituição de ensino em superar os desafios, que não são poucos.

D2

O funcionamento dos Cursos de Pedagogia, Letras e Economia dava-se em condições infraestruturais muito precárias: as avaliações eram datilografadas ou mesmo manuscritas; não havia biblioteca, mas sim um pequeno, pequeníssimo acervo de livros cedido por instituições diversas. Recursos tecnológicos não havia e os recursos técnico-didáticos eram poucos. Faltava-nos até um retroprojektor. O quadro de pessoal do *campus* era muito reduzido.

D3

O conjunto de colegas professores, de alunos e técnicos era constituído de um material humano totalmente diverso das raras e ruins experiências. A massa dos professores era formada de pessoas competentes, solidárias, dedicadas e essencialmente comprometidas com o ensino e a missão da UERN como a única Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

Pessoas com as quais lembro com carinho e que tenho maior respeito.

No D2, intitulado: “depoimento a ser concedido a pesquisa”, o professor defende a tese de que o *Campus* de Pau dos Ferros funcionava em péssimas condições, visto que não oferecia recursos didáticos pedagógicos suficientes para o bom andamento das atividades em sala de aula, sem falar das condições do prédio, sendo que em vários momentos os alunos eram remanejados para escolas do município de Pau dos Ferros, devido à precariedade desse estabelecimento institucional.

Já no D3, o professor, apesar de ter se deparado com um ambiente marcado pela falta de espaço físico, bem como pela falta de tecnologia necessária para auxiliar no desenvolvimento das atividades acadêmicas, viu-se incentivado e apoiado pelo material humano daquele ambiente, uma vez que o esforço, o compromisso, a dedicação dos que fazem a UERN de Pau dos Ferros, foram qualidades essenciais para se juntar a essa gama de profissionais e lutar por melhores instalações e por uma UERN melhor.

D4

Obviamente, pelo intervalo de tempo que vivenciei a história do CAMEAM, muita coisa teria para dizer, caso optasse por descrever cada acontecimento que marca sua história. Optei, pois, por falar de forma mais geral, tentando dizer o que foi o CAMEAM quando entrei nele pela primeira vez e que é o CAMEAM de hoje. Pois bem, O CAMEAM é transformação e conquista. Pode ser no plural, TRANSFORMAÇÕES E CONQUISTAS, para dá uma conotação mais real dos fatos.

D5

Não se fala no hoje, sem relembrar o CAMEAM de meu tempo, como tudo era diferente... A começar pela estrutura rudimentar, simples, que assemelhava-se a uma antiga escola básica. Apenas três cursos: Pedagogia, Letras e Economia. Existia somente o prédio que hoje chamamos de antigo e no qual permanecem exatamente os mesmos cursos e a diretoria.

As atividades eram voltadas somente para o ensino, quase não ouvíamos falar em grupos de pesquisa e extensão. Nós, não éramos estimulados/trabalhados para iniciação científica. Os professores não tinham titulação de mestre ou doutor, eram apenas graduados ou especialistas, mas afirmo que eram bastante dedicados ao ensino.

Com o passar dos tempos começaram a surgir os eventos, lembro-me da I Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (I SELLP), em 1997, coordenada pelo professor Gilton Sampaio, hoje diretor do Campus. Logo, começaram abrir novos horizontes, apareceram mais eventos e lembro-me que eu corria atrás de certificados e mais certificados de mini-cursos e seminários, pois até aí não sabíamos o que era publicar artigo, lattes, CNPq, etc.

D6

O *Campus* era pequeno, as condições precárias, as dificuldades enormes, mas com muita luta, os professores e técnicos conseguiam mantê-lo em funcionamento e a cada ano saiam para o mercado uma gama de profissionais qualificados. Como reza o Cerimonial da UERN nas Colações de Grau “Licenciados em Letras e Pedagogia, e Bacharéis em Ciências Econômicas”. Em janeiro de 1997 eu era uma das Bacharelas em Ciências Econômicas.

No D4, a tese que se defende é a de que o *Campus* de Pau dos Ferros é um espaço de transformação e conquista. Pois o CAMEAM enfrentou tempos difíceis, de modo que não ofertava atividades de ensino, pesquisa e extensão, possuía condições físicas bastantes limitadas e ofertava apenas três cursos, Letras, Pedagogia e Economia. No entanto, com o passar dos anos o CAMEAM foi tomando um novo rumo, visto que as conquistas de novos cursos de graduação, de especialização, assim como, o aumento de professores e funcionários tornou-se evidente. Além disso, as transformações em termos de ensino, pesquisa e extensão foram visíveis e, mais do que isso, tornou-se um espaço que nos possibilita sonhar mais alto.

No D5, a tese que defendida é a de que o *Campus* de Pau dos Ferros não tinha uma boa estrutura física e deixava a desejar em termos de pesquisa e extensão. Contudo, com o passar dos anos esse cenário, com o apoio de profissionais dedicados e comprometidos com o que faz, bem como, de toda comunidade acadêmica, passou por significativas mudanças, tornando-se um ambiente exemplar para aqueles que querem crescer profissionalmente.

Já no D6, a tese principal gira em torno de que a UERN de Pau dos Ferros enfrentou enormes dificuldades e funcionava em péssimas condições, mas os profissionais dedicados e comprometidos com o ensino faziam o possível para mantê-lo funcionando, bem como contribuíram de forma direta para a formação de bons profissionais.

D7

Estou convicta de que ele é força motriz para todos os que estejam dispostos a superar desafios em prol da construção de espaços e pensamentos desencadeadores de lutas e práticas sociais pautadas na cidadania, na democracia, na igualdade e liberdade de expressão.

Este *campus* tem significado ímpar na ascensão intelectual, profissional e moral de muitos cidadãos brasileiros que, tendo apenas o caminho do estudo para vencer os obstáculos e sair da marginalidade não o teriam percorrido, senão o tivessem implantado ali.

D8

O que destaco neste meu depoimento é a confiança que o curso Letras me passou muito bem cedo. Foi-me plantada a ideia de “ir mais longe” e eu acreditei. Sem alguém para me convencer disso (meu orientador de pesquisa, meus professores, colegas de turma, as colegas bolsistas “pibiquianas”), talvez não fosse hoje a satisfeita professora do departamento de Letras do CAMEAM/UERN, para onde retornei e retornaria outra vez, e mais outra, e outra ainda. Continuo acreditando que mais “celebridades” virão...

No D7, defende-se a tese de que o CAMEAM é a base, é o alicerce para aqueles que almejam crescer intelectualmente, bem como possibilita aos alunos, especialmente àqueles que vêm de uma classe menos valorizada, sonhar com novos horizontes e superar os desafios da vida. Já no D8, a tese central enfatiza a importância que o Curso de Letras teve para essa professora, a relevância de seu orientador e de seus professores, bem como de colegas de turmas e colegas bolsistas, para o seu êxito profissional.

D9

A situação estrutural do Campus de Pau dos Ferros deixava a desejar já que não tinha sede própria e cada curso funcionava num prédio diferente da rede pública de ensino estadual. Tinha que se fazer um verdadeiro malabarismo, principalmente quem dava aulas num mesmo dia em cursos diferentes.

Percebia-se um grande espírito de luta e doação para ver a coisa acontecer, não só dos que constituíam os segmentos da instituição, mas da comunidade em geral, inclusive das regiões circunvizinhas. A exemplo disso presenciámos os esforços conjuntos em prol de seu Reconhecimento e sua Estadualização, marcos significativos desse comprometimento.

D10

É perceptível que o CAMEAM tem cada vez mais se fortalecido enquanto Instituição, se consolidando como imprescindível para o desenvolvimento sócio-econômico da região do Alto oeste Potiguar e estados circunvizinhos.

No D9, a ideia em foco trata das condições estruturais da UERN de Pau dos Ferros, da falta de recursos didáticos pedagógicos. Contudo, diante de todos esses empecilhos, via-se um grande comprometimento dos profissionais que ali trabalhavam, não só deles, mas de toda comunidade acadêmica e regiões circunvizinhas. Juntos, lutaram e conseguiram avanços significativos para a UERN de Pau dos ferros.

O D10 centraliza sua ideia na premissa de que o *Campus* de Pau dos Ferros tem uma relevância enorme para a região do Alto Oeste Potiguar, bem

como para os estados circunvizinhos, representados especialmente, pelos estados da Paraíba e do Ceará.

Desse modo, ao analisarmos e interpretarmos os depoimentos dos professores colaboradores da pesquisa constatamos que eles constroem em seus depoimentos diferentes teses que se aproximam e se distanciam. Contudo, para identificar as principais teses defendidas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa acerca da UERN de Pau dos Ferros elaboramos um quadro demonstrativo.

Vejamos o quadro abaixo:

DEPOIMENTO	TESES SOBRE O <i>CAMPUS</i> DA UERN DE PAU DOS FERROS
D1	A UERN de Pau dos Ferros é diferente das demais instituições de ensino superior que já passou, principalmente daquela que o formou.
D2	O <i>Campus</i> de Pau dos Ferros funcionava em condições precárias
D3	O <i>Campus</i> de Pau dos Ferros é constituído de um material humano diferenciado das raras e ruins experiências
D4	O CAMEAM é um espaço de transformação e conquista
D5	A UERN de Pau dos Ferros funcionava em condições precárias, mas, com o passar dos anos sofreu avanços significativos, em termos de estrutura, pesquisa e extensão.
D6	O CAMEAM era um espaço em péssimas condições, em termos de estrutura, pesquisa e extensão.
D7	O CAMEAM é força para aqueles que querem superar os desafios, bem como tem uma relevância enorme para aqueles que desejam ascender intelectualmente.
D8	O <i>Campus</i> de Pau dos Ferros é o espaço que possibilitou realizar o sonho de ir mais longe.
D9	Espaço em péssimas condições precárias, mas com uma gama de profissionais dedicados e comprometidos com a instituição.
D10	O <i>Campus</i> de Pau dos Ferros tem importância significativa para a região do Alto Oeste Potiguar e estados circunvizinhos.

Quadro 04: Teses sobre o *Campus* da UERN em Pau dos Ferros

Com base no quadro 04, constatamos que os docentes, ao relatarem suas histórias, experiências e fatos que mereçam ser registrados na memória

do *Campus* de Pau dos Ferros, constroem teses que se aproximam e se distanciam, principalmente nos aspectos relacionados à construção enunciativa de seus depoimentos. Contudo, apesar de os docentes produzirem seus depoimentos levando em consideração o mesmo contexto situacional, qual seja: o de expor suas experiências na UERN de Pau dos Ferros, observamos que cada um apresenta suas especificidades e particularidades, de modo que constroem diferentes efeitos de sentidos acerca do *Campus* de Pau dos Ferros.

Diante da análise exposta, podemos observar que a tese é a ideia central do texto, isto é, conforme Abreu (2006) é a própria ideia. Nesse caso, constatamos que as principais teses, em virtude de solicitarmos para a constituição do nosso *corpus* depoimentos de histórias, experiências e fatos que mereçam ser registrados na memória do *Campus* de Pau dos Ferros, giram em torno desse estabelecimento de ensino superior. Outro fato importante é que, muitas das teses se assemelham, visto que como foi exposto anteriormente alguns desses depoimentos fazem uma retrospectiva do CAMEAM de ontem e o CAMEAM de hoje, mostrando os tempos difíceis pelos quais esse *Campus* passou e as grande transformações e conquistas realizadas nesse espaço acadêmico. No entanto, apesar de relatarem sobre um mesmo ponto de vista, conseguem também construir diferentes teses, qual seja: (i) uma instituição de ensino superior diferenciada em suas relações humanas; (ii) *Campus* capaz de fornecer força suficiente para superar os desafios e crescer profissionalmente; (iii) *Campus* com profissionais dedicados e comprometidos com o que fazem; e, por último, (iv) espaço acadêmico de grande importância para o Alto Oeste Potiguar e para os estados da Paraíba e do Ceará.

4.2 O *ethos* dos professores da UERN nos depoimentos

Após termos analisado as teses que os professores da UERN de Pau dos Ferros construíram ao longo dos seus depoimentos, analisaremos a imagem que esses profissionais revelam de si nos discursos concretizados nesses depoimentos.

Para a análise dessas imagens, levamos em consideração a história, bem como as experiências que esses docentes viveram no *Campus* de Pau

dos Ferros. Nesse caso, compreendemos que há uma necessidade em revelar o *ethos* desses profissionais, visto que essa imagem está carregada de histórias e momentos que ficarão registrados na memória do CAMEAM/UERN. Desse modo, vejamos na sequência como esses profissionais revelam argumentativamente suas imagens nesses depoimentos.

D1

Na verdade percebo mais claramente que no CAMEAM, fazer algo é muito mais do que simplesmente fazer, é mostrar a todos quem são os que não estão fazendo nada... Pois as dificuldades associadas à boa vontade, perseverança, gana de crescer e aparecer, fazem do nosso *campus* um lugar especial.

No D1, o professor ao defender a tese de que o *Campus* de Pau dos Ferros é um espaço acadêmico diferente, revela a imagem de um profissional que está se adaptando ao novo ambiente de trabalho, sendo que, deixa transparecer em seu depoimento a imagem de um professor que está preocupado com o fazer acadêmico, pois embora todas as dificuldades encontradas no desempenho de suas atividades, a perseverança e a vontade de contribuir com o processo de crescimento dessa instituição, fazem desse sujeito um profissional responsável e comprometido com sua função acadêmica.

D2

E o sonho de cursar Direito? Em Pau dos Ferros, não havia essa oferta, mas somente na longínqua capital. No *Campus* local da UERN, eram ofertados três cursos: Pedagogia, Letras e Economia. Estudar na cidade grande demandava uma condição financeira favorável e, na época, aos filhos de famílias mais pobres que fossem estudar na capital, restavam-lhes residir na Casa do Estudante ou da Estudante. Para meu pai e minha mãe, isso era inconcebível, principalmente para sua única filha mulher.

Em 1980, então, prestei exame vestibular para o Curso de Pedagogia. Dos cursos ofertados, era o que me atraía um pouco. Fui aprovada na seleção e, no decurso da vida acadêmica, foi sendo construída uma identificação com o curso, de forma que passei a gostar muito da área.

Eu optei pela habilitação EDAPE: queria lecionar, ser professora. Inclusive, já tinha uma compreensão, mesmo não embasada o suficiente, de que o gestor, o supervisor deveriam ser formados como professor, também e vice-versa.

No D2, a professora revela discursivamente a imagem de um sujeito consciente, preparado para encarar os desafios da vida acadêmica e, sobretudo, um profissional consciente de sua limitação financeira, o que lhe

impossibilitou de fazer o curso do seu sonho. Além disso, percebemos, também, que o professor do D2 revela a imagem do que era ser mulher há algumas décadas, pois era impossível para uma filha se deslocar para outra cidade sem a presença de seus pais. Na continuação, observamos que a professora se apresenta com o *ethos* de um sujeito que se reconhece profissionalmente, competente, que se identifica com sua área e que está preocupado com a formação acadêmica dos profissionais do Curso de Pedagogia, e que ao fazer este curso, assumiu-o como sua profissão com competência e responsabilidade.

D3

Cheguei ao CAMEAM em maio de 2006 após 8 meses de espera para a convocação oficial. Confesso que o que vi na estrutura do Campus não me animou muito. O fato de conhecer várias outras universidades colocava sempre em evidência a necessidade de comparações, muitas delas inevitáveis, especialmente no quesito espaço físico e tecnologia.

Esse respeito é o que me motivou a ensinar meus alunos, especialmente tentando mostrar alguns valores nos quais apostava; a apresentar, defender e implementar projeto de extensão inicialmente e depois pesquisa e assumir uma postura política diante dos colegas na busca de melhorias para o Campus e principalmente para o conjunto da Instituição.

No D3, o professor ao relatar suas experiências, revela inicialmente à imagem de um profissional preocupado com o desenvolvimento de suas atividades de ensino, em outras palavras, de um profissional receoso em lecionar no *Campus* de Pau dos Ferros. Contudo, o tratamento que ora fora lhe dado pelos servidores daquela instituição, o fez reconhecer enquanto profissional da área e, conseqüentemente, da realidade do *Campus* de Pau dos Ferros, motivando-o a se engajar nas lutas, com o propósito de intervir para a melhoria da mesma.

D4

Um espaço onde, ainda que não nas condições mais ideais, se pode, além de ensinar, realizar atividades de extensão e de pesquisa, de ser um profissional bem qualificado, preparado para os desafios do mercado de trabalho. E, mais que isso, um espaço onde se pode sonhar com a possibilidade de seguir uma carreira, de mudar de vida, de fazer sua própria história e com bem menos sacrifícios do que antes.

Temos, no D4, a imagem de um professor que se reconhece como profissional e que tem grande gratidão pelo CAMEAM, tendo em vista que, a partir da reflexão proposta em seu depoimento, conseguimos perceber a

relação de gratidão, de agradecimento estabelecido entre o professor e o CAMEAM, uma vez que, ao defender a tese de que o *Campus* de Pau dos Ferros é um espaço de transformação e conquista, defende-a levando em consideração as transformações e as conquistas de sua vida, que ocorreram concomitantes as da UERN de Pau dos Ferros.

D5

Depois, me apaixonei pelo curso e fui atingida pela síndrome que ludibria, embriaga, ou seja, a vontade de ser professor incondicionalmente. Acredito que esse despertar foi decorrência das vivências no curso e do ensino de muitos professores que tive e que admiro até hoje.

As atividades eram voltadas somente para o ensino, quase não ouvíamos falar em grupos de pesquisa e extensão. Nós, não éramos estimulados/trabalhados para iniciação científica.

Conclui em 1998, com todas as limitações sei que devo muito ao CAMEAM e ao curso de Pedagogia.

Neste caso, temos, portanto, uma professora que se apresenta com o *ethos* de um profissional da área, competente. Com efeito, ao longo do seu depoimento revela a imagem de um profissional preocupado com a formação acadêmica no Curso de Pedagogia, visto que não havia atividades de pesquisa e de extensão. Mas, apesar de todas essas limitações, apresenta, também, o *ethos* de uma professora grata tanto ao CAMEAM quanto ao Curso de Pedagogia.

D6

Falar do *Campus* Avançado “Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia”, ou simplesmente CAMEAM, dos momentos, dos fatos importantes, da sua história é, portanto, ao mesmo tempo falar de uma parte da minha vida, e de uma parte significativa tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos

Como docente e como gestora participamos de diversas lutas, das quais gostaríamos de destacar, a luta para a ampliação de vagas através da criação de novos cursos. Os obstáculos eram grandes, e muitas vezes, diante de conjunturas desfavoráveis, parecia um sonho distante. Mas os segmentos deste *Campus* (professores, técnicos e alunos) não desistiram e com o apoio da sociedade civil e da classe política da região, em 2004 foram criados no *Campus* de Pau dos Ferros, os cursos de Administração, Educação Física, Enfermagem e Geografia.

Temos no D6, mais um docente que revela a imagem de um profissional grato ao *Campus* de Pau dos Ferros, visto que no momento em que relata os fatos e a história do CAMEAM, faz uma ponte com sua própria história de vida, acrescentando a importância significativa que esse espaço tem, tanto em

termos quantitativos quanto qualitativos. Acrescentamos, também, que essa professora constrói a imagem de um sujeito engajado nas lutas, de uma batalhadora, na busca de melhores condições de trabalho, de infraestrutura, de pesquisa e extensão, de implantação de novos cursos. Enfim, seu *ethos* é de um profissional competente, compromissado com a academia, que luta por melhores condições para esse espaço acadêmico.

D7

Foram muitos os incentivos advindos dos que me conheciam e acreditavam em meu potencial. O bem-estar de vitória e de gratidão está em meu peito até hoje. Daí o porquê dos versos no início desta sessão. Dentre os obstáculos do caminho muitas mãos se estenderam para mim. E eu as segurei com precisão: consegui financiamento do crédito educativo junto ao governo federal, vez que naquele momento o curso era pago; substituí professores na rede de ensino fundamental; ganhei concurso de poesia; participei de congressos; ministrei cursinhos para funcionários do Banco do Brasil; trabalhei no setor de merendas. E, com a discreta observação/reprovação de alguns estimados professores, fiz alguns trabalhos para os meus colegas em troca de leituras de materiais interessantes que não poderia adquirir.

No D7, temos, também, mais um profissional que apresenta a imagem de um docente que tem muita gratidão ao CAMEAM, bem como aos seus professores. Observamos que essa professora se revela em seu discurso como um profissional dedicado, responsável e desejoso em crescer intelectualmente, visto que superou todas as dificuldades que estavam em seu caminho para chegar ao patamar desejado.

D8

Pretendo crescer nessa área (vejo num futuro não tão distante uma pós-graduação... um mestrado... um doutorado).

Temos no D8, a apresentação de uma imagem de um profissional promissor, desejoso em crescer profissionalmente, uma vez que, mesmo antes de terminar a graduação, já tinha em mente planos para seu futuro acadêmico que incluem Mestrado e Doutorado. Nesse caso, o *ethos* revelado é de um sujeito que tem esperança de vencer na vida e realizar todos os seus sonhos, alimentados pelo próprio *Campus*.

D9

Essas são as lembranças que ficaram de um esforço conjuntural para ver funcionar uma universidade nesses recônditos do estado do Rio Grande do Norte. Percebia-se um grande

espírito de luta e doação para ver a coisa acontecer, não só dos que constituíam os segmentos da instituição, mas da comunidade em geral, inclusive das regiões circunvizinhas. A exemplo disso presenciamos os esforços conjuntos em prol de seu Reconhecimento e sua Estadualização, marcos significativos desse comprometimento.

Nesse contexto, o Campus de Pau dos Ferros, hoje CAMEAM (Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”), tem marcado expressivamente sua trajetória contando sempre com o envolvimento e compromisso de todos. Hoje, já aposentada, com trinta anos dedicados à Instituição como docente no Campus de Pau dos Ferros, deixo meu testemunho com orgulho de ter servido à Instituição e de forma especial no CAMEAM, pelo que esse Campus foi e é, hoje, destacando-se expressivamente com ações e projetos que são dignos de um amplo reconhecimento que extrapolam a dimensão do local.

No D9, a professora se revela como uma profissional engajada nas lutas, na busca de melhores condições de trabalho e de infraestrutura para a UERN de Pau dos Ferros, revelando em seu discurso a imagem de uma profissional dedicada e grata ao *Campus* de Pau dos Ferros, pelo que representava e pelo que representa hoje para toda comunidade acadêmica.

D10

Se pudesse resumir minha experiência no *Campus* em uma única palavra, nenhuma outra seria melhor do que esta: GRATIDÃO. Enquanto aluna, tive uma experiência extremamente gratificante, acima de tudo edificante. Relato aqui esta experiência: os estágios que realizei enquanto bolsista do curso de Ciências Econômicas em duas instituições financeiras e uma mista, possibilitam-me valorizar mais o curso, adquirindo algumas experiências práticas. Muito mais do que isso, fazia--me compreender que para minha realização profissional e, assim, como outros jovens oriundos de família pobre que sonhavam ter um curso superior, não precisei recorrer aos grandes centros. Como egressa tive a experiência de ser professora substituta, fazendo-me entender que essa oportunidade me aproximava do meu real caminho profissional. Hoje, atuando como professora no curso de Ciências Econômicas, e vivenciando, apesar das dificuldades, o quanto, nos últimos anos, o CAMEAM, redimensionou-se e renovou-se, reconheço cada vez mais a importância deste *Campus* para o desenvolvimento da região do Alto Oeste e das cidades circunvizinhas.

Por último, no D10, a professora mostra-se bastante gratificante para com o CAMEAM, de modo que as experiências vividas nesse espaço acadêmico, tanto na condição de aluna como de egressa e, agora, na condição de professora, apesar de todas as dificuldades pelas quais passou, contribuíram significativamente para sua realização profissional. Nesse caso, temos o *ethos* de um profissional grato e consciente da importância que o *Campus* de Pau dos Ferros tem para a região do Alto Oeste Potiguar e estados circunvizinhos, representados especialmente, pelos estados da Paraíba e do Ceará.

Contudo, para efeito de exemplo, vejamos abaixo o gráfico que apresenta a imagem que os professores revelam de si ao relatarem suas experiências na UERN de Pau dos Ferros.

Observemos o gráfico:



Gráfico 04: Diferentes *ethos* em discursos dos professores

Os docentes, nas teses principais de seus depoimentos, revelam diferentes *ethos* que se assemelham e se distanciam, uma vez que, conforme gráfico 05, podemos perceber que um dos professores envolvidos em nossa pesquisa revela a imagem de um profissional preocupado com o fazer acadêmico; um apresenta a imagem de um profissional responsável; outro de um profissional comprometido; dois revelam a imagem de profissional preocupado com a formação acadêmica; dois de profissional que tem certeza que deseja ser professor; um revela sua imagem de profissional receoso em trabalhar no CAMEAM; três apresentam o *ethos* de profissional engajado nas lutas; sete revelam a imagem de profissional grato ao CAMEAM; um cria o *ethos* de profissional grato ao Curso de Pedagogia, dois de profissional grato aos seus professores; um revela a imagem de profissional que superou as dificuldades e, por fim, dois docentes apresentam a imagem de profissional dedicado.

4.3 Argumentação e os efeitos de sentidos sobre a UERN de Pau dos Ferros

Já é sabido que em um processo argumentativo, o orador no intuito de defender sua tese, apresenta seus argumentos utilizando-se de técnicas argumentativas para dar sustentação a sua ideia central. No entanto, ao defender seu ponto de vista acerca de um determinado objeto, ser ou coisa, produz diferentes efeitos de sentidos que se assemelham e se distanciam.

Nessa pesquisa, observamos que os docentes envolvidos, ao relatarem os momentos e fatos marcantes na história da UERN de Pau dos Ferros, produzem em seus depoimentos vários efeitos de sentidos sobre essa instituição de ensino superior. Dessa forma, vejamos a seguir, os efeitos de sentidos que os professores constroem sobre o *Campus* de Pau dos Ferros em seus depoimentos.

Assim sendo, o efeito de sentido do D1 ressalta que, o *Campus* de Pau dos Ferros, apesar de possuir uma estrutura física que deixa a desejar, é um ambiente acolhedor, sobretudo, pelo fato de que há nesse espaço acadêmico uma relação humana bastante diferenciada, o que faz desse *Campus* um lugar especial, pois, embora todas as dificuldades existentes em termos estruturais, em termos de pesquisa e extensão, há um enorme comprometimento, de vontade dos profissionais em fazer acontecer. Desse modo, aquela velha barreira que existe na maioria das instituições entre professor e aluno, não existia no CAMEAM, de modo que os alunos são amigos dos professores, os professores são amigos do diretor e o diretor é amigo do jardineiro e, assim sucessivamente. Nestes termos, acrescentamos que essa instituição serviu de base para o crescimento profissional de muitos professores.

Em D2, encontra-se um efeito de sentido bastante presente em quase todos os depoimentos, o de que o CAMEAM funcionava em péssimas condições, pois, apesar de ser considerada uma instituição pública, os alunos tinham que pagar uma mensalidade para ajudar na manutenção, sendo que devido a essa precariedade, em várias ocasiões os alunos tinham que se dirigir para escolas do município de Pau dos Ferros, visto que as aulas eram raras e, quando haviam, eram discutidas teorias, resultados de pesquisa, deixando a desejar na articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

O sentido do D3 é que essa instituição necessitava de ajustes tanto em seu aspecto físico, quanto em termos relacionados à pesquisa, ensino e extensão. Contudo, apesar de apresentar todas essas dificuldades havia um material humano muito comprometido com a instituição, fazendo-a desses pequenos blocos de tijolos um ambiente acolhedor.

No D4, assim como os anteriores, constatamos que o sentido que se constrói, inicialmente, é de um ambiente precário, sem efervescência acadêmica, pois não se cogitava em pensar na articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Mas, no decorrer do depoimento o professor produz outros efeitos de sentidos sobre a UERN de Pau dos Ferros, de modo que com os passar dos anos, sob a direção de gestores desejosos em trazer melhorias para esse espaço acadêmico, tornou-se um ambiente de transformação e conquista, visto que foram construídos novos prédios, implantados novos cursos e, agora, já se ouve falar em pesquisa e extensão.

O sentido construído no D5 é muito semelhante com o do D4, de modo que relata a precariedade estrutural do CAMEAM, a falta de pesquisa e extensão, mas, com o passar dos anos, o *Campus* de Pau dos Ferros conquistou avanços significativos, passou a ter efervescência acadêmica, tornando-se uma fonte de conhecimento para aqueles que querem crescer profissionalmente, isto é, o CAMEAM tornou-se um espaço de transformação e conquista.

Já no D6, a reflexão é pautada, também, no fato de que o CAMEAM é um espaço com limitações estruturais, mas, com um corpo docente muito ativo nas atividades acadêmicas, nas lutas para superar as dificuldades e mantê-lo em funcionamento, pois com a dedicação e compromisso dos que fazem a UERN de Pau dos Ferros, tornaram-se visíveis as transformações, bem como as conquistas realizadas por esse espaço, tornando-se um segundo lar para a maioria dos docentes.

O sentido produzido no D7 é que, embora todas as dificuldades enfrentadas para se fazer um curso de nível superior, principalmente há alguns anos, o CAMEAM serve de força motriz para superar todos os desafios, sobretudo, porque é um espaço de oportunidade para aqueles que querem crescer na vida e ascender intelectualmente. Além disso, expõe a relevância significativa que o *Campus* de Pau dos Ferros tem tanto para a região do Alto

Oeste Potiguar, quanto para os estados circunvizinhos, especialmente, a Paraíba e o Ceará, pelo fato de ser, conforme D7, o centro laboratorial das novas tecnologias e aprendizagens.

O sentido que se produz no D8 é de que o CAMEAM é um espaço de conquista, que possibilita sonhar, de ir mais longe, de realização de seus objetivos, é um espaço que permite desbravar novos horizontes.

No DN9, predica-se que o CAMEAM, assim como a maioria dos sentidos produzidos nos depoimentos anteriores, é um ambiente marcado pela precariedade estrutural, bem como pela falta de recursos didáticos pedagógicos que auxiliem o professor a ministrar uma boa aula. Contudo, apesar dessas dificuldades existia um desejo de luta, de ver a coisa acontecer.

E, por fim, o D10 produz o sentido de que o *Campus* de Pau dos Ferros é um espaço de oportunidade para aqueles que querem crescer profissionalmente, visto que passou por sucessivas transformações desde sua fundação até os dias atuais, tornando-se um espaço de fundamental importância, não só para a região do Alto Oeste Potiguar, mas, sobretudo, para os estados circunvizinhos.

Por último, enfatizamos que o docente ao relatar suas experiências vividas no CAMEAM, ao se colocar como sujeito que luta e participa ativamente dos processos de transformação e conquista desse espaço acadêmico está sempre construindo diferentes efeitos de sentido sobre o *Campus* de Pau dos Ferros, desde um espaço em que as dependências são precárias, em que faltam recursos para pesquisa e extensão até um espaço de transformação e conquista. Nessas circunstâncias, elaboramos um gráfico em que temos a oportunidade de ver os efeitos de sentidos construídos sobre o CAMEAM nos depoimentos dos professores entrevistados.

Vejamos o gráfico abaixo:



Gráfico 05: Representação dos diferentes sentidos para o CAMEAM

Conforme gráfico 04, observamos que os sujeitos envolvidos na pesquisa constroem diferentes efeitos de sentidos sobre o *Campus* de Pau dos Ferros. Nesse caso, notamos que os efeitos de sentidos construídos ao longo dos depoimentos acontecem em tempos passados e atuais do CAMEAM, visto que como já foi mencionado anteriormente, alguns dos depoimentos fazem uma retrospectiva do que era a UERN de Pau dos Ferros há alguns anos e o que ela representa hoje, apontando as significativas mudanças ocorridas ao longo dos anos nesse espaço acadêmico.

Com efeito, quatro dos depoimentos apontam que o CAMEAM é um ambiente acolhedor, de boa relação humana; um dos sujeitos envolvidos na pesquisa diz que esse *Campus* é um lugar especial, diferenciado; outro diz que é um espaço de crescimento profissional; sete apontam que a UERN de Pau dos Ferros era um estabelecimento público que vivia em condições precárias, pois não tinha uma boa estrutura física, de modo que os alunos vez por outra eram remanejados para escolas do município de Pau dos Ferros, em virtude

das péssimas condições que o CAMEAM oferecia; oito dos entrevistados disseram que esse é um espaço de transformação e conquista, visto que, embora todas as dificuldades, as transformações e as conquistas são visíveis, dois dos docentes envolvidos na pesquisa afirmam que em tempos passados, ou seja, logo no início de sua fundação a UERN de Pau dos Ferros não tinha efervescência acadêmica, pois, além de não apresentar uma boa estrutura física, não ofertava a pesquisa nem a extensão, bem como a participação e publicação dos alunos em eventos acadêmico-científicos era mínima; um afirma que é espaço onde as pessoas podem adquirir conhecimento; dois relatam que esse *Campus* é espaço de luta; um considera esse ambiente acadêmico como sendo seu segundo lar; dois dos entrevistados dizem em seus depoimentos que esse é espaço de oportunidade, que permite mudar suas vidas, de abrir novos horizontes e realizar novas conquistas; dois afirmam que esse espaço acadêmico tem grande importância não só para a região do Alto Oeste Potiguar, mas, também, para as regiões circunvizinhas, especialmente, para os estados do Ceará e da Paraíba; um considera que a UERN de Pau dos Ferros é a força motriz para superar os desafios e as dificuldades do aluno de classe média baixa e, por fim, um dos sujeitos envolvidos na pesquisa aponta que o *Campus* de Pau dos Ferros é um centro laboratorial das novas tecnologias, pois os avanços são significativos e visíveis nesse espaço acadêmico.

Diante disso, percebemos, então, que os depoimentos desses professores são caracterizados basicamente pela luta, pela vontade de fazer um CAMEAM melhor, de modo que podemos notar que todos esses depoimentos trazem em sua essência argumentativa o fato de que o *Campus* de Pau dos Ferros passou por diversos problemas, aqui, se fala tanto em termos relacionados à estrutura quanto em termos relacionados à pesquisa e à extensão. Mas, existia e existe nessa instituição de ensino superior, profissionais comprometidos com o que faz e desejosos em contribuir, de um modo geral, com o crescimento da UERN de Pau dos Ferros.

Desse modo, a análise desses depoimentos nos possibilitou demonstrar a importância significativa que o *Campus* de Pau dos Ferros tem para esses profissionais, visto que foi somente a partir da vivência e experiência adquiridas nesse *Campus* que esses professores são o que são hoje, profissionais

qualificados e dedicados para com as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde. (MARQUES, 2006, p. 15).

De um modo geral, as reflexões, discussões e análises ora realizadas, bem como levando em consideração a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) postulada por Perelman e Tyteca (2005) que considera a argumentação como uma prática social, uma interação comunicativa que visa inferir no pensamento alheio, provocando à adesão as teses que lhes são apresentadas, é que analisamos em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros as teses, de modo a considerar o *ethos* e os efeitos de sentidos construídos nesses depoimentos.

Para tanto, no intuito de responder a questão central da nossa pesquisa, sobre quais as teses, o *ethos* e os efeitos de sentidos produzidos pelos professores da UERN de Pau dos Ferros em depoimentos que relatam fatos, momentos e histórias que mereçam ser registrados na memória desse *campus*, formulamos algumas questões indispensáveis para a realização das análises, qual seja: Como os professores constroem argumentativamente suas teses sobre o *Campus* de Pau dos Ferros? Qual a imagem que professores da UERN de Pau dos Ferros revelam de si em seus depoimentos? Que efeitos de sentidos construídos nos depoimentos dos professores em torno do *Campus* de Pau dos Ferros?

Com efeito, no decorrer do nosso trabalho, conseguimos responder a essas questões, visto que percebemos que nos dez depoimentos em foco, os professores ao relatarem suas experiências nesse âmbito acadêmico, constroem várias teses que se assemelham e se distanciam, sendo que a maioria dos depoimentos defende a tese de que o CAMEAM funcionava em condições precárias e não ofertava com qualidade uma articulação entre ensino, pesquisa e extensão, mas, com o passar dos anos, passou por avanços significativos. Outros defendem a tese de que apesar de todas as dificuldades que o CAMEAM enfrentava, havia um material humano

diferenciado capaz de fazer acontecer; outros argumentam da relevância do *Campus* de Pau dos Ferros para a região do Alto Oeste Potiguar e estados circunvizinhos, assim como para aqueles que querem ascender intelectualmente e realizar o sonho de ir mais longe.

Quanto à imagem revelada por esses professores no processo argumentativo de seus depoimentos, percebemos que eles revelam diferentes *ethos*, a saber: (i) o *ethos* de profissional responsável, dedicado e preocupado com o fazer acadêmico; (ii) o professor que revela o *ethos* de profissional comprometido, preocupado com a formação acadêmica; (iii) o *ethos* de profissional acadêmico; (iv) o docente que revela a imagem de profissional grato ao CAMEAM, bem como para com o curso que se formou e seus professores; (v) o *ethos* de profissional engajado nas lutas e, por fim, (vi) o professor que apresenta a imagem de profissional que superou todas as dificuldades para chegar no patamar desejado.

Em se tratando dos sentidos construídos do/no CAMEAM, observamos que os efeitos de sentidos são construídos em tempos passados e atuais, visto que alguns dos docentes fazem uma retrospectiva da UERN de Pau dos Ferros de antes e a de hoje, a de agora, apontando as significativas mudanças ocorridas ao longo dos anos. Então, observamos que os sentidos que se constroem em torno do *Campus* de Pau dos Ferros é que era uma instituição em péssimas condições, sem efervescência acadêmica, mas, apesar disso, devido à dedicação e profissionalismo de todo corpo docente, bem como de toda comunidade acadêmica, fizeram desse *Campus* um ambiente acolhedor e de boa relação humana, um lugar especial, diferenciado, que possibilita crescimento profissional, que sofreu transformações e realizou conquistas tanto em seu aspecto físico, quanto no que diz respeito às melhorias visíveis nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, na visão de alguns docentes entrevistados é um espaço de luta e de oportunidade de mudar a vida daqueles que querem crescer profissionalmente, tornando-se de grande importância para a região do Alto Oeste Potiguar e estados circunvizinhos, de modo que é a força que move o aluno para superar os desafios e realizar novas conquistas.

Sendo assim, diante das discussões e análises ora apresentadas, ressaltamos a importância desse trabalho para os estudos da argumentação,

visto que fizemos um percurso teórico desde a retórica até chegar aos estudos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) e suas categorias propriamente ditas.

Desse modo, o presente trabalho trará contribuições significativas não só para os estudos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) mas, sobretudo, terá uma relevância significativa para toda comunidade acadêmica da UERN de Pau dos Ferros, uma vez que o nosso *corpus* é constituído de depoimentos de professores que viveram momentos e fatos históricos no *Campus* de Pau dos Ferros, que contribuíram para sua construção física, acadêmica e identitária, também pelos discursos.

Nesse caso, ao adotarmos a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), para subsidiar teoricamente as nossas análises em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros, focalizamos as teses, o *ethos* e os efeitos de sentidos produzidos nesses discursos, acreditando estar contribuindo com os estudos da argumentação e, conseqüentemente, despertando o interesse de futuras pesquisas inerentes aos processos argumentativos em depoimentos de professores da UERN de Pau dos Ferros.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos de graduação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hicitec, 2006.

BAUER, M. W; G. G. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997.

CITELLI, A. A tradição Retórica. In: **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1985.

COSTA, R. L. As teses sobre o ensino de línguas: um estudo da construção retórica em monografias de graduação. In: **Anais do VII Colóquio Nacional de Professores de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – VII CMELP**, Pau dos Ferros, UERN, 2010.

DANTAS, D. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital**: um estudo sobre o blog “Fatos e Dados”. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2012.

FARACO, C. A; TEZZA, C. **Práticas de texto para alunos universitários**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido**: Estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

GOMES, A. L. S. F. **Argumentação e escrita e as crianças**: um estudo sobre a capacidade de julgamento de texto argumentativo. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

GUIMARÃES, I. A. O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem. In: Mikhail Bakhtin: **Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2005.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI. M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2008.

MANELI, M. **A nova retórica de Perelman**: filosofia e metodologia para o século XXI. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

MEYER, M. A unidade da retórica e seus componentes: *ethos, pathos, logos*. In: **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. As bases da retórica. In: CARRILHO, M. M. (Org.). **Retórica e comunicação**. Tradução de Fernando Marinho. Lisboa: Edições Asa, 1994.

MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Editora Bagaço, 2005.

PAPA, I. A. W. **Os recursos de presença nos livros de auto-ajuda**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP, 2006.

PERELMAM, C. **Retóricas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, C., OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução Galvão, M. E. A. P. 2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, G. S. **O Nordeste na mídia: um (des) encontro de sentidos**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2003.

_____. Algumas reflexões acerca da contribuição de Bakhtin para o sócio-interacionismo na linguagem. In: RODRIGUES, L. O; et al. (Orgs.). **V Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros – V SELLP**, Mossoró: Queima Bucha, 2006.

_____. (Coord.). **Argumentação e construção de sentidos na elaboração de hipóteses e/ou questões de pesquisa em monografias: um estudo sobre a produção textual no Ensino Superior**. Projeto de Pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2008a. [Projeto aprovado pelo Comitê de Bolsas do CNPq/UERN].

_____. Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima Bucha, 2008b, p. 57 – 72.

_____. (Coord.). **Os discursos que constituem o CAMEAM/UERN: das vozes dos gestores às vozes dos segmentos acadêmicos**. Projeto de Pesquisa. Pau dos Ferros: UERN, 2011. [Projeto aprovado pelo Comitê de Bolsas do CNPq/UERN].

TRINGALI, D. **Introdução à retórica: a retórica como crítica literária**. São Paulo, Duas Cidades, 1988.

ANEXOS

**ANEXO A: OFÍCIO DA COORDENAÇÃO DA
PESQUISA**



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretariado de Estado da Educação e Cultura - SEEC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

Campus Avançado Professora “Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM”

DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

PESQUISA: “Os discursos que constituem o CAMEAM/UERN: das vozes de gestores às vozes dos segmentos acadêmicos e comunidade”

Ofício Circular nº. 002/2011 – Pesquisa Vozes/CAMEAM/UERN

Pau dos Ferros, 13 de abril de 2011.

Prezado/a Senhor/a,

Cientes da responsabilidade dos trabalhos em Pesquisa e Extensão que a Universidade deve realizar, o Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto – GPET, com o intuito de investigar e analisar os discursos que constituem a formação histórica do *Campus* de Pau dos Ferros, e considerando, para tanto, indispensável a participação das vozes que atuaram e atuam em seu discurso, vem, por meio deste Projeto de Pesquisa, convidar vossa senhoria para participar, como informante/colaborador, da construção conjunta de nossas memórias e da história de nosso *Campus*.

Sabendo da sua participação direta ou indireta na construção da história do *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, solicitamos de vossa senhoria, se possível, ***depoimento sobre histórias, momentos, experiências, narrativas e fatos que mereçam ser registrados na memória deste Campus***, sendo que o foco e a especificidade do depoimento ficam a critério de cada informante.

Os depoimentos devem ser feitos e encaminhados para o e-mail giltonsampaio@uern.br ou entregues pessoalmente ao aluno Fernando Filgueira Barbosa Júnior (Tel. 84.3351.2275 ou 2560; Celular 84.9101.2430), no Gabinete do GPET, no CAMEAM/UERN.

Pedimos, ainda, que, se possível, depois de entregar/enviar o depoimento, assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra com o Bolsista Fernando Júnior, para que se possam tornar públicos os seus depoimentos, como partes constitutivas das memórias, das histórias e das contribuições do CAMEAM para o desenvolvimento da região e, em parte, para a sua história de vida.

Solicitamos, por último, que os depoimentos sejam enviados em, no máximo, 15 (quinze) dias após o recebimento dessa solicitação por Vossa Senhoria.

Certos de que juntos realizaremos um trabalho que poderá contribuir para o entendimento e desenvolvimento do CAMEAM e para os registros da história da Educação Superior em nossa região, contamos com a sua valiosa colaboração que servirá como fonte de informação e análise para nossos estudos. Atenciosamente,

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

**ANEXO B: MODELO DE TCLE A SER
ASSINADO PELOS INFORMANTES**



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretariado de Estado da Educação e Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM
Departamento de Letras – DL
Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto - GPET

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **Os Discursos que constituem o CAMEAM/UERN: das vozes de gestores à vozes dos segmentos acadêmicos e comunidade.**

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: **O CAMEAM** carrega em sua história, processos coletivos de luta e de crescimentos, cujos discursos, efeitos de sentido, produzidos nas interações humanas, pelo próprio CAMEAM ou por representantes da sociedade, em relação a esse *campus*, constroem argumentativamente definições (identidades), sentidos múltiplos sobre próprio CAMEAM e sobre os sujeitos atores e participantes de sua história. O objetivo desse projeto é rastrear os sentidos do CAMEAM, construindo um banco de dados sobre os discursos que constituem o CAMEAM/UERN. São sentidos que, por serem definidores e identitários, e por não serem tidos como verdade absoluta dos fatos, assumem um caráter de verdadeiros, produzem efeitos de verdade para o próprio *campus* e para sociedade, constituindo identidades de si para si, que repercutem e constituem, também, sentidos identitários para seus servidores, comunidade acadêmica e região de sua área de atuação e influência. Para que possa ser realizado o rastreamento, serão utilizados seguintes procedimentos de coleta de material: os discursos serão gravados (por meio de mídia eletrônica) ou recebidos (por e-mails e/ou impressos), com autorização por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos sujeitos informantes, para divulgação pública.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo à você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a

**ANEXO C: DEPOIMENTOS DOS
INFORMANTES NA PESQUISA**

Eu e o CAMEAM

D1

Minha relação com o Campus Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM começou nos últimos meses do ano de 2007, quando fui aprovado no concurso para professor do Curso de Geografia. Confesso que não estava nada satisfeito com a idéia de sair da cidade que vivi a maior parte da minha vida, ou pelo menos, mais tempo no mesmo lugar, que era Caicó, lugar onde tenho meus laços familiares e bases emocionais e profissionais firmadas. Então, vim para Pau dos Ferros em dezembro de 2007, morando, de início, na Pousada Parque das Serras onde tive, durante duas semanas, a rotina de pousada – CAMEAM, CAMEAM-pousada.

E foi neste período que, com o olhar de um estranho, comecei a perceber algumas nuances que este campus tem de diferente em relação àqueles que já conheci, mais especificamente, aquele no qual me formei. Comecei a perceber que muitas das relações humanas se dão de forma diferenciada, não sei se influência do estilo de vida das pessoas da cidade, ou da posição que as pessoas assumem em seus locais de trabalho ao longo de muitos anos, mas no CAMEAM, o jardineiro era amigo do diretor, que tinha um quadro com a foto do “cuidador” por trás do seu birô de gabinete; os professores novos e antigos no meu departamento tinham um entrosamento que é incomum aos demais grupos docentes que conheci, os alunos tinham mais proximidade com seus mestres, às vezes até demais, o que quebrava aquela tradicional barreira do pedestal onde o docente está em cima e o discente em baixo. É claro que há exceções, num universo tão diverso de áreas de conhecimento, de pessoas de origem diferentes, de tantas relações de trabalho e poder, mas ainda assim hoje o CAMEAM me parece diferente.

Diferente também o é devido à sua organização espacial, onde o velho e o novo estão em constante tentativa de harmonização, de unificação e, às vezes numa tentativa quase inútil de planificação. A renovação dos espaços tem sido dinâmica, com a construção de novos blocos, a falta de utilização de alguns espaços antigos, pela falta de condições materiais e de infra-estrutura, e inclusive vejo isso como um reflexo da carência de recursos que sofremos... aluno fazendo atividade de laboratório sentado no chão... bobagem, rotina, mas ainda assim, com um jeitinho que alguns professores daqui teimam em ter, essas dificuldades são superadas muitas vezes com bom humor, humildade e carisma, adjetivos raros em nossa academia tradicional.

As relações de disputa de espaço e poder, estas sim talvez sejam as mais comuns em termos de universidade, com a velha rivalidade que, por um motivo ou por outro, se forma entre cursos, entre grupos de alunos, parede que há sempre alguém criticando alguém tenha esta razão ou não. Na verdade percebo mais claramente que no CAMEAM, fazer algo é muito mais do que simplesmente fazer, é mostrar a todos quem são os que não estão fazendo nada.

Sei que o CAMEAM não pode ser considerado o melhor lugar do mundo para se trabalhar, mas algumas pessoas daqui juram que é; também sei que tem servido de trampolim profissional a muitos em seus percursos profissionais, mas ainda assim acredito que a vivência deste espaço é dentro da própria instituição UERN e de outras universidades, no mínimo, diferente.

Pois dificuldades associadas à boa vontade, perseverança, gana de crescer e aparecer, fazem do nosso campus um lugar especial. Bom, para mim o é.

Depoimento a ser concedido à Pesquisa:**D2**

Ao concluir o segundo grau, conforme designado esse nível da educação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na época, a LDB nº 5.692/71, haveria eu de enfrentar o exame vestibular para ingressar na educação superior.

E o sonho de cursar Direito? Em Pau dos Ferros, não havia essa oferta, mas somente na longínqua capital. No *Campus* local da UERN, eram ofertados três cursos: Pedagogia, Letras e Economia. Estudar na cidade grande demandava uma condição financeira favorável e, na época, aos filhos de famílias mais pobres que fossem estudar na capital, restavam-lhes residir na Casa do Estudante ou da Estudante. Para meu pai e minha mãe, isso era inconcebível, principalmente para sua única filha mulher.

Contudo, dois anos depois, meu irmão, o segundo depois de mim, foi estudar em Natal. Mesmo diante das dificuldades financeiras, meus pais permitiram-lhe enfrentar os desafios, com suas dores e prazeres. Era filho homem. Embora não concordasse, respeitava o posicionamento assumido pelos meus pais. Eram tantas as dificuldades, que não foi tão difícil entender e aceitar a realidade. Eram perceptíveis e sempre admirei o amor e o encanto de minha mãe e de meu pai pelos estudos dos filhos e filha, enfim pelo sucesso de todos nós nesse percurso existencial. Sou-lhes bastante agradecida.

Em 1980, então, prestei exame vestibular para o Curso de Pedagogia. Dos cursos ofertados, era o que me atraía um pouco. Fui aprovada na seleção e, no decurso da vida acadêmica, foi sendo construída uma identificação com o curso, de forma que passei a gostar muito da área. Afinal, Ciências Humanas e Sociais constituem uma área de conhecimento muito significativa no percurso constitutivo de nossa existência individual e social, na medida em que contempla aspectos fundamentais da formação profissional e humana, buscando responder às diversas demandas e exigências de uma sociedade cada vez mais complexa.

O ato de criação do Curso de Pedagogia formalizou-se através da Resolução 126/66 – CEE, de 16/11/1966 e seu funcionamento, no *Campus* de Pau dos Ferros, teve início em 19/12/1976, data de instalação oficial do referido *Campus*, com os Cursos de Pedagogia, Economia e Letras. Pedagogia era ofertado pelo Departamento de Educação e ainda o é. Essa criação manifestava os resultados da premente necessidade de implantação da Universidade nesta região, atendendo aos anseios da sociedade e, também, ao projeto político e social de expansão da Universidade Regional do Rio Grande do Norte – URRN, como era denominada, na época.

O **currículo original do curso**, com uma carga horária mínima de 2.775 horas, equivalente a 185 créditos, **formava o especialista em educação nas habilitações: Administração Escolar; Supervisão Escolar e Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas das Escolas Normais - EDAPE**. Tratava-se de uma organização curricular rígida, disciplinar e fragmentada, expressando uma seqüência hierarquizada de conteúdos, muitas vezes descritivos, que, por um lado, não estabeleciam, entre si, um diálogo e, por outro, não rompiam com a dicotomia entre teoria e prática, capaz de contrapor-se a uma realidade complexa e interdependente. Eu optei pela habilitação EDAPE: queria lecionar, ser professora. Inclusive, já tinha uma compreensão,

mesmo não embasada o suficiente, de que o gestor, o supervisor deveriam ser formados como professor, também e vice-versa. Na formação dos profissionais da educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional era sentida, na prática, a especialização de cada função, o distanciamento entre professor, supervisor e gestor, inclusive o arcabouço legal da época garantia, em nível conceitual e operacional, a separação da docência de outras funções do campo da pedagogia. Nossos docentes, em sua maioria, reforçavam tais concepções.

O foco era ensino desarticulado mesmo, em sua grande maioria, da pesquisa e da extensão. Na época, a qualificação docente não se apresentava, ainda, no leque de prioridade do planejamento acadêmico e institucional, embora alguns docentes já perseguissem esses caminhos. Para nós, discentes, pesquisa e extensão eram atividades que não estavam ao nosso alcance. No ensino, lembro-me bem, as disciplinas pareciam caixinhas fechadas de conhecimento, mas mesmo assim, foram construídas aprendizagens significativas à formação profissional e humana, as quais, na dinâmica da realidade social, demandaram e continuam demandando redimensionamentos, ressignificações e aprofundamentos.

O *Campus* de Pau dos Ferros funcionou durante o período em que cursei a graduação em três prédios com salas muito pequenas e superlotadas: Primeiro, na Escola Estadual Joaquim Correia, palco de parte de minha vida escolar na infância, particularmente do 3º e 4º anos do Curso Primário: belas recordações. Segundo, na Escola Estadual Tarcísio Mais e, por último, no Bairro Arizona, onde hoje funciona a sede do *Campus* da UERN.

Embora declarada pública, lembro-me bem: pagava uma mensalidade para cursar Pedagogia. Era um curso público, porém pago. Coisa desse estreitamento histórico entre público e privado no Brasil. Havia crédito educativo para financiar a graduação de alunos de baixa renda. Minha renda familiar era baixa, mas não fiz o financiamento, na época. Era algo bem artesanal, ao final do mês, nos dirigíamos à secretaria do *campus* para efetuar o pagamento da mensalidade. A gestão da instituição era algo bem expressivo da potencialidade patrimonial e política de uma família oriunda de oligarquias dominantes no Estado.

O funcionamento dos Cursos de Pedagogia, Letras e Economia dava-se em condições infra-estruturais muito precárias: as avaliações eram datilografadas ou mesmo manuscritas; não havia biblioteca, mas sim um pequeno, pequeníssimo acervo de livros cedido por instituições diversas. Recursos tecnológicos não havia e os recursos técnico-didáticos eram poucos. Faltava-nos até um retroprojeter. O quadro de pessoal do *campus* era muito reduzido.

Em Pedagogia, gestão, supervisão escolar e ensino das disciplinas e atividades práticas das Escolas Normais eram atividades distintas e hierarquizadas, não havendo interdependência entre elas. Cada habilitação funcionando numa sala tão pequena. Não se sentia entre as disciplinas a elas pertinentes e entre as habilitações unidade em seus objetivos sócio-políticos e pedagógicos, interdependência, vínculos conceituais, temáticos e de abordagem metodológica, condição importante para que saberes pertencentes a diversos campos disciplinares possam romper com a fragmentação do saber.

Em meio a esse cenário, havia aulas (embora raras) em que nos eram apresentadas, em discussões teóricas, resultados de pesquisas educacionais

desenvolvidas, em várias regiões do país, as quais já apontavam anseios de uma *organização curricular* do Curso de Pedagogia que desse conta de articular entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Afinal, o curso de pedagogia, desde a década de 1980, vinha sendo objeto de debate e de reformulações curriculares em inúmeras instituições em decorrência, sobretudo, do amplo movimento pela redemocratização do país, que impulsionou, no âmbito educacional o (re) surgimento de movimentos e entidades dispostos a ensejar mudanças institucionais., a exemplo da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope). No exercício da crítica à organização curricular existente, já havia alguns poucos de nossos docentes e discentes que falavam sobre as angústias presentes em nossa formação acadêmica, bem como sobre propostas /anúncios de uma formação capaz de garantir a dinâmica da relação teoria e prática e aspectos fundamentais da formação profissional e da experiência humana requerida.

Esse percurso formativo foi marcado por inúmeros limites, mas também por possibilidades. Há experiências vividas que são inesquecíveis, pela sua potencialidade em gerar, fomentar uma nova cultura formativa capaz de provocar mudanças lentas, porém, significativas em nosso cotidiano social e profissional. Essas experiências, construídas e vividas por humanos em contextos específicos, certamente, têm se constituído e devem constituir-se em referências para as contemporâneas necessidades formativas requeridas ao Pedagogo e à Universidade, em geral, nos sentido de se construir um projeto político-pedagógico que aponte um perfil profissional de pedagogo que tenha significativo domínio de conhecimentos dos campos de atuação e, ao mesmo tempo, compreenda que esse conhecimento necessita ser redimensionado diante de situações específicas, o que lhe exigirá habilidades pedagógicas e metodológicas.

DEPOIMENTO.

D3

Atendendo ao convite para participar da pesquisa que tem em seu escopo as narrativas daqueles que fizeram ou fazem parte da História do CAMEAM, passo a relatar meu olhar a partir de dois aspectos: como professor e como ex-coordenador de curso.

Como Professor:

Cheguei ao CAMEAM em maio de 2006 após 8 meses de espera para a convocação oficial. Confesso que o que vi na estrutura do Campus não me animou muito. O fato de conhecer várias outras universidades colocava sempre em evidência a necessidade de comparações, muitas delas inevitáveis, especialmente no quesito espaço físico e tecnologia.

Essas primeiras impressões negativas foram rapidamente sublimadas em função da atenção que recebi da diretora naquela altura, a senhora Maura. Dona de uma comunicação decisiva e de uma presença contagiante, Maura aos poucos mostrava os recursos que o campus dispunha e as diferentes formas de superar os desafios do cotidiano. Ela me ensinou que mesmo uma cidade pequena como Pau dos Ferros e um campus em processo de reconstrução inter e intrainstitucional, nós poderíamos e deveríamos mostrar a que viemos. Sua politização ainda me traz boas lembranças, na contrária medida do tratamento dispensado pelo coordenador do curso de Educação Física naquele momento, o professor Norumberg Morais Monte.

O tratamento dispensado pelo senhor coordenador me levou a crer que seja um bom argumento pensar na realidade dos professores que atuam num campus que se localiza a cerca de 400 kms da capital como profissionais e não como turistas, atribuição dada por alguns daqueles que faziam o CAMEAM naquele momento.

E alguns é a expressão mais correta. O conjunto de colegas professores, de alunos e técnicos era constituído de um material humano totalmente diverso das raras e ruins experiências. A massa dos professores era formada de pessoas competentes, solidárias, dedicadas e essencialmente comprometidas com o ensino e a missão da UERN como a única universidade estadual do Rio Grande do Norte. Pessoas com as quais lembro com carinho e que tenho o maior respeito.

Esse respeito é o que me motivou a ensinar meus alunos, especialmente tentando mostrar alguns valores nos quais apostava; a apresentar, defender e implementar projeto de extensão inicialmente e depois pesquisa e assumir uma postura política diante dos colegas na busca de melhorias para o Campus e principalmente para o conjunto da Instituição. Algo nem sempre fácil. O discurso derrotista e conservador de muitos alunos que se julgavam off line de seus pares em outras universidades e no mesmo curso de Educação Física, corroboravam para uma qualidade discutível dos resultados finais, fato que até hoje me preocupa muito.

Uma preocupação que pode ser claramente observada na escrita destes mesmos alunos. A escrita é infelizmente um componente negativo da formação em Educação Física. Nossos alunos em diferentes lugares do Brasil são conhecidos pela má qualidade dos textos que produzem, entretanto sempre

apostei no exercício contrário, partilhando sistematicamente com outros colegas professores, a necessidade de debatermos e mudarmos este cenário. Creio nem precisar dizer que para muitos alunos isso era exagero e para alguns colegas professores, frescura.

Para esse mesmo conjunto de professores (felizmente não é generalizado) que tinham e têm na escrita, no registro de suas experiências uma besteira facilmente superável, a ação da extensão e a preocupação da pesquisa também não merecem lugar de destaque. Para eles, nós que fazemos extensão e pesquisa como ações indissociáveis da prática acadêmica e tão importantes quanto ensinar, somos meros 'enchedores de linguiça'. Para eles, somos pessoas que querem ficar livres da sala de aula, o que me faz pensar em 03 segmentos de análise: na psicologia, pois pressupõe a necessidade de justificativa para um fato, muitas das vezes criado por mim mesmo para justificar minhas lacunas pessoais; na política, por buscar culpa e culpados numa atitude muitas vezes de receio de que descubram que aquilo que acuso é de fato aquilo que sou e no discurso, particularmente, pelo fato de procurar contaminar outras pessoas com ideias mal construídas, nada fundamentadas e pouco consistentes, infelizmente apoiadas por alguns que também se encontram a deriva.

Ex- Coordenador do Curso de Educação Física do CAMEAM

A experiência como coordenador de curso foi única. Nela vários elementos vieram a tona. O primeiro deles era o fato de eu estar a bastante tempo afastado das produções da Educação Física e quando uso a expressão afastado levo em conta meu histórico pessoal de passagem e permanência em vários outros cursos de universidade privada, 09 (nove) no total: engenharia civil, jornalismo, publicidade, pedagogia, letras, odontologia, arquitetura, engenharia da computação e sistemas de informação, sempre com as disciplinas introdutórias à Sociologia, Antropologia e Metodologia. Apenas em 2005 tive oportunidade de retomar o curso de Educação Física em universidade privada mas mantive sempre o foco nas disciplinas acima. Mas também nos cursos de pós graduação na Educação com diferentes enfoques.

Esses focos foram exatamente a mentalidade de me levou a propôr candidatura à coordenação, a pensar novas estratégias para o curso, a abraçar causas como a melhoria da estrutura física, material e humana para a Educação Física do CAMEAM. Uma atitude nem sempre percebida, mas felizmente apoiada significativamente por um grupo que carinhosamente chamo de Os resistentes, nome que traz consigo, anos e anos de trabalho árduo, sério e combativo, pessoas que tenho todo o respeito.

Como coordenador do Curso, não nego meus vícios nem as virtudes do meu trabalho e as minhas pessoais, apenas destaco que a aposta nas crenças que envolviam o crescimento do curso, da área e da politização dos sujeitos foram maiores que as adversidades e repetiria muitas das ações, se não todas. Hoje com a mentalidade que tenho, agradeceria a oposição que tive no início do trabalho da coordenação, foi ela e não outra atitude que me fizeram repensar vários aspectos que antes pareciam puro revanchismo.

Uma posição que contraria fortemente os avanços conquistados a duras penas pelo grupo de professores (os resistentes) com o apoio de alunos e de uma secretariado eficiente e aqui destaco a atuação de Marcelia Aquino, uma

parceira exemplar e avessa a qualquer postura de revanche, retaliação ou derrotismos, assim como a nova versão que se desenhava da coordenação do curso e aquilo que merecíamos, tudo em sintonia com a direção do campus e a proposição da nova direção encabeçada pelos professores Gilton Sampaio de Joseney Queiroz. Olhávamos para a frente, tínhamos pressa, queríamos ver o campus crescer e ver resultados. Uma doce utopia que alimentávamos e alimentamos neste momento. Combustível sem o qual não compreendemos a prática acadêmica.

Uma compreensão nem sempre percebida pelos dirigentes da UERN e aqui me refiro objetivamente a reitor e pro-reitor de administração. Num episódio em que necessitávamos de respostas quanto a construção da quadra de esportes e da pista de atletismo, até por serem recursos assegurados pelo mandato da deputada Fátima Bezerra e as informações não chegavam, tomei a atitude em conformidade com os colegas do curso de procurar esclarecimentos com o Ministério Público. A atitude foi interpretada pelo reitor e pelo pró-reitor como quebra de hierarquia e como um dos meus desmandos, mas foi somente isso que fez com que fossemos recebidos pelos mesmos e que pudéssemos esclarecer minimamente uma situação que, até onde sei, se arrasta até os dias de hoje.

Em linhas gerais a experiência da coordenação foi bastante satisfatória e aquilo que defendia na época está mais forte hoje. Creio que todos os professores deveriam ter essa mesma oportunidade de coordenar, somente assim percebemos os limites da ação de um dirigente e deixamos de o considerar Deus ou negligente.

DEPOIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DO CAMEAM

D4

Falar de CAMEAM representa, para mim, evocar duas histórias: a do CAMEAM e a de minha relação com o CAMEAM. Duas histórias que podem ser traduzidas por duas palavras: transformação e conquista.

Desde que adentrei, pela primeira vez, nos “muros” do CAMEAM, lá em 2001, muita coisa mudou nele e em minha vida. Adianto, desde já, que falar de CAMEAM é falar também de minha vida nesses últimos dez anos, até porque, se tivesse que escrever a história de minha vida, este *Campus* seria o palco onde a maioria das cenas mais importantes seria gravada. Como não interessa a história da minha vida, tentarei me policiar e falar do CAMEAM, tentarei, pois, recuperar fatos que marcaram a história deste Campus, mesmo sabendo que uma hora ou outra corro o risco de não separar os fatos do *Campus* dos de minha relação com ele.

Obviamente, pelo intervalo de tempo que vivenciei a história do CAMEAM, muita coisa teria para dizer, caso optasse por descrever cada acontecimento que marca sua história. Optei, pois, por falar de forma mais geral, tentando dizer o que foi o CAMEAM quando entrei nele pela primeira vez e que é o CAMEAM de hoje. Pois bem, O CAMEAM é transformação e conquista. Pode ser no plural, TRANSFORMAÇÕES e CONQUISTAS, para dá uma conotação mais real dos fatos.

Então, o que era o CAMEAM lá em 2001? Para responder a essa pergunta, reproduz abaixo um trecho de uma música de Vinicius de Moraes, que, metaforicamente falando, traduz algumas das impressões que tenho hoje daquele CAMEAM de 2001:

Era uma casa muito engraçada/ Não tinha teto, não tinha nada/[...] Ninguém podia dormir na rede/Porque na casa não tinha parede.

Se digo hoje que era um CAMEAM sem graça, que “não tinha nada”, é porque era um CAMEAM sem a efervescência acadêmica que respiramos nele hoje. Não que fosse um lugar feito sem esmero. Pelo contrário, era um CAMEAM com vida, feito de gente acolhedora, gente com sede de construir uma história de mudança e de mudar a vida de muita gente (inclusive a minha). E foi essa gente que foi, aos poucos, apesar do histórico de dificuldades e de adversidades, tornando essa “casa” mais engraçada, reformando seu “teto” e ampliando suas “paredes”, para que fosse possível “armar mais redes” e abrigar mais outras tantas gentes.

Era sem graça porque era um CAMEAM de 03 cursos apenas: Letras, Pedagogia e Economia. Não que esses 03 cursos, seus professores e o aprendizado fossem sem graça. Era sem graça, porque era um CAMEAM que tinha pouco a oferecer além das atividades de ensino e das condições materiais (embora bastante limitadas) para o desenvolvimento do ensino. Era sem graça porque não se ouvia falar de extensão, de pesquisa, de iniciação científica, de eventos de grande porte. Era sem graça porque não se tinha acesso a computador (no Departamento de Letras, por exemplo, tinha apenas

um e pré-histórico) e à internet, porque a biblioteca tinha acervo pobre, enfim; em síntese, porque não se poderia sonhar com uma vida acadêmica.

Eram tempos difíceis. Tempos que começam a tomar um rumo de mudança em 2003, com a gestão encabeçada pela profa. Maura Cavalcante Moraes de Sá, que, com sua dedicação, empenho e zelo com a coisa pública e compromisso com o desenvolvimento da região, possibilitou inúmeras conquistas para o CAMEAM, dentre as quais, destaco: ampliação de cursos de graduação (de 03 para 07) e de especialização, ampliação do quadro de professores e de funcionários (contratados a partir de processos seletivos e de concursos), bem como ampliação e reestruturação do espaço físico do *Campus*. Não se pode deixar de destacar também o apoio que a gestão da professora Maura passou a dá às atividades de extensão e de pesquisa e à política de capacitação docente. Ainda assim, os tempos difíceis não se encontravam superados, até como uma decorrência natural do crescimento e da ampliação das atividades do CAMEAM, assim como da falta de planejamento da UERN.

A mudança iniciada na gestão da professora Maura vem se consolidar na gestão encabeçada pelo professor Gilton Sampaio de Souza. Com uma visão acadêmica, o professor Gilton Sampaio legou-nos uma gestão que se deixou marcar pela continuidade de um projeto anterior e, fundamentalmente, pelo seu aprimoramento. Nessa gestão, viu-se uma preocupação com a dinamização das atividades e com a autonomia departamental, um apoio irrestrito às atividades de pesquisa e de extensão entre os docentes e discentes, ampliação e reestruturação de espaços físicos (inclusive com a criação de espaços para grupos de pesquisa de todos os cursos), bem como a implementação do mestrado em Letras, dentre outras tantas ações, que trouxe tantos benefícios para todos os segmentos do CAMEAM.

Se lá em 2001 a “casa era sem graça”, com as transformações e conquistas que se deram nesses últimos 10 anos, se tem hoje um CAMEAM totalmente diferente, um CAMEAM que vive e respira o espírito do fazer acadêmico. Um espaço onde, ainda que não nas condições mais ideais, se pode, além de ensinar, realizar atividades de extensão e de pesquisa, de ser um profissional bem qualificado, preparado para os desafios do mercado de trabalho. E, mais que isso, um espaço onde se pode sonhar com a possibilidade de seguir uma carreira, de mudar de vida, de fazer sua própria história e com bem menos sacrifícios do que antes.

O que é o CAMEAM para mim.

D5

Ingressei no Curso de Pedagogia – UERN/CAMEAM em 1995. De início, vivia o dilema da dúvida sobre “o que queria realmente”, se o curso escolhido era satisfatório para mim. Foram dias de angústias e muita introspecção, tudo era novo.

Depois, me apaixonei pelo curso e fui atingida pela síndrome que ludibria, embriaga, ou seja, a vontade de ser professor incondicionalmente. Acredito que esse despertar foi decorrência das vivências no curso e do ensino de muitos professores que tive e que admiro até hoje.

Não se fala no hoje, sem relembrar o CAMEAM de meu tempo, como tudo era diferente... A começar pela estrutura rudimentar, simples, que assemelhava-se a uma antiga escola básica. Apenas três cursos: Pedagogia, Letras e Economia. Existia somente o prédio que hoje chamamos de antigo e no qual permanecem exatamente os mesmos cursos e a diretoria.

As atividades eram voltadas somente para o ensino, quase não ouvíamos falar em grupos de pesquisa e extensão. Nós, não éramos estimulados/trabalhados para iniciação científica. Os professores não tinham titulação de mestre ou doutor, eram apenas graduados ou especialistas, mas afirmo que eram bastante dedicados ao ensino.

Com o passar dos tempos começaram a surgir os eventos, lembro-me da I Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (I SELLP), em 1997, coordenada pelo professor Gilton Sampaio, hoje diretor do Campus. Logo, começaram abrir novos horizontes, apareceram mais eventos e lembro-me que eu corria atrás de certificados e mais certificados de mini-cursos e seminários, pois até aí não sabíamos o que era publicar artigo, lattes, CNPq, etc.

Conclui em 1998, com todas as limitações sei que devo muito ao CAMEAM e ao curso de Pedagogia, acompanhei lutas pela democratização, lideradas pelas professoras Maura e Valdilene e pelo professor Gilton, luta que levantava a bandeira da democracia e o anseio por uma universidade mais aberta e igualitária, abominando todo e qualquer resquício de coronelismo e abuso de poder.

Posso dizer com propriedade, tendo em vista que permaneço no referido Campus até hoje, que acompanhei uma história de avanços significativos. Após concluir especialização no Campus Central em 2001, retornei ao CAMEAM em 2002 para lecionar no Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica – PROFORMAÇÃO, e pude constatar que aos poucos esse Campus tomava novos rumos. Até 2005, trabalhei no programa e fui professora substituta do Departamento de Pedagogia.

Em 2006, eram perceptíveis as transformações estruturais e acadêmicas, erguiam-se novos prédios, surgiam novos cursos, falava-se agora em pesquisa, extensão. Os alunos participavam ativamente de Congressos, Fóruns, Simpósios. Eram incentivados a pesquisa e publicação de artigos. Então, resolvi fazer uma especialização em Literatura Infanto-Juvenil, ofertada pelo curso de Letras, pretendia me aproximar melhor da linguagem falada, visto que nos anos de graduação, não tive oportunidade de publicar artigos ou participar de grupos de pesquisa. Digo que o retorno como aluna, foi algo

fabuloso para mim. Vivenciei momentos de descobertas e degustei novas fontes de conhecimento (ler, pesquisar, analisar, publicar, etc.). Parece que revivi o passado com o tom do aprender, inovar, acrescentar, multiplicar conhecimentos. Em 2009, retornei efetivamente para o CAMEAM, agora como docente do Curso de Pedagogia.

Se tivesse que descrever o que foi o CAMEAM para mim, diria, sem demagogia, que foi e continua sendo uma fonte de conhecimentos, que me incita a correr em busca dos sonhos profissionais, diria que carrega a história de pessoas que admiro e que me espelho, pela trajetória de luta e conquistas, assim essas histórias parecem se confundir com a minha. Essas histórias ensinam que o CAMEAM propicia crescimento profissional, basta acreditar nisso.

DEPOIMENTO

D6

Numa região encravada no sertão nordestino, longe dos grandes centros e sem muitos atrativos econômicos, a busca por um curso superior torna-se a única oportunidade para os jovens que nascem por aqui, especialmente para os jovens oriundos de famílias pobres. Entretanto, na década de 1990, o acesso à educação superior nessa região era muito restrito, tínhamos apenas o *Campus* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em Pau dos Ferros que ofertava 135 vagas divididas em três cursos: Ciências Econômicas, Letras e Pedagogia. Fora isso apenas quem podia se dirigir a cidades mais distantes como Mossoró (RN) ou Souza (PB) tinha outras opções de cursos.

Falar do *Campus* Avançado “Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia”, ou simplesmente CAMEAM, dos momentos, dos fatos importantes, da sua história é, portanto, ao mesmo tempo falar de uma parte da minha vida, e de uma parte significativa tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos. Ingressamos como aluna no curso de Ciências Econômicas em 1992, o *Campus* era pequeno, as condições precárias, as dificuldades enormes, mas com muita luta, os professores e técnicos conseguiam mantê-lo em funcionamento e a cada ano saiam para o mercado uma gama de profissionais qualificados. Como reza o Cerimonial da UERN nas Colações de Grau “Licenciados em Letras e Pedagogia, e Bacharéis em Ciências Econômicas”. Em janeiro de 1997 eu era uma das Bacharelas em Ciências Econômicas.

Em março de 1997, após passar por um processo seletivo no Departamento de Economia, passamos a atuar como professora substituta do CAMEAM/UERN. Um ano depois, participamos de concurso público para docente, no qual obtivemos aprovação, e no dia 02 de março de 1998, tomamos posse como professora efetiva, lotada no Departamento de Economia deste *Campus*, função que assumimos até hoje. Afastamo-nos apenas em dois momentos para capacitação (1999-2001 para cursar Mestrado e em 2010 para cursar doutorado).

Durante esses mais de 10 anos de docência, tivemos a oportunidade de atuar também em atividades de gestão, nas quais adquirimos muita experiência e conhecimento. Primeiro como Chefe do Departamento de Economia em duas gestões (2004-2006; 2006-2008), e, depois na Direção do *Campus*, como Vice-Diretora (2007-2010).

Como docente e como gestora participamos de diversas lutas, das quais gostaríamos de destacar, a luta para a ampliação de vagas através da criação de novos cursos. Os obstáculos eram grandes, e muitas vezes, diante de conjunturas desfavoráveis, parecia um sonho distante. Mas os segmentos deste *Campus* (professores, técnicos e alunos) não desistiram e com o apoio da sociedade civil e da classe política da região, em 2004 foram criados no *Campus* de Pau dos Ferros, os cursos de Administração, Educação Física, Enfermagem e Geografia. As vagas na graduação foram ampliadas para 342, e as opções de 03 para 09 (levando em consideração que os candidatos que optassem por Letras, já escolhiam na inscrição entre Português, Inglês ou Espanhol).

Com os cursos implementados, os desafios eram outros, se direcionavam para a consolidação desses cursos (equipar os laboratórios, adquirir a bibliografia básica, contratar professores e técnicos, construir espaço físico, etc.), enfim, garantir a funcionalidade dos “cursos novos” e dos “antigos” com qualidade e implantar a pós-graduação *strictu sensu* eram questões imprescindíveis naquele momento. Esses e outros desafios nos impulsionaram a compor juntamente com o professor Gilton Sampaio a chapa para a Direção do Campus em 2007, na condição de Vice-Diretora.

Durante os dois anos e sete meses, em que atuamos na Direção em conjunto com Gilton e nossa equipe administrativa, contribuimos e acompanhamos de perto a consolidação dos “novos cursos”, todos com reconhecimento do Conselho Estadual de Educação; a implementação do Mestrado em Letras; a construção do edifício vertical com três pavimentos que praticamente dobrou a capacidade física do Campus; a descentralização de poderes para os departamentos e demais setores acadêmicos e administrativos; a ampliação das atividades de pesquisa e extensão; o estabelecimento de parcerias com outras instituições e segmentos da sociedade civil; dentre outras tantas atividades realizadas nessa gestão.

Atualmente estamos em capacitação, cursando doutorado em Ciências Sociais na UFRN, sempre em busca de ampliar nossos conhecimentos teóricos e práticos no intuito de podermos contribuir de forma mais significativa para o Departamento de Economia e para o Campus, bem como para o desenvolvimento socioeconômico de Pau dos Ferros e do Alto Oeste Potiguar.

Ficamos felizes e agradecemos a oportunidade que o GPET nos deu de poder falar um pouco sobre nossa vivência no CAMEAM, é uma forma de relembra-los muitas conquistas e ao mesmo tempo traçar novas metas para a nossa vida acadêmica, sem falar que nos permitiu matar um pouco as saudades que temos depois de quase um ano e meio afastada do lugar que consideramos nosso segundo lar.

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Faculdade de Letras e Artes
Departamento de Letras Vernáculas**

D7

No CAMEAM: Viveres e Relatos

Mossoró, 2011.

No CAMEAM: Viveres e Relatos

Texto produzido para o banco de dados do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto/GPET do CAMEAM/UERN.

Aos que são ou foram profissionais do ensino no CAMEAM/UERN.
E aos que desejam ser.

Aos educadores das redes estadual e municipal de ensino de Pau dos
Ferrois.

Aos que acreditam no valor humano e na sua ascensão pela educação.

A meu pai, Francisco Henrique dos Santos e à minha avó materna
Quitéria Maria Bezerra (in memoriam). Mesmo distantes pelo corpo físico, são
centelhas constantes no meu viver. Ele, pelas reservas dos diálogos na
infância; ela, por acompanhar, mesmo analfabeta, cada passo de minha
formação.

No CAMEAM: Viveres e Relatos

Introdução

Convidada pelo Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto – GPET, do CAMEAM/UERN, a compor o quadro de informantes de uma pesquisa que tem por razão primeira, a obtenção de dados que viabilizem o registro de vozes que denotem a história deste campus e, conseqüentemente, a história de minha própria vida enquanto cidadã nascida no Juazeiro do Norte, Ceará, mas com formação pessoal e profissional em berço paufferrense, não poderia me negar a chance de testemunhar sobre minha própria essência de ser. Desde a leitura do e-mail-convite até os rabiscos no papel do que seria materializado neste texto, muitas perguntas e imagens se (re) constituíram na galeria dos registros que representam a vida universitária aflorada em minha memória.

O que faz o Campus de uma Universidade Regional numa pequena cidade do interior nordestino? Garante a continuidade ao ensinar e aprender dos que conseguiram trilhar os caminhos da educação básica? Revela o interesse ou a vaidade dos representantes públicos locais? Ratifica o compromisso com o coletivo, com a melhoria da qualidade de vida social? É garantia de sobrevivência aos marginalizados?... Qual a expectativa dos que pensam e dos que alcançam esse saber? ...

E para essas e outras questões que se instalaram em minha mente, à medida que as repetia e as situava a contextos específicos de minha vida pessoal e profissional, o CAMEAM se apresenta como a resposta precisa e significativa. Estou convicta de que ele é força motriz para todos os que estejam dispostos a superar desafios em prol da construção de espaços e pensamentos desencadeadores de lutas e práticas sociais pautadas na cidadania, na democracia, na igualdade e liberdade de expressão.

CAMEAM, caro leitor, é a forma reduzida com que identificamos o Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, denominação dada, nessa era da História da Educação Superior do Auto Oeste Potiguar, ao Campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, criado e implantado em Pau dos Ferros pelo Decreto no 15/76 de 28 de setembro de 1976 (ver galeria de fotos em anexo), com licença de funcionamento a partir do ano letivo de 1977, com turmas de 45 alunos, turno noturno e cursos de Pedagogia e Economia. Chegado o momento, mais um curso foi implantado – o de Letras- e mais 45 alunos contemplados.

Naquele momento, sem muita noção do que estava acontecendo, muitos dos que ingressaram na academia, através do ato de criação do CAMEAM, não tiveram a imediata clareza da ascensão social que lhes garantiria e garante até hoje, o sustento de si e de seus familiares. Como eu, que estava concluindo curso ginásial, muitos nem sabiam o valor nem o significado do que seria o ensino superior ou ensino de terceiro grau como ficou popularizado e disseminado entre nós estudantes pobres de Pau dos Ferros, para o desenvolvimento nosso e de nossa região.

De 1977 para cá, são quase trinta e um anos de bons frutos, vez que as primeiras turmas celebraram a conclusão dos cursos de Ciências Econômicas, Letras e Pedagogia em final de 1980. Nesse ano eu também fui concluinte, só que do ensino médio ou segundo grau, tendo sido, portanto, fruto desses primeiros graduados que já eram professores do conhecido Colégio Trinta e Um de Março e que tiveram, neste Campus, a oportunidade de melhorar sua atuação profissional pela formação superior ou pela própria atuação como docente o que, mais que um grau de ensino, lhes deu maturidade para enxergar e operar sobre a realidade dos seus municípios, quer em terras potiguares quer de estados circunvizinhos.

A professora Maura Cavalcante Moraes de Sá é exemplo dessa referência para mim. Quando ingressei no segundo grau, em 1978, seu perfil de professora que se entusiasma e se compromete com o que o aluno faz e sua forma espontânea de tecer comentário acerca dos seus trabalhos e responsabilidades a cumprir, enquanto estudante de Letras me deixava boquiaberta. E em 1982, ao ingressar no curso de Letras do CAMEAM, como graduanda, lá estava a professora Maura, para vivenciarmos a interação professor-aluno mais uma vez e continuarmos a fortalecer os laços de amizade brotada e já consolidada no convívio escolar.

É que a academia nos forma e nos transforma pelo convívio. Muitos de nós que compomos a família uerniana, concebidos e nascidos em ventre paufferrense, somos mantidos pelos laços que, à maneira da consanguinidade, advêm do convívio fraterno iniciado na relação professor-aluno e consubstanciado na relação colega-colega enquanto profissionais da educação a trocar, doar e transformar o saber criado e recriado em prol do crescimento local, regional, nacional ou mundial da coletividade.

1. Ensino Superior no CAMEAM: uma voz, dois dizeres, diferentes olhares.

As palavras que ora seleciono e com as quais crio e adorno o que estou criando, são a própria voz do meu dizer, perpassada por dois dizeres com os quais aqui descrevo, sob distintos olhares, o que sou como estudante e como profissional do CAMEAM, sem me desvencilhar de outros sujeitos/eus que pela voz do dizer em mim concebo. É que é a dimensão de ser que tenho hoje de mim mesma que me faz relatar no agora o que é soma do outrora... Na academia é assim: fazemos da interação pelo conhecimento a performance para o saber fazer; para o saber ser. E esse aprendizado é inacabável.

Assim como a gota de orvalho está para o campo florido, assim também está o Campus de Educação Superior para o município potiguar de Pau dos Ferros e regiões circunvizinhas de outros estados brasileiros, principalmente do Ceará e da Paraíba.

Este campus tem significado ímpar na ascensão intelectual, profissional e moral de muitos cidadãos brasileiros que, tendo apenas o caminho do estudo para vencer os obstáculos e sair da marginalidade não o teriam percorrido, senão o tivessem implantado ali.

Sou exemplo-chave desse fato. Como todos/as aqueles/as jovens, senhores e senhoras que se formaram em 1980, turma pioneira, também

estudei nas dependências do Tarcísio Maia e do Trinta e Um de Março, escolas que nos acolheram nos primeiros sete anos de Universidade; mas a nossa foi a primeira turma a colar grau já nas dependências da sede do Campus, em 1985. Em meio a uma densa chuva que nos fez sair da formalidade e migrar do centro do pátio enlameado para nos abrigarmos nas laterais, pude compreender que a partir daquele ato solene eu poderia romper os laços da indiferença e discriminação social que me rondavam até então e até ingressar no quadro docente da esfera pública do estado no ano seguinte, por concurso. Veio-me, portanto, o despertar para traçar mudanças pelo viés da formação.

1.1 A formação

Destes penhascos.

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!
(Claudio M. da Costa)

O ensino superior, como todo processo de ensino-aprendizagem requer determinação e compromisso. Poder me graduar foi poder ter acesso ao maior bem que a sociedade pôde me proporcionar. Foi um percurso longo e difícil aquele! Mas determinante em minha vida. Para consegui-lo enfrentaria tudo novamente.

Das incontáveis saídas de sala de aula, por exigência da coordenação do curso em dias de prova, por nem sempre ter o dinheiro necessário para pagamento da mensalidade, advindo do trabalho árduo e diário de aulas particulares ministradas para filhos de alguns casais da sociedade paufferrense, aos quais muito devo e agradeço por terem sido significativos para mim, ao discurso oficial que proferi na assembleia de colação de grau, tudo valeu a pena.

Foram muitos os incentivos advindos dos que me conheciam e acreditavam em meu potencial. O bem-estar de vitória e de gratidão está em meu peito até hoje. Daí o porquê dos versos no início desta sessão. Dentre os obstáculos do caminho muitas mãos se estenderam para mim. E eu as segurei com precisão: consegui financiamento do crédito educativo junto ao governo federal, vez que naquele momento o curso era pago; substituí professores na rede de ensino fundamental; ganhei concurso de poesia; participei de congressos; ministrei cursinhos para funcionários do Banco do Brasil; trabalhei no setor de merendas. E, com a discreta observação/reprovação de alguns

estimados professores, fiz alguns trabalhos para os meus colegas em troca de leituras de materiais interessantes que não poderia adquirir.

É prazeroso rever as poucas fotos que tenho dos quatro anos de faculdade. Só nelas tenho registradas minhas primeiras participações em congressos de estudantes (e de pedagogia!) e os momentos solenes da minha formatura: a entrada, o discurso, a satisfação da minha avó materna e o baile (ver galeria de fotos).

1.2 A Profissionalização

O herói

— Papai, o que é um herói?
 Eu pergunto porque tenho grande vontade
 De ser herói também ...
 Será que posso ser herói sem entrar numa guerra?
 Será que posso ser herói sem odiar os homens
 E sem matar alguém?
 (Judas Isgorogota)

O ensino universitário nos oportuniza uma postura problematizadora acerca do conhecimento/saber adquirido e nos conscientiza do nosso papel ante os desafios sociais. Como nos mostram as indagações no poema de Isgorogota, a academia nos permite definir o que fazer do saber adquirido para promover melhoria na realidade que nos cerca.

Em 1986, logo após concluir a graduação fiz um concurso para a rede estadual de ensino e fui aprovada. Atuei no ensino médio e depois no ensino fundamental.

De 1989 a 1991, por três semestres lecionei no CAMEAM, ministrando aulas de Latim, Diacronia do Português e Português Instrumental. Num desses períodos fui professora do professor e meu ex-aluno de ensino médio Gilton Sampaio de Souza e da professora Maria de Fátima de Carvalho Dantas, já colega da rede estadual. O contato com a sala de aula sempre me deu prazer. Um deles era fruto dessa oportunidade de rever pessoas.

Em 1994, houve concurso na universidade com vagas para o CAMEAM. Fui avisada e incentivada a fazê-lo por vários docentes, em especial pelo professor Gilton Sampaio e a professora Maria Edileuza da Costa. Mas não me senti motivada nem com tempo disponível para estudar e não me inscrevi.

Para surpresa minha não houve aprovação suficiente para o preenchimento das vagas e novo concurso foi editado. E o professor Gilton, seguido das professoras Medianeira Souza, Edileuza Costa e Maura Cavalcante não me deram trégua. Parei as atividades docentes por um mês e me dediquei ao estudo da imensa bibliografia recomendada, tão distante da formação curricular de quando eu era graduanda. Aprovada, ingressei no quadro de docentes efetivos do Campus Avançado Professora Maria Elisa de

Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAMEAM/UERN em 04 de outubro de 1994.

Como integrante do universo acadêmico deste Campus, estou inserida nesses dois momentos plurais e singulares de sua história: o da formação e o da profissionalização.

Minhas crenças e atitudes estão maculadas com o crivo da ciência e da base filosófica das discussões e ideologias que se postularam no ir e vir da ação formativa - pela interação com os mestres, quer pelas abordagens dos teóricos que líamos e discutiam, quer pela própria experiência e construção do saber de cada mestre, nas aulas, seminários ou eventos dos quais participávamos - e que se renovam, se reelaboram no exercício da docência, alimentando-o, a fim de que eu possa, assim como os que me antecederam, construir o meu próprio caminho, construir novos saberes, conforme as necessidades e anseios dos sujeitos que ora chegam à academia, habituados e bem acostumados com o uso da tecnologia que tem recursos desafiadores para quem lida com as novas técnicas de aprendizagem.

Na universidade, diferentemente dos outros graus de ensino, há uma constante na vida do educador- a sua ação exige uma atitude filosófica e científica; entre o **ser aprendiz da docência** e o **ser docente aprendiz** há valores e verdades que precisam ser tratados com racionalidade e esmero, pois nossa ação é reguladora e propulsora de todos os demais fazeres profissionais.

Embora muitos de nós, profissionais da construção do saber, não possamos entender e executar um projeto de construção civil, prescrever um medicamento nem conduzir uma orquestra com precisão, necessitamos plantar no seio de cada um desses profissionais competentes a centelha do querer saber para que, pelo viés da curiosidade, dos questionamentos, cheguem a elaborações científico-filosóficas que os levem à descoberta daquilo que poderá vir a ser a razão do seu saber fazer do futuro.

1.3 A projeção pessoal – crescer pelo fazer

Uma das oportunidades mais significativas à minha ascensão pessoal, enquanto discente, foi a de atuar como estagiária, especialmente no da segunda etapa da prática, através do chamado estágio intermunicipal. O contato com educadores da rede municipal de ensino do campo de estágio me proporcionou questionamentos valiosos acerca do fazer docente e da importância de planejar esse fazer com base na realidade dos alunos. A outra foi a aprovação, em 1985, num concurso estadual para professor de licenciatura curta ou P4E. Embora a direção do 14º NURE tenha me impossibilitado de assumir o cargo, aquela foi uma experiência positiva, pois fiquei em primeiro lugar no estado e bem mais disposta a me preparar para o seguinte.

Como docente, dois dos momentos mais marcantes foram o da aprovação em concurso de provas e títulos para o Estado em 1986, recém-formada, e o da presença da professora Maria José Fernandes Diniz em 1994, na sala em que participei da aula de didática, quando fiz o concurso e entrei para o quadro efetivo do CAMEAM/ UERN, para assistir à minha exposição.

Confesso que fiquei tensa, mas feliz pela presença de alguém tão querido e tão próximo, pois naquele momento todos que estavam na sala, me avaliando eram desconhecidos.

Uma vez no seio acadêmico, me especializei em linguística aplicada, no próprio CAMEAM, em programa criado em parceria com professores do DLV/FALA, como o professor Gilberto de Oliveira e o professor Francisco Paulo; me inseri em grupos de pesquisa e me envolvi com trabalhos e congressos.

No período de 1998 a 2003, toda a minha produção está ligada ao CAMEAM: 1) Reflexões sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. In: XVI Jornada de Estudos Linguísticos/GELNE, Fortaleza./UFC, 1998. p. 80-81; 2) Estratégias de Leitura: uma análise de livros didáticos. In: XVII Jornada de Estudos Linguísticos/GELNE, Fortaleza/ UFC, 1999. p. 126; 3) As relações professor-aluno no ensino-aprendizagem de produção de textos: uma abordagem sócio-interacionista. In: II Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros/II SELLP. Pau dos Ferros/UERN, 2000. P. 47; 4) A formação de produtores eficientes de textos orais: um percurso pelas teorias sobre a comunicação oral. In: VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada/ A linguagem como prática/ALAB. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 102-103; 5) Tendências Contemporâneas no Ensino de Línguas: sua presença no Brasil. In: III Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros/III SELLP. Pau dos Ferros/UERN, 2002. p. 65; 6) A prática de produção textual nas escolas: uma análise. In: Sociedade Brasileira para o Progresso e a Ciências, Recife. SBPC, 2003(Cf. <http://lattes.cnpq.br/0256088359469225>)

Em outubro de 2004, com o intuito de ir a Cuba, defender tese de doutoramento pelo programa interinstitucional UERN/U.HABANA, migro para o Campus Central. Por razões não bem esclarecidas para mim, não fomos a Havana nem tivemos a defesa até hoje, embora tenhamos qualificado tese, realizado exame de proficiência, providenciado passaporte, dentre outros. Apesar da experiência adquirida ao longo das atividades de doutorado, de 2000 a 2004, com apoio e assistência do CAMEAM, não sou doutora, ainda. Mas o serei.

Sei que se estivesse no CAMEAM, estaria mestra ou mesmo doutora. Confesso que quando olho cada edital de inscrição para o mestrado de Letras/PPGL, em especial na linha de pesquisa Literatura, memória e identidade/GECLIT, fico encantada e tentada a fazer. O que me segura é o compromisso que tenho com o Departamento de Letras Vernáculas, do qual sou chefe até setembro que vem. Mas estou satisfeita com o que faço. Daqui a pouco o quadro do DLV estará com a atual meta de capacitação docente satisfatória e chegará minha vez. A chefia é uma oportunidade nova que estou vivenciando enquanto os colegas se capacitam e que pretendo notificar no que devo chamar de “relatos de um gestor principiante”.

Mas continuo sendo uma projeção acadêmica deste Campus. De uma Maura, que me instigou o entusiasmo pelo que faço, independente de titulação, pois a formação se busca; de um Gilton, garoto que foi meu cobaia duas vezes, durante o segundo grau e na graduação/CAMEAM, que é projeção nossa, minha e de Maura, mostrando a rotatividade do conhecimento nas oportunidades que se nos apresentam. Embora especialistas, com maior tempo de experiência em anos de vida e de sacerdócio, temos um filho precoce em juventude e ousadia, que percorre os caminhos da ciência da educação com

metas conscientes e determinadas e com ações alcançadas, conduzindo-nos com ele em cada projeto em que consegue articular parceiros, em nome da construção do saber.

2. O impacto social do CAMEAM no seio do sertão nordestino

O CAMEAM é, pela áurea dos poetas que me emprestaram seus sábios versos, essa **alma terna e peito sem dureza** que nos acolhe e nos escuta como um pai escuta um filho que o interpela sobre o que é ser herói ao mesmo tempo em que demonstra clareza na visão que tem, de fato, do que é ser herói; e expressa seu desejo de ser herói, mas um herói diferente, com seu próprio jeito de ver e perceber a realidade e transformá-la pelas suas convicções, avessas ao que seja heroísmo na guerra, na violência.

Como aquele pai ele (CAMEAM) não responde, mas sabe que o filho buscará resposta em sua própria caminhada e encontrará a sua forma de saber fazer. Uma vez levado a questionar-se sobre si, sobre o entorno social em que está inserido, cada ser é capaz de discernir sobre que tipo de herói quer ser na construção do que lhe for oportuno. E isso o espaço acadêmico do CAMEAM tem feito.

Por meio de constantes parcerias e de programas que somam esforços de toda a UERN (de todos os campi universitários), da UFRN, da UFERSA, além de outras IES brasileiras e internacionais, essa célula acadêmico-científica, que se projeta desde 1977, articula e executa atividades de ensino, pesquisa e extensão e permite que milhares de homens e mulheres, jovens e adultos que nela se formam, possam se tornar pessoas mais autônomas e mais motivadas para atuar nos setores sociais para os quais tenham feito ou venham a fazer opção, em qualquer parte do país e /ou do mundo onde lhes for oportuno.

De 1891, quando a Constituição da República descentralizou a oferta desta modalidade de ensino, existente em terras brasileiras desde 1808, com a vinda da família real portuguesa, mas sem que governos estaduais e/ou setores de iniciativa privada lhe tivessem acesso, até o ano de 1976, quando foi criado este Campus, temos 85 anos de história do ensino universitário no Brasil. Temos 43anos de UERN e 35 anos de CAMEAM.

Significa dizer que das oito décadas de existência da universidade brasileira, quatro delas marca sua existência em solo mossoroense e três em solo paufferrense. O Campus Avançado da UERN, implantado em Pau dos Ferros em 1976, tem, portanto, papel relevante na história do desenvolvimento da comunidade acadêmico-científica nacional, dada a velocidade com que, nesses pouco tempo de existência já conseguiu titular milhares de profissionais para o mercado, por meio de cursos de graduação- Ciências Econômicas; Pedagogia; Letras com habilitações em Língua Espanhola, Língua Inglesa e Língua Portuguesa; Administração; Educação Física, Enfermagem e Geografia - pós-graduação lato sensu e stricto sensu. Conta com um projeto de implantação do programa de doutorado.

A UERN, apesar da postura política de nossos atuais governantes não demonstrar com a merecida clareza, tem um inestimável valor para nosso Estado e País. É o maior patrimônio intelectual que temos para garantir a

qualquer cidadão potiguar um ensino público, gratuito e de qualidade que o torne capaz de, pelo caminho da formação, atuar na sociedade e contribuir para o desenvolvimento de outros cidadãos. E o CAMEAM tem comprovado isso.

3. Preito de Gratidão

E para finalizar este trabalho, não poderia deixar de expressar, nesta sessão e, em nome de todos os que pensaram e alcançaram o saber que ora operacionaliza a melhora de suas vidas e de seu entorno social por intermédio do CAMEAM, meu testemunho de gratidão aos que me proporcionaram realização pessoal.

Para não correr o risco de esquecer alguém dentre todos aqueles a quem, direta ou indiretamente, sou grata, limitei-me a referendar os ex-diretores, em nome dos quais saúdo toda a comunidade universitária:

À Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia -(10/1976 a 11/1989) e (11/1993 a 12/1995), pelo momento primeiro. Sem ele nada do que sou teria um sentido tão plural;

Ao Dr. Nelson Benício Maia Filho (12/1989 a 10/1993), pela oportunidade de atuar como professor pró-labore no Curso de Letras; foi meu primeiro exercício para a aula de didática;

Ao Professor Antônio de Lisboa Batista (12/1995 a 01/1999), pelo incentivo e reconhecimento de minha potencialidade de escrita; pelos concursos literários;

À Professora Tércia Maria Batalha (02/1999 a 08/1999), pela oportunidade de atuar no Programa de Formação de Professores em Exercício – Proformação, interagindo com profissionais do ensino de diversas localidades dispostos e inovar o fazer pedagógico à luz reflexão acadêmica;

À Professora Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo (08/1999 a 08/2003). Sempre presente em minha formação, me designava tarefas docente com fim de, discretamente, me auxiliar nas finanças e na autoestima; defensora ferrenha da democracia, assume esta função com a aceitação da comunidade acadêmica;

À Professora Maura Cavalcante Moraes de Sá (08/2003 a 07/2007), pelo exemplo de coerência e firmeza de seu atos em todas as circunstâncias do nosso convívio, iniciado em 1978, no 31 de Março. Lá encontrei uma professora e ganhei uma irmã-amiga para toda a vida;

Ao Professor Gilton Sampaio de Souza, (08/2007 a 08/2011) pelo exemplo de dedicação à academia e pelo bem social; pelo empenho em articular toda a comunidade acadêmica em prol do melhor fazer. Pelo incentivo à minha inclusão no ambiente da docência universitária.

Considerações finais

Podemos perceber o CAMEAM como um centro laboratorial das novas tecnologias que inserem o homem atual num mundo de comunicação universal, globalizada, eliminando distâncias que para nós eram parâmetros de relacionamento, tais como os limites norte/sul, Brasil/Japão. Como nos disse sabiamente Delors (2000) há uma década, no relatório para a UNESCO, sobre a educação para o século XXI,

as informações mais rigorosas e mais atualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, muitas vezes, em tempo real, e atingem as regiões mais recônditas. Em breve, a interatividade permitirá não só emitir e receber informações, mas também dialogar, discutir e transmitir informações e conhecimentos sem limite de distância ou de tempo. (Delors, 2000:39-40)

Esse “em breve” é o nosso presente, com a interatividade de todos os avanços que temos vivenciado hoje na academia e fora dela. E exige novas posturas dos sistemas educativos, que podem fazer a diferença na vida de milhares de cidadãos de diversas sociedades, através de programas e projetos que propiciem aos formandos, mais que escutar aulas e fazer provas ou obter um diploma, ter a visão clara do futuro, a fim de que mais tarde, quando perceberem que o processo de aprendizagem evoluiu com o cidadão, não se sintam impotentes para reconstruir o saber, e o seu próprio saber, renovado a partir do esforço individual e coletivo.

Espero ter atendido, neste breve relato, ao objetivo primeiro a que me propus: contribuir com a pesquisa do GPET. Que os dados sejam relevantes, como tantos outros que lhe chegarão com “histórias, momentos, experiências, narrativas e fatos que mereçam ser registrados na memória deste Campus”, a fim de garantir a continuidade da dinâmica social que se operacionaliza no seio deste espaço acadêmico.

Referência bibliográfica:

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2000.

DECRETO 15/76, de 28/09/1976 (Obtido em visita ao CAMEAM).

Depoimento

D8

É muito difícil produzir um depoimento com relação ao CAMEAM, quando nele se vivenciou muitas coisas, e boas inclusive. Em janeiro de 2005, quando estava cursando o 5º período do curso Letras, meus colegas de turma e eu fomos solicitados a escrever um texto, uma espécie de Memórias ou Memorial. Resisti o quanto pude para escrever o texto, que devia ser entregue no final da disciplina, conforme sugestão do professor. Enfim saiu. Lá pelas páginas finais das tais Memórias, onde constavam as expectativas para o futuro, vejam só o que eu dizia: “pretendo crescer nessa área (vejo num futuro não tão distante uma pós-graduação... um mestrado... um doutorado). Quem sabe?” (Conforme caderno pessoal). Assim como diz esse trecho, deixei marcado em muitos outros momentos do texto o que eu pensava do meu curso, o que eu acreditava que ele me creditaria na vida acadêmica e profissional. E tudo creditou de fato. O mestrado chegou, bem logo antes de receber o diploma, o doutorado está em andamento, a busca pelo crescimento na área continua sem previsão de cessar, porque isso se impõe como necessário por toda a minha vida de atuação profissional. Esse texto das Memórias me vem à mente agora, justamente como parte de um momento especial, um momento de felicidade por estar no curso Letras, um momento de crença na realização profissional, na continuação dos estudos. A escrita das Memórias coincidiu com o ano em que adentrei com maior e melhor afinco no mundo da pesquisa, pela via da Bolsa do PIBIC/CNPq e, sem mais palavras, bem já nas últimas linhas eu dizia assim, feito num estilo (querendo-ser-quem-sabe-talvez) quase machadiano, mas me metendo a besta de dizer diferente, pois vejam: “Não pretendo, jamais, que o último capítulo da minha vida seja todo de negativas, pois quero alcançar a celebridade do Doutorado [...]”. (Conforme caderno pessoal). O que destaco neste meu depoimento é a confiança que o curso Letras me passou muito bem cedo. Foi-me plantada a ideia de “ir mais longe” e eu acreditei. Sem alguém para me convencer disso (meu orientador de pesquisa, meus professores, colegas de turma, as colegas bolsistas “pibiquianas”), talvez não fosse hoje a satisfeita professora do departamento de Letras do CAMEAM/UERN, para onde retornei e retornaria

outra vez, e mais outra, e outra ainda. Continuo acreditando que mais “celebridades” virão...

LEMBRANDO UM POUCO O QUE E COMO ERA O CAMPUS
AVANÇADO DE PAU DOS FERROS NOS ANOS 80

D9

Ainda cursava a graduação na UFRN em Natal quando já se ouvia falar da satisfação não só dos conterrâneos, mas também dos munícipes de toda a região circundante, pela presença de uma Universidade em Pau dos Ferros, através de um *Campus* da FURRN – Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Entre os graduandos pioneiros nesse Campus, estava minha mãe, que se orgulhava em ser estudante universitária no Campus Avançado de Pau dos Ferros.

Na época havia poucas pessoas “formadas” na cidade, diga-se, com curso de graduação, não só nas licenciaturas, mas em alguns bacharelados, e com interesse na docência do ensino superior e isso contribuía também para a configuração de um quadro onde se evidenciava a carência de professores, para lecionarem nos cursos existentes na época (Economia, Letras e Pedagogia).

No início dos Anos 80 passei a fazer parte do quadro docente do Campus de Pau dos Ferros a convite da coordenação do Campus e, a exemplo dos demais docentes só tinha o curso de graduação, no meu caso era Licenciatura em Geografia. Em geral, os docentes contratados na época, ficavam com disciplinas que atendessem as demandas dos três cursos. Exemplificando o meu caso, lecionava no Curso de Economia a disciplina Geografia Econômica, no de Letras a disciplina Introdução à Educação, e no de Pedagogia as disciplinas História da Educação, História da Educação Brasileira, e Técnicas Audiovisuais em Educação. A média de disciplinas por professor era quatro ou cinco no semestre já que a Universidade atuava predominantemente ou quase exclusivamente com a atividade de Ensino.

É importante registrar que a FURRN cobrava taxas mensais dos estudantes para a sua manutenção, e esta acontecia em condições um tanto precárias já que o seu quadro docente, aliás, o seu quadro funcional em geral, passava até mais de seis meses para receber seus vencimentos e através de cheque nominal. E no caso dos professores eram pagos por horas-aulas ministradas em cada mês.

As aulas eram predominantemente expositivas, com cópia do resumo e em algumas vezes quase de um texto inteiro do conteúdo no quadro, principalmente quando não dava para ser reproduzido através do mimeógrafo e distribuído na forma de apostilhas. Não se cogitava pedir para o aluno comprar livros porque já pagava com dificuldades as taxas mensais e os alunos dos outros municípios ainda tinham os custos mais elevados com o pagamento de transporte. E o que poderíamos chamar de Biblioteca resumia-se a alguns títulos escassos com pouquíssimos exemplares dispostos em algumas estantes de aço. E isso ainda dividindo o mesmo espaço com setores da administração.

Falando nisso, a situação estrutural do Campus de Pau dos Ferros deixava a desejar já que não tinha sede própria e cada curso funcionava num prédio diferente da rede pública de ensino estadual. Tinha que se fazer um verdadeiro malabarismo, principalmente quem dava aulas num mesmo dia em

curiosos diferentes. O meio utilizado para enfrentar a situação era através de uma Kombi que pertencia à FURRN e ficava fazendo o deslocamento dos servidores de um local a outro de acordo com as necessidades. Vale salientar que a secretaria do Campus funcionava num outro local, portanto era um único campus funcionando em quatro locais diferentes.

Essas são as lembranças que ficaram de um esforço conjuntural para ver funcionar uma universidade nesses recônditos do estado do Rio Grande do Norte. Percebia-se um grande espírito de luta e doação para ver a coisa acontecer, não só dos que constituíam os segmentos da instituição, mas da comunidade em geral, inclusive das regiões circunvizinhas. A exemplo disso presenciávamos os esforços conjuntos em prol de seu Reconhecimento e sua Estadualização, marcos significativos desse comprometimento.

Nesse contexto, o Campus de Pau dos Ferros, hoje CAMEAM (Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”), tem marcado expressivamente sua trajetória contando sempre com o envolvimento e compromisso de todos. Hoje, já aposentada, com trinta anos dedicados à Instituição como docente no Campus de Pau dos Ferros, deixo meu testemunho com orgulho de ter servido à Instituição e de forma especial no CAMEAM, pelo que esse Campus foi e é, hoje, destacando-se expressivamente com ações e projetos que são dignos de um amplo reconhecimento que extrapolam a dimensão do local.

A relevância do CAMEAM para o Alto Oeste Potiguar: um relato de experiência

D10

É perceptível que o CAMEAM tem cada vez mais se fortalecido enquanto Instituição, se consolidando como imprescindível para o desenvolvimento sócio-econômico da região do Alto oeste Potiguar e estados circunvizinhos.

O desafio e a responsabilidade que o tempo e o espaço mundializados proporcionam, na medida do possível, geram possibilidades de realização das mudanças necessárias ao fortalecimento deste campus.

Falar da importância do Campus de Pau dos Ferros para o desenvolvimento desta região é falar da oportunidade que este tem proporcionado a pessoas que, assim como eu, deve a sua formação profissional à existência deste Campus.

Se pudesse resumir minha experiência no Campus em uma única palavra, nenhuma outra seria melhor do que esta: GRATIDÃO. Enquanto aluna, tive uma experiência extremamente gratificante, acima de tudo edificante. Relato aqui esta experiência: os estágios que realizei enquanto bolsista do curso de Ciências Econômicas em duas instituições financeiras e uma mista, possibilitam-me valorizar mais o curso, adquirindo algumas experiências práticas. Muito mais do que isso, fazia--me compreender que para minha realização profissional e, assim, como outros jovens oriundos de família pobre que sonhavam ter um curso superior, não precisei recorrer aos grandes centros. Como egressa tive a experiência de ser professora substituta, fazendo-me entender que essa oportunidade me aproximava do meu real caminho profissional. Hoje, atuando como professora no curso de Ciências Econômicas, e vivenciando, apesar das dificuldades, o quanto, nos últimos anos, o CAMEAM, redimensionou-se e renovou-se, reconheço cada vez mais a importância deste Campus para o desenvolvimento da região do Alto Oeste e das cidades circunvizinhas.